VINGANÇA.

VINGANÇA

ROMANCE ORIGINAL

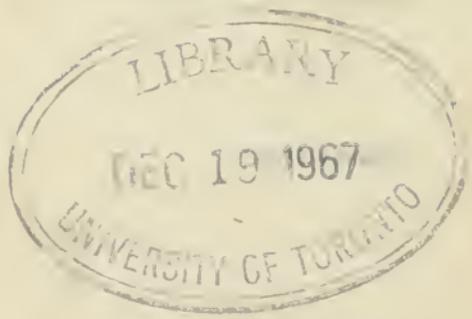
POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Este sucesso passò en nuestros tiempos, del qual he tenido noticia de los mismos a quien sucediò, y yo me he animado a escrivirle, para que cada uno mire lo que haze, pues al fin se paga todo.

DONA MARIA DE ZAYES Y SOTOMAIOR. (*Novelas Amorosas.*)

SEGUNDA EDIÇÃO.

PORTO:
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
Rua dos Caldeireiros n.os 18 e 20.
1863.

VINGANÇA.

I.

> ..... *El hombre tiene*
> *Cosas bien estrafalarias.*
> MORATIN (El Viejo y la Niña.)

Em Agosto de 1850, á mesa-redonda dos *Irmãos Unidos*, em Lisboa, no largo do Rocio, jantavam dez ou doze pessoas que se não conheciam.

Um dos convivas, escriptor provinciano, e tagarello expansivo, escolhera aquella hospedaria para ter um auditorio certo. Nos primeiros dias sorrira-lhe a fortuna. Alcançára, em vesperas de partida, alguns deputados minhotos, que se desforravam, de tarde, com as belfas rubicundas e palito nos dentes, do silencio religioso com que assistiam, de manhã, aos mysterios eleuzinos do parlamento.

A eloquencia do escriptor portuense não se acanhava em presença dos Ciceros e Hortensios sertanejos, mormente depois que o afoutou o convencimento de que não eram elles homens que lh'a podessem desdenhar. Algum d'esses lhe assopráru tanto as basofias da loquacidade que o audacioso jornalista chegou a impôr as suas doutrinas economicas aos ouvintes, e estes aceitaram-lh'as como novidade. É certo que, na immediata legislatura com grande pasmo dos oradores notaveis, os procuradores reeleitos do Minho, disseram, com desassombro, algumas sandices, cuja originalidade pertence de direito ao litterato que os iniciára.

Evacuada a hospedaria de deputados, o escriptor achou-se com personagens estranhos, chegados recentemente de varias direcções. Se dirigia a palavra ao visinho da esquerda, offerecendo-lhe uma colher d'arroz, o commensal aceitava o arroz e pedia-lhe uma perna de gallinha; se pedia ao da direita o pote da conserva, acompanhando o requerimento com attestados medicinaes da virtude estomachica do pimentão, o visinho grunhia um arroto approvador, e atoucinhava a fêbra triturando silenciosamente, e envesgando um olho famélico sobre cada iguaria que vinha entrando.

O escriptor estava fulo, e mal podia já conter o insulto aos glotões taciturnos que, apenas devorado o pudim, apertavam os botões dos colletes, e debandavam cada um para o seu quarto, com as palpebras descahidas para roufinharem em beatifica digestão.

Um dia, porém, justamente n'esse jantar por que

principia esta historia, Roberto Soares, que assim se chamava o jornalista do Porto, repleto de indignação, ergue a voz quando todas as attenções se concentravam n'um pentágono de boi assado, e diz:

«Corre em Lisboa que está hospedado n'esta casa um principe da Ethiopia. Eu já disse que nenhum dos meus companheiros era negro, mas redarguiram-me que o principe é mulato branco e só pela falla se denuncia. Qual dos senhores é o principe, que quero beber á sua saude?

Os convivas encararam-se com serio reparo, suspenderam por instantes o rugido da deglutição; mas não proferiram um monossyllabo. Passado o momento da surpreza, cahiram, unidos como um só homem, sobre as talhadas do boi, e Roberto Soares desceu lentamente o braço que erguera o copo para brindar o principe.

«Pelo que vejo — tornou elle, rufando no prato com duas facas — pelo que vejo, os senhores são todos principes da Ethiopia disfarçados. Declaro que hei-de hoje commetter um regicidio. Qual dos senhores tem a cabeça mais vazia de intelligencia que lhe quero introduzir tres onças de chumbo?

— Eu aceito o favor, se nenhum d'estes senhores quizer — disse um homem magro e trigueiro que estava defronte de Soares, procurando o cerebro no craneo d'uma pescada. E proseguiu: — Aqui estava eu agora procurando a intelligencia d'esta pescada, e acho uma cavidade ôca, a qual offereço ao exame de v. s.ª que,

ao que parece, costuma fazer na especie humana os estudos que eu faço no peixe cozido.

Roberto Soares fez uma cortezia ao interlocutor, e disse com gravidade:

«Vejo que seria uma barbaridade matar um principe que promette reinar illustradamente. Pois o senhor sabe dizer cousas d'essas, e tem-me, ha quatro dias, privado do seu espirito?! Está o meu amigo convidado para conversar hoje commigo quatro horas, e então discutiremos qual dos nossos companheiros é o principe disfarçado.

Os hospedes soltaram um frouxo de riso, olhando-se com ar palerma. O convidado para discutir a identidade do monarcha africano, fez uma visagem intelligente, que muito aprouve ao escriptor. Os dous trocaram-se um olhar sympathico, fazendo assim tacita alliança e convenção para explorarem o « ridiculo » dos seus commensaes.

Acabado o jantar, ergueram-se todos, excepto Roberto Soares, e o observador de craneos de peixe.

« Como se chama v. s.ª? — perguntou o escriptor.

— O menino não vê que eu sou um homem velho?! Essas perguntas fazem-se com mais respeito... — disse, sorrindo, com o calix de genebra ao pé dos beiços, o hospede.

« O senhor não é velho... o mais que póde ter são quarenta annos.

— Quarenta e nove. Estou direito e rijo, porque participo do temperamento physico de D. Quixote, e do

temperamento moral de Sancho-Pança. Tenho duas naturezas, não acha?

« O que eu acho é que o senhor tem fina chalaça, e não sei como se póde estar, com tanto espirito, calado, quatro dias, sem corresponder ao desafio da gente. Eu pensei que o meu caro senhor era um requerente de provincia, uma especie de mestre-escóla...

— Mestre-escóla!.... — atalhou, franzindo o sobre-olho, e alongando os beiços, o galhofeiro quinquagenario. — Ora essa! E eu cuidava que a minha figura inculcava um morgado de aldêa, no terceiro periodo d'uma tisica de algibeira!... Nem se quer me fez barão! É preciso que tenha uma cara muito desusada o infeliz que tão pouco se recommenda! Então em que ficamos? O que acha o senhor que eu sou?

« Não sei; estou quasi a perguntar-lh'o.

— Pois eu lhe digo: sou um cavalheiro de industria. Se v. s.ª fosse esperto, tinha-me já adivinhado.

« E que industria é a sua? — disse Roberto Soares, no mesmo tom de familiaridade.

— A minha industria é tudo que me forra ao trabalho e me abona mais faceis recursos de subsistencia. Actualmente exerço a industria de caloteiro de hospedaria: é a mais innocente de quantas sei, e tambem a menos engenhosa. Reduz-se a minha habilidade a estar tres mezes em Lisboa com soffrivel mesa e soffrivel cama gratuitamente. Em algumas republicas gregas sustentavam-se, assim, a expensas do estado, os meninos;

bom é que em Portugal se estenda até aos velhos esta salutar providencia.

« Está bom!... — disse Roberto, torcendo o bigode — O senhor é o homem mais franco que eu tenho visto.

— Por uma razão muito simples. Eu não costumo ser assim franco com o primeiro que me pergunta o meu officio. Sou-o com v. s.ª por que o reconheço uma pessoa que não póde ser explorada por algum ramo da minha industria. O senhor, economicamente fallando, é improductivo. Averiguei quem o senhor era, e disseram-me, cá na hospedaria, que o meu amavel companheiro era litterato. Não nasceu ainda o engenho industrial que soubesse entrar nas algibeiras d'um litterato portuguez. Entendeu bem a explicação da minha franqueza?

« O senhor está caçoando commigo... Não creio o que me tem dito. Acha-me indigno de ser tratado seriamente?

— Não, senhor; pelo contrario. Se me não merecesse tão bom conceito de rapaz sisudo, é natural que lhe escondesse a minha profissão, receioso de que prevenisse contra mim o dono da hospedaria... Disseram-me que v. s.ª era da provincia, e creio que se chama Roberto Soares. Eu não lhe posso dizer d'onde sou, porque não sei onde nasci, nem tenho a certeza de ter nascido em alguma parte; se, porém, interessa em saber o meu nome, saberá que me chamo, em Lisboa, Macario Affonso da Costa Penha; e, se me encontrar,

de hoje a um mez, no Porto ou em Coimbra, terá o incommodo de perguntar-me o meu nome. Que faz o senhor em Lisboa?

« Ando atraz d'um ministro pedindo um emprego.

— Sem esperanças de o alcançar?

« Quasi.

— Porque não ha-de o senhor empregar-se sem depender dos ministros?

« Em que? O escriptor não se sustenta em Portugal.

— Quebre o tinteiro na cara d'um credor, e inicie-se no meu officio.

« Na industria cavalheirosa?

— Está claro.

« O senhor começa a fazer-me...

— Cavalheiro de industria?

« Não, senhor, começa a fazer-me nojo.

— É que o seu estomago tem sarro: tome alguns chás amargos... Vejo que o molesta este novo conhecimento... Aqui tem o que lucrou com a sua curiosidade! Que lhe importava ao snr. Soares saber quem eu era? Não o impaciente o medo das minhas relações. De ora em diante conviveremos como se nunca nos tratassemos.

Macario Affonso ergueu-se, voltou as costas ao escriptor, e sahiu da sala.

Ao escurecer d'esse dia, estava Roberto no café Suisso, e viu entrar o seu homem, bem trajado de preto, sentar-se a uma banca, tomar café, e fumar por um bello cachimbo, com gentis maneiras.

« Lá está o excentrico » disse um amigo de Soares.

— Quem é o excentrico? — perguntou este.

« Aquelle homem do cachimbo.

— Conheces?

« De vista: é um millionario.

— Estás enganado: o que elle é... sei-o eu — disse Roberto, sustando a tempo uma indiscreta revelação.

« Pois que é?! Não consentes que elle seja millionario?!

— Não tem geito d'isso; é meu companheiro de hospedaria... e...

« E que? Forte razão ser teu companheiro de hospedaria! Se eu te provar que este homem, ha menos de quarenta e oito horas, apresentou letras de cento e vinte contos, sacadas em Londres, sobre dous negociantes de Lisboa!...

— É impossivel... essas letras, se existem, são falsas...

O interlocutor de Roberto riu extraordinariamente, e o millionario discutido, chamado pelo ruido da risada, encontrou o olhar penetrante do escriptor.

Sem desconceituarmos a nobre altivez de Soares, diremos que elle estava olhando com um certo ar de acatamento, que não se esconde, o supposto cavalheiro de industria, á maneira que o seu amigo guarda-livros lhe ia destruindo a má impressão com que sahíra do hotel, horas antes.

Macario Affonso, se é que era Macario Affonso, sa-

hiu do « café » : e, passando perto da mesa do escriptor, comprimentou-o de cabeça ligeiramente.

« Isto é um grande celebrão! proseguiu o guarda-livros — Contam-se muitas anecdotas d'este homem...

— D'onde é elle?

« Não sei: disseram-me que teve um grande estabelecimento em Buenos-Ayres, e alguem me disse que o conhecera no trafico de negros. Penso que foi negreiro.

— Como se chama, sabes?

« Ouvi-lhe chamar commendador Penha...

— É isso... *Penha*...

« Por que dizes tu *é isso?*

— Por que elle me disse o seu nome; mas não me disse que era commendador...

« De uma ordem brazileira... creio que do Cruzeiro...

— Nada, não.

« Que importa! segue-se que é modesto... Ahi vai uma exquisitisse d'este homem. Quando chegou, ha mezes, a Lisboa, para se livrar d'um cauteleiro importuno, comprou um bilhete da loteria, que foi premiado. Chegando ao « largo das Duas Igrejas » ouviu uma conversação de duas senhoras modestamente vestidas, caminhando a par com elle. Era uma filha censurando asperamente a mãi por que empregára metade do seu monte-pio na compra de um bilhete da loteria que sahira branco. A mãi dizia que fôra, com o desejo de a fazer [illegible] arriscar metade do seu pão. A filha redarguia-lhe que ella estava demente. O commendador metteu-se na

contenda, e disse: Ha pessoas muito infelizes nas loterias, minhas senhoras. Eu tambem sou teimoso, e ninguem como eu tem sido tão cruelmente tratado pela Santa Casa da Misericordia. Aqui tenho eu na algibeira um bilhete, com um numero de palpite: — 777 — Está branco? — atalhou a velha. — Não sei, minha senhora; mas tanta certeza tenho de que está branco, que o vou rasgar. — Sem vêr a lista?! — acudiu a moça — Sim, menina, sem vêr a lista... Se o quer, faço-lhe presente d'elle.

A velha aceitou o bilhete com sofreguidão; e chegando ao Rocio, já apartadas do homem que ellas imaginaram um original desfrutador, viram o numero 777 premiado com dous contos de reis, em uma lista de casa de cambio.

Conheço estas senhoras: a velha é viuva d'um capitão, e a filha é uma costureira muito honesta. Foram ellas as que me mostraram este homem no Passeio-Publico, e acrescentaram que, dirigindo-se a elle um dia para lhe restituirem parte ou todo o premio, o commendador, depois de ouvil-as mui cortezmente, lhes dissera que não tivera nunca a honra de fallar com ellas.

— Isso é verdade?! interrompeu Roberto — Então o homem esteve a mangar commigo!

« Pois que te disse elle?

— Fez-me uma confidencia extravagante... Disseme que era... Desculpa-me a reserva... Eu não devo contar a mais estranha das suas excentricidades...

Roberto sahiu do « café » com a intenção de procu-

rar o commendador na hospedaria, e perguntar-lhe terminantemente o que queria dizer o embuste com que elle quizera deshonrar-se, sem precisão.

Macario Affonso passeava no Rocio de braço dado com um caixa do tabaco, homem que recommenda aos respeitos publicos todo aquelle a quem concede a honra do seu braço. Novas provas para Roberto, que, ao passar por elle, machinalmente lhe fez uma grave cortezia de chapéo.

Mal posto adverbio é este *machinalmente!* Ninguem corteja, em distracção, um homem que apresenta letras de cento e vinte contos. A presença d'um millionario ensina mais cortezia que um compendio de civilidade. Para me não dar ao enfadonho vezo de fazer maximas, vamos ao capitulo segundo.

II.

> Che sia il disegno suo, ben io comprendo
> E dirollo anco a voi, ma in altro loco.
>
> Ariosto (*Orlando Furioso.*)

Anoitecera, e Macario Affonso entrou na hospedaria, onde Roberto Soares o esperava.

Facto incomprehensivel! O escriptor queria apresentar-se ao millionario, gracejando; mas dominava-o certo acanhamento, timidez ou consciencia de inferioridade. Esta baixeza de espirito não deslustra o caracter de Soares: é fraqueza em que se abastardaram os animos, desde que o dinheiro usurpou as venias que, n'outros tempos, nobilitavam o individuo rico d'outras especies. A degeneração é commum. Os que basofeam pureza,

independencia, e isenção são actores, n'outro genero, da comedia humana. O que salva o poeta de prostituir o seu espirito á materia, honorificada com a primazia do dinheiro, não é a independencia, é o pejo, é o receio da mofa publica, receio protector que tem salvado muito talento de divulgar a ignominia do coração.

Soares chegára irresoluto á porta do excentrico hospode, e disse em tom serio:

« O cavalheiro dá licença?

— Entre quem é.

Estava-se barbeando o commendador, e, voltando a face, exclamou:

— Ólé! por aqui?! eu já o recebo, cavalheiro. Deixe-me dar o ultimo gilvaz n'estes ossos descarnados. Está o meu nobre amigo — proseguiu elle com a face quasi encostada ao espelho — admirado de me vêr barbeiro de mim mesmo como Luiz XVI, e como o ultimo dos maltrapilhos, não é verdade?

« Gabo-lhe a paciencia...

— Paciencia e cautela. Quem é o homem notavel que confia o seu pescoço a uma navalha em mão estranha? O que v. s.ª talvez me não conceda é a notabilidade que faz o perigo dos pescoços...

« Pelo contrario — disse Soares reanimado — Sei que v. s.ª é uma pessoa qualificada, com o defeito de zombar da credulidade dos provincianos, e ultrajar as suas proprias virtudes, se quer escarnecer a boa fé dos outros.

— O meu amigo — redarguiu o commendador voltando-se todo gravemente para o escriptor — o meu ami-

go disse agora ahi solemnissimas palavras! — E proseguindo o escanhoamento, acrescentou: — Com que então, meu caro snr. Soares, diz v. s.ª que eu escarneço a boa fé dos outros... Essa confissão já eu lh'a fiz, quando confessei o que sou. Um cavalheiro de industria de que vive, se não de lograr a boa fé dos incautos?

« Não profira v. s.ª mais essas palavras que lhe ficam pessimamente. O senhor é uma pessoa de bem. Um cavalheiro de industria não dá esmolas de dous contos de reis, nem dispõe de capitaes que só a honrada industria accumula.

— V. s.ª dá-me licença — interrompeu, lavando a face, o risonho millionario — dá-me licença que lhe diga que é um innocente, por não lhe dar uma qualificação mais acertada?

« Quer dizer que eu sou um tolo?

— Roubou-me o pensamento; mas a descoberta fica sendo propriedade de nós ambos. Deixe-me vestir um chambre, e eu lhe fallo com a sisudeza que o caso pede.

Tudo isto era dito pausadamente, sem affectação, nem ambições de parecer desusado. Vestido o chambre, o commendador abriu uma caixa de « havanos » que offereceu ao escriptor, dizendo:

— Isto é contrabando... A sua discrição não me ha-de indispôr com o contracto...

« Onde v. s.ª tem poderosos defensores, se eu o denunciar... — atalhou, sorrindo, Roberto — Aquelle que ha pouco lhe dava o braço...

— Ah! sim, conhece aquelle cavalheiro? Quer o meu

amigo dizer com isso que eu sou um homem importante... Não tire conclusões tão seguras de principios tão incertos. Bem póde ser que eu, na minha consciencia, me sentisse deshonrado pelo contacto d'aquelle sujeito, a quem v. s.ª, na sua ignorancia da sociedade, concede o poder de nobilitar as pessoas que o tratam hombro a hombro... Ora diga-me: foi informar-se de mim?

«Não, senhor; soube casualmente que v. s.ª era uma pessoa distincta pela sua fortuna, e pelas suas boas qualidades. Senti que me quizesse afastar de si, fingindo-se um homem repellente; lembrou-me que o tratei com desabrimento...

— E vem agora pedir-me desculpa?

«Não direi tanto; venho... entendo que... depois de...

— Não gagueje, snr. Soares. V. s.ª vem offerecer ao millionario as considerações que negava ao velhaco, ao cavalheiro de industria. Isso é um erro. Entende que o millionario é sempre digno da veneração negada ao velhaco? O senhor está corrupto, se me dá licença.

«Corrupto!... corrupto, não...

— Pois transigir com a corrupção o que é?

«V. s.ª — respondeu, enleado, o escriptor — rebate-me d'um modo tal que me tolhe a liberdade de responder...

— Essa é boa!

«Acho uma novidade tal no seu caracter, que me parece estar lendo um romance dos que se não podem fazer n'este paiz onde tudo é trivial.

— Outro erro seu. Ha muitos caracteres de romance na nossa terra. Nenhum paiz tem tão rica mina que explorar de scenas tragicas e comicas. Á superficie da nossa sociedade dos ultimos vinte annos rebenta, todos os dias, um romance. Não ha familia cahida e familia levantada que não tenha um. Os senhores, que professam as letras, é que não sabem, nem estudam na natureza os quadros acabados que ella lhe offerece.

Que fez Vernet para pintar uma tempestade? fez-se atar ao mastro d'um navio batido pela tormenta. Que fez Plinio para vêr de perto a natureza? despenhou-se nas lavas d'uma cratéra. Que fez o anatomico Bichat para estudar os orgãos da vida? morreu da putrefacção d'um cadaver.

Sem observação não ha verdade; sem bases verdadeiras a mais rica imaginação perde-se no inverosimil. Os escriptores portuguezes não conhecem da sua terra se não o poetico céo, as saudosas tardes do estio, e as affeições amorosas que a meiguice d'esta natureza lhes inspira. Isto dá-o o coração sem estudo; e o que convem estudar, para fielmente descrever esta sociedade, é tudo o que está fóra do coração, é tudo o que póde filiar-se ao materialismo das paixões, á cubiça dos gosos corporeos, á ambição desenfreada de sacudir os farrapos e a lama com que por ahi se entra na carreira da fortuna. Estou-o impacientando?

« Não, senhor. Ouço-o com religiosa attenção.

— Disse o meu amavel escriptor que eu lhe pareço um homem de romance. Sou. Tenho uma historia bio-

graphica, com que podia fazer-se a reputação d'um talento mediocre, porque as scenas da minha vida estão dispostas, acabadas, e atadas, por um casual maravilhoso, umas ás outras. O que faria a desesperação do meu historiador são os poucos quadros amorosos que eu tenho na minha vida. Ha n'ella uma só paixão dôce, um só oasis de sentimentos ternos. O mais são tudo reminiscencias torvas, abysmos evocando abysmos, uma genealogia de desgraças e crimes, que perderia a unidade da acção, se o meu historiador as quizesse intermear de paragens agradaveis ao espirito fatigado do leitor.

Não cuide que lhe vou contar a minha vida. Seria engraçada cousa um homem de cincoenta annos, fazendo seu confidente um moço de... Quantos annos tem o senhor?

« Vinte e quatro.

— Pois ahi tem: ha incompatibilidade nos nossos espiritos. Não nos poderiamos entender; nem... por que não hei-de eu ser franco? nem o senhor exerce em mim a acção poderosa que obriga o coração a abrir-se.

« Nem eu de tal presumia — atalhou Roberto Soares — Como ha-de merecer-lhe confiança um rapaz que v. s.ª tratou como rapaz? Muito lhe devo eu já pela seriedade com que, talvez sem o querer, v. s.ª me tem dito o que realmente creio que sente. A sua estima hade ser difficil de grangear-se; e, se eu lh'a não merecer pela sympathia da intelligencia, não tenho esperanças de alcançal-a com outros merecimentos. Sou ao menos digno de saber o seu verdadeiro nome?

— O meu verdadeiro nome! Todos os nomes são verdadeiros, logo que a sociedade nos reconhece por elles. Chamam-me, já lh'o disse, Macario Affonso.

« V. s.ª é commendador d'uma ordem brazileira?

— Sou; mas isso creio que não é nome; tambem sou commendador de duas ordens portuguezas; e, ainda mais, chamam-me barão. Já vê — acrescentou elle baixando o sobr'olho, e pousando a mão no hombro de Soares — já vê que me tem dado umas *senhorias* pouco lisongeiras, e que o seu informador não está ao par das graças que S. Magestade faz aos benemeritos. Tenho, pois, a honra de lhe apresentar o meu *alter ego,* e desculpe o latim, o meu barão da Penha, rogando-lhe que me não apresente como tal aos nossos companheiros da mesa redonda, que naturalmente serão todos barões, e eu não quero camaradagem, nem os quero ouvir, para me não arrepender da igualdade ignobil, que me custou não sei quanto.

O cavalheiro de industria metamorphoseou-se. Mostrei-lhe o que se póde ser antes de ser-se barão; quiz dever-lhe uma hora de recreio, por que, em verdade, estive divertido em quanto tratei o meu joven amigo com a mesma galhofa com que o senhor se quiz relacionar com os seus commensaes. Não sei se está contente com a satisfação...

« Mais do que devia esperar... Foi uma das excentricidades de v. exc.ª...

— Agora vou vestir-me. Tenho o saráo do visconde de Villa-Secca. Não sei quem é o visconde de Villa-Sec-

ca; mas fui apresentado hontem á viscondessa em casa d'um meu amigo, e hoje recebi um cartão. Quer que eu o apresente? Vá preparar-se.

« Se v. exc.ª me quer dar essa honra, irei.

— O senhor não está relacionado?

« Vim a Lisboa como pretendente. Conheço algumas notabilidades que me promettem protecção; mas não me convidam para sua casa.

— O senhor que pretende?

« Um emprego n'uma repartição qualquer.

— É pobre?

« Tenho vivido escassamente do meu trabalho litterario.

— Tem familia?

« Tenho mãi.

— Que vive da sua protecção?

« Eu não podia dar-lh'a. Minha mãi é sustentada por uma irmã que está em pouco melhores circumstancias. Ha dez annos que está paralytica.

— Pobre senhora! Está bom; fallaremos muito. Vá vestir-se, que já ahi está a sege.

III.

... Nuit de mystére!
V. Hugo. (*Le Roi s'amuse.*)

O visconde de Villa-Secca era um fidalgo das ultimas rebentações da provincia. Tinha casa no Porto, e achava-se em Lisboa para contentar os caprichos da viscondessa, que se queixava de morrer de aborrecimento na sua terra.

O visconde chamava-se Antonio José, e a viscondessa Maria do Rosario. Orçavam pela idade um do outro, de cincoenta e cinco a sessenta annos, pouco mais ou menos.

Maria do Rosario servíra no convento de Monchique

desde 1804 até 1808. A invasão franceza, no Porto, mudou-lhe o destino de vida. Fugindo com a freira, sua ama, teve o apparente infortunio de ser prisioneira d'um official francez, que, tambem captivo dos agrados, e condoido das lagrimas da moça, a levou comsigo na retirada. A ama foi menos feliz, porque, desinfectado o Porto da peste franceza, entrou no seu convento, onde morreu em cheiro de santidade. Os contemporaneos d'esta esposa do Cordeiro dizem ser ella a authora das « Cartas d'uma religiosa portugueza » traduzidas pelo presbytero Francisco Manoel do Nascimento. Isto não está averiguado.

Vamos á Mariquinhas, que é o essencial.

O francez morreu em Waterloo, e a moça achou-se desamparada. Um cirurgião portuguez, empregado nas ambulancias do exercito invasor, tomou conta da formosa patricia. Feita a paz geral, o cirurgião voltou á patria, e tão affeiçoado vinha á moça que a fez sua mulher, em Lisboa. D. Maria do Rosario enviuvou em 1818. Era ainda bella nos seus vinte e oito annos; mas ficára pobre. Annunciou-se como mestra de francez em casa particular, e foi logo assoldada para educar as filhas de um fidalgo.

O fidalgo era viuvo. Namorou-se da mestra, tentou-lhe a virtude, e apaixonou-se com a resistencia. Antes de enlouquecer, resolveu casar-se. Pediu perdão da ignominia aos indignados avoengos de lona, que o encaravam severos na sala dos retratos, e declarou-se á inflexivel mestra. D. Maria preparava e esperava este desfecho.

Aceitou com desdem, dizendo que a sua unica ambição era a virtude.

Souberam-no os parentes do fidalgo, e tramaram estorvos de modo que o casamento foi dilatado.

Entretanto fizeram saber a D. Maria do Rosario que o fidalgo tinha uma perna pôdre. A enojada viuva inspeccionou o quarto, e effectivamente descobriu vestigios de podridão nos unguentos e fios que o noivo escondia. Isto desanimou-a.

Os parentes conheceram a mudança, e applaudiram-se do expediente; mas a viuva do cirurgião dava ares de querer transigir com a perna lazara. Os interessados no desmancho do casamento urdiram nova intriga. Offereceram á noiva alguns contos de reis para sahir da casa, acompanhando a proposta de razões que a convenceram de que ficaria pobre, por morte do marido, e seria sempre repellida da convivencia dos herdeiros. Venceram. D. Maria do Rosario, inexoravel ás lagrimas do fidalgo, sahiu com alguns mil cruzados, e foi para o Porto, onde tinha parentes.

No Porto, informou-se dos parentes, e soube que tinha uma irmã casada com um guarda da alfandega, um irmão anspeçada na policia, e outro barqueiro no Douro.

Envergonhou-se da parentela, e não se apresentou a nenhum.

Em doze annos de ausencia, as feições da criada de Monchique estavam desfiguradas, posto que bellas ainda: Os seus parentes, se a vissem, trajada senhorilmente, não a conheceriam. Não obstante, Maria foi morar nos

arrabaldes. Alugou uma casa na Ramada-Alta, pouco depois comprou uma quinta nos campos de Cedofeita, e deu que soffrer á curiosidade dos visinhos.

Antonio José, ahi por 1827, casou-se com D. Maria do Rosario.

Quem era, porém, Antonio José que venceu a resistencia da dama mysteriosa, perseguida pelos leões distinctos d'aquella época, Alcoforados, Corrêas, Cirnes, Leites e outros cujos descendentes cederam a liça aos filhos dos seus escudeiros?

É o que havemos de saber, quando fôr tempo, e póde ser que seja logo.

O barão da Penha apresentou-se á viscondessa de Villa-Secca, dizendo:

«V. exc.ª vai honrar-me com o conhecimento do snr. visconde, e eu lhe rogo que aproveite o ensejo para duas apresentações: é o snr. Roberto Soares, que eu tenho a honra de collocar no numero dos admiradores das qualidades de v. exc.ª

—Não é do Porto este senhor?—disse a viscondessa.

«Sim, minha senhora—respondeu o escriptor.

—Eu conhecia-o já de nome pelos seus chistosos folhetins, e bonitos versos. Desejava conhecel-o pessoalmente, e pedi a alguns amigos do Porto que m'o apresentassem; mas, talvez por inveja ou antipathia, disseram-me que v. s.ª além de ser muito satyrico, era extremamente soberbo.

«Calumniaram-me, snr.ª viscondessa. A casa de v.

exc.ª não podia inspirar-me satyras, e a sua reconhecida amabilidade com as pessoas inferiores não provocaria a minha soberba.

— Assim m'o disseram — redárguiu a viscondessa — e eu temi-o. D'onde se conhecem? — continuou, voltando-se para o barão da Penha.

« É meu parente — disse o barão.

— Sim? Pois v. exc.ª tem parentes no Porto?

« Sim, minha senhora.

Roberto Soares pasmou da excentricidade, mas vangloriou-se do improvisado parentesco. O visconde, que passava, abrindo caminho aos charões da neve, recebeu os dous apresentados, fazendo uma profunda reverencia ao barão, e reparando com visivel desagrado em Roberto Soares. Os grupos intermearam-se, separando o dono da casa. O barão disse ao escriptor:

« Fica na intelligencia de que é meu sobrinho?

— Esse titulo é mais lisongeiro que o de amigo. Parece que sinto o coração de v. exc.ª Vê-me sem nome, no meio d'esta gente, e quer dar-me um nome.

Um outro litterato veio apertar a mão de Roberto Soares: era um homem, que vós conheceis, leitores, se tendes lido duas chronicas de infortunios que vos dei com os titulos « Onde está a felicidade? » e « Um homem de brios »: era o amigo de Guilherme do Amaral e da viscondessa de Amares.

Roberto devia favores a este moço, que o tirára da obscuridade, inculcando os seus ensaios litterarios, e o remediára na penuria, franqueando-lhe metade dos seus

pequenos recursos. Roberto Soares era grato, e quiz dar ao seu amigo o amigo que o trouxera alli. Em poucas palavras preveniu o barão, e ambos procuraram o litterato para o fazerem do seu grupo.

O caracter franco d'este ultimo agradou ao millionario. Travaram larga conversação em que predominava o colorido local, e vieram á critica, logo que o poeta conheceu que fallava a um homem que a fazia destramente, applicando causticos epigrammas a todos e a tudo com uma seriedade que revelava um homem de boa roda e fino espirito.

« É licito syndicar a vida do dono da casa? — perguntou o barão.

— É — respondeu o poeta — por que o dono da casa é o primeiro cidadão n'esta republica.

« O senhor conhece este visconde?

— Tenho impressos na memoria os apontamentos da biographia do snr. Antonio José.

« Antonio José! — interrompeu, como surprehendido, o barão — Conheci um homem com esse nome economico.

— Será elle. Veja lá v. exc.ª Confronte as suas reminiscencias com os meus apontamentos. Antonio José foi desde 1809 até 1823, pouco mais ou menos, criado d'um desembargador do Porto, cujo nome tinha nos meus apontamentos.

O barão da Penha deu um subito signal de profunda attenção; ia soltar uma palavra; mas susteve-se n'um *É*. . . em que o historiador não reparou, continuando:

— Este desembargador era rico. Sabia-se que elle escondera n'um falso um grande capital, quando os francezes invadiram o Porto. Em 1823 ou 24, morreu o desembargador, e os filhos, ou herdeiros não acharam um cruzado para lhe fazerem o enterro. Um amigo particular do defunto disse que sabia onde estava o dinheiro: desceram ao falso, e encontraram têas de aranha, excepto no local onde se conhecia que estivera depositado um caixão. A justiça não tinha senão suspeitas para perseguir o ladrão.

Antonio José era d'uma aldêa do Douro. Foi para a sua terra, e negociou em vinhos, primeiro em pequena escala, depois como grande commerciante, denominando-se feitor d'um nome emprestado. Em 1827, o negociante de vinhos estava relacionado no Porto com os capitalistas, e representava na companhia um dos maiores accionistas. Dizia-se a meia-voz que era um ladrão descarado, mas ninguem ousava dizer-lh'o de frente.

Em 1827.... Está v. exc.ª espantado da minha memoria de datas?

« Estou, de certo! É admiravel...

— A minha paciencia, ou a minha curiosidade?

« Tudo.

— Isto tem-me custado muito, snr. barão. É um trabalho sem recompensa. Os contemporaneos são sempre ingratos; mas a posteridade abençoará o homem laborioso, que vai gastando a sua mocidade na inspecção das torpezas do seu tempo, para poder, como Rousseau, estampar na face d'um livro: *J'ai vu les meurs de mon*

temps. E, depois, meu caro senhor, é preciso dar desforra ao talento. Sinto não o ter para arrastar estes homens em vida pela lama d'onde sahiram; mas o que posso fazer, faço-o: vou delineando no romance, embora imperfeito, os traços essenciaes dos retratos, que um genio por vir aperfeiçoará, desenliçado das conveniencias de sociedade, que são o freio indecoroso do talento servil e envilecido.

Dizia eu...

« Que em 1827... — lembrou o barão.

— Em 1827, Antonio José comprou uma quinta em Ramalde, nos suburbios do Porto, chamada « Villa-Secca. » Passando amiudadas vezes para a quinta, viu na Ramada-Alta esta mulher, com quem casou. Não pude até hoje colher noticias exactas ácerca d'ella. Sei, porém, quem as possue, e espero, mais tarde, se houver de historiar esta gente, poder decifrar quem era Maria do Rosario.

Está discutido o dono da casa.

« Agora — disse o barão erguendo-se — vamos vêl-o ao pé: a plastica é uma sciencia auxiliar da esthetica. Quero vêr a cara do ladrão rehabilitado. Os senhores não imaginam quanto este homem me interessa!

E d'alli foram em cata do visconde de Villa-Secca. O barão da Penha parou em frente d'elle, encarando-o immovel, penetrante, terrivel. Roberto Soares viu nos olhos do seu recente amigo uma expressão sinistra, e segredou algumas palavras ao ouvido do poeta.

O visconde dirigiu-se ao hospede que o fixava, e disse:

« Então v. exc.ª está satisfeito?

— Muito satisfeito. Esperava occasião opportuna de perguntar a v. exc.ª a que horas ámanhã o encontro em sua casa, com vagar para uma entrevista de alguns minutos.

Isto foi dito de modo que os dous litteratos o não ouviram.

« Do meio dia para uma hora, querendo v. exc.ª — respondeu o visconde.

— Serei pontual á hora que me indica — e voltou-lhe as costas, logo que alguem o distrahiu.

Em seguida, disse a Roberto Soares:

— O senhor, se está bem, deixe-se ficar; eu retiro.

« Vamos — disse Soares — Está incommodado?

— Não: estou aborrecido. Um baile aos cincoenta annos é uma violencia á natureza caduca. Meu caro senhor — proseguiu elle, dirigindo-se ao amigo de Roberto — eu não offereço a minha amisade por delicadesa. Aperte esta mão de amigo, e honre o meu quarto nos « Irmãos-Unidos » quando não tiver cousa melhor em que se empregue. Eu andaria toda a minha vida a procural-o, se soubesse que v. s.ª me contaria a historia de Antonio José.

O litterato seguiu-o até á sege, sem mais lhe ouvir uma só palavra. O mesmo aconteceu a Roberto até apearem na hospedaria. Querendo acompanhal-o ao quarto, Soares viu uma notavel alteração de feições no seu

amigo. Ia tentar uma indagação, quando o barão lhe disse:

« Deixe-me agora, que preciso ficar só.

O escriptor sahiu. O barão poz a face entre as mãos, pendeu-a sobre a mesa, e assim permaneceu longo tempo.

Quem o visse, depois, á luz amortecida d'uma véla, temel-o-ia. Parece que o fogo de dentro lhe resequira a epiderme; que o inferno interior lhe chammejava nos olhos; que, do trabalho afflictivo d'aquella hora de recolhimento, sahíra uma resolução de homicidio.

IV.

> Telles sont les fortunes qu'on peut apeller ridicules, et qui l'etoient encore plus autrefois qu'aujourd'hui par le contraste de la personne et du faste déplacé.
>
> Duclos (*Mœurs.*)

Temos o barão da Penha na sala de espera do visconde de Villa-Secca. Passeia, como impaciente, d'uma extrema á outra, e vê-se que faz sobre si impotente esforço para affectar tranquillidade. Será a demora do antigo Antonio José, criado do desembargador, que lhe fere o amor proprio? Não póde ser tão pouco. O barão da Penha é modesto com grandes e pequenos. Aquelle phrenesi deve de ser uma dôr muito de dentro convertida em raiva. O homem, que elle espera, deve ser-lhe um ente muito odioso.

O visconde abriu a porta da sala immediata, culpando-se e desculpando-se da demora, porque estava ainda recolhido.

« Sinto têl-o incommodado, snr. visconde — disse o barão simulando o sobresalto, e humedecendo com a lingua os labios que pareciam arados pela febre — mas v. exc.ª deu-me esta hora, e eu accusar-me-ia de pouco respeitador, sendo menos pontual. De mais, urgia a necessidade de fallar-lhe, porque a minha sahida de Lisboa está para breve.

— Pois vai-se? — atalhou o visconde.

« Breve, meu caro senhor. Antes de cumprir a commissão que me fez cortar o somno de v. exc.ª, preciso lembrar-lhe que a nossa entrevista não deve ser interrompida. Rogo-lhe, portanto, que providenceie de modo que nos não estorvem, nem ouçam.

— Isso é facil; fecha-se esta porta, e diz-se que não estou em casa.

O visconde ordenou ao escudeiro que ninguem entrasse na sala, e fechou a porta.

O barão, depois de mudo intervallo em que relevava desordem ou guerra de pensamentos contrarios, fallou assim:

« A commissão é espinhosa, snr. visconde.

— Qual commissão?! — interrompeu o boçal, que tremia do resultado d'uma questão de papeis de credito commissionada a individuos da agiotagem.

« A commissão que me encarregou um homem que

encontrei no Rio da Prata, onde fiz, ha poucos mezes, uma excursão commercial.

—É algum plano de navegação entre Portugal e Brazil? São negocios muito arriscados, snr. barão.

« Rogo-lhe o favor de me não quebrar o discurso, snr. visconde. Não se trata de cousa mercantil.

—Ah! eu pensei... faz favor de dizer...

« O homem que encontrei pediu-me uma esmola, favoreci-o por que era extrema a sua miseria, e ouvi-lhe a historia. Disse ser natural do Porto, filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima.

O visconde descorou, empallideceu, desfigurou-se, e tremia. O barão fingiu-se estranho ao alvoroço, e proseguiu:

« Perguntei-lhe como descera á desgraça de mendigar. Respondeu-me que sahíra de Portugal para cumprir degredo de vinte annos em Cabo-Verde. Cumprido o degredo, não quizera voltar á patria, disse elle, porque a patria é a familia, são os amigos, é o torrão que dá a subsistencia; e elle, só e pobre e repellido pelos que o amavam antes do seu crime, não tinha já agora patria nenhuma. Sahia de Cabo-Verde um navio para a America, e Constantino de Abreu e Lima—assim me disse chamar-se—foi como marujo. Enganaram-no as esperanças. Ninguem deu trabalho e pão ao condemnado de Cabo-Verde, e o desgraçado chegou aos cincoenta annos, com a cabeça branca, e a decrepitude dos setenta, pedindo esmola.

Disse-me mais este homem que em casa de seu pai,

ao tempo da sua morte, havia um criado, chamado Antonio José... Não descore, snr. visconde, por que bem vê que eu desço a voz, e o que entre nós se passa é um segredo. V. exc.ª empallidece talvez por compaixão do filho de seu amo... É nobre essa commoção; gosto d'ella como prognostico de que me hei-de sahir bem do meu empenho.

O criado do desembargador, disse Constantino, era um fiel amigo d'aquella casa. Esta virtude de Antonio José honra muito o actual visconde de Villa-Secca. Tenha v. exc.ª um nobre orgulho de ter sido um fiel criado, e um amigo, que se faz lembrado, depois de vinte e tantos annos, a duas mil e quinhentas leguas de distancia.

Como Constantino de Abreu e Lima soube que v. exc.ª chegou a esta alta posição na sociedade, isso é que eu não sei: o certo é que elle o sabe, e duas vezes me disse que a base dos grandes haveres de v. exc.ª devia necessariamente ser a virtude, por quanto a probidade de seu animo era incapaz de consentir á cobiça bens de fortuna adquiridos pela deshonra. Depois que cheguei a Portugal, conheci que o amo de Antonio José fazia inteira justiça ao seu criado.

Quer v. exc.ª agora saber o que falta? Deve tel-o conjecturado. O filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima encarregou-me de solicitar de v. exc.ª uma esmola para elle, esmola com a qual possa vir morrer a Portugal, depois de abraçar os joelhos do seu bemfeitor.

O visconde estava fulminado. O pesadelo era horrivel. O homem queria convencer-se de que sonhava; mas o olhar penetrante do barão era atrozmente real. Fazia lastima o aniquilamento d'este miseravel! A consciencia da prostração, que o estava delatando, dera-lhe coragem para fallar, quando o barão se anticipou:

«É natural o espasmo em que o deixou a triste historia. V. exc.ª está a vêr o filho de seu amo, com todos os regalos da vida, ha vinte e tres annos, e imagina-o agora andrajoso, velho, estendendo a magra mão á caridade... O contraste d'estas duas situações faz-me doer o coração a mim, que não conheci Constantino na prosperidade, que fará a v. exc.ª que o viu crescer nos regalos de filho unico, esperançoso herdeiro d'um grande patrimonio, que se suppõe enterrado!? Diz elle que seu pai devia ter o melhor de quarenta contos, havidos de herança paterna e dos bons lugares que exercera na magistratura, é isto verdade, snr. visconde?

— Sim... elle dizia-se... que havia dinheiro... mas...

«Não appareceu... Nem alguem deu indicios d'elle existir escondido?

— Parece-me que alguem disse... que o desembargador tinha dinheiro...

«Sim, n'um falso, desde a invasão dos francezes; mas...

— Não havia lá nada...

«E até foi necessario esmolar-lhe o enterro, e vender a livraria para pagar o aluguer da casa...

— É verdade.

« E talvez o dinheiro exista... quem sabe?...

— Póde ser... ás vezes...

« Pois, snr. visconde, o que é certo é o infortunio de Constantino, e v. exc.ª vai dar-me uma prova de que tem pena d'este homem.

— Em fim, o caso faz pena; e eu, se podesse fazel-o feliz...

« Pois não póde?

— Alguma cousa posso; mas não tanto como a minha vontade... Entretanto, alguma cousa darei... Posso pagar-lhe a passagem para cá, e depois... veremos o que se póde fazer.

« Depois, concorreremos ambos para lhe segurar a subsistencia com uma pensão, não acha?

— Sim... — disse, hesitando, o visconde — ou arranja-se-lhe um empreguito na camara, ou por ahi...

« É verdade... a influencia de v. exc.ª de certo conseguirá empregal-o... n'uma alfandega, onde ha uns lugares de doze vintens... acho que são guardas...

— Justamente...

« O filho do desembargador não terá de certo ambições de figurar...

— Pois elle... é o que faltava!... está claro...

« É verdade que eu achei no homem espiritos elevados; até me pareceu ter tal ou qual instrucção... V. exc.ª ha-de lembrar-se se elle se dava ao estudo...

— Sim, elle andou em Coimbra dous annos, e dizia

o pai que havia de ser um sabio; mas era extravagantesito... Aquelle casamento...

« É verdade... parece que houve ahi uma historia de casamento...

— Com uma rapariga pobre...

« Que elle não sabe se é viva ou morta...

— Nem eu... ella por lá ficou pelo Porto.

« A pedir esmola, talvez!

— Acho que sim... é o mais provavel.

« E v. exc.ª talvez a soccorresse...

— Nunca me appareceu... Se a visse, dava-lhe a minha esmola; mas cuido que não viveu muito depois que elle foi degradado.

« Muito bem. Consegui apiedar a sua generosidade. Eu dou ordem ao meu correspondente de Buenos-Ayres para fazer procurar Constantino, e agenciar o transporte d'elle para Portugal. A valiosa esmola que v. exc.ª se dignou offerecer, aceital-a-hei quando lhe aprouvér...

— Quanto será necessario?

« Cem mil reis, creio eu.

— Acho de mais! Por trinta a quarenta mil reis... do Rio ao Porto... ou Lisboa...

« Mas eu tomo a liberdade de lembrar a v. exc.ª o transporte de Buenos-Ayres ao Rio, a necessidade de o vestir, porque o vi quasi nú, *et cœtera*...

— Sim, sim; pois, se o snr. barão quer agora receber, eu dou-lhe ordem para o meu guarda-livros...

« Como queira, snr. visconde.

— E vou pedir-lhe um favor.

« Queira mandar.

— Segredo a este respeito.

« Então v. exc.ª segue em rigor a maxima do Divino Mestre: que a mão esquerda não saiba o que dá a direita?... É a excellencia da caridade a sua recommendação.

— E outra cousa... Não quero que elle me venha agradecer... O que poder fazer, faço-lh'o; mas nada de agradecimentos.

« Sendo a gratidão o prazer que o homem caridoso tem n'este mundo, o snr. visconde, com os olhos postos em Deus, dispensa esse acto de humildade... É o refinamento da grande virtude christã. Tudo se fará como v. exc.ª quer.

O visconde sahiu a escrever a ordem. O barão da Penha, só, comprimindo a fronte com as mãos, murmurou:

« Que grande força tem o homem!... Não me abandones, minha coragem!

E sentou-se convulsivo, levando á cabeça a mão direita fechada, e arrepellando com a esquerda um feixe de cabellos brancos. Era a reacção d'uma idéa feroz, que se manifestou em toda a sua furia, quando a prudencia e o calculo se gloriavam d'um triumpho sobre o odio. E que odio! que laceração dolorosa a d'aquelle dialogo!

Já se ouviam os passos do visconde ao pé da sala, quando o barão proferiu estas palavras:

« Este homem está condemnado!... as agonias da morte d'elle principiam hoje.

— Aqui está, snr. barão — disse o visconde, com mal disfarçado agastamento.

« Esta esmola é das que rendem cento por um — respondeu o barão, mudando prodigiosamente o semblante.

— A minha fortuna não é tão grande, como se diz. . .

« Sel-o-ha, snr. visconde.

— O negocio tem revezes. . .

« Não importa... Aquelle que foi levantado pela virtude não póde ser abatido pela fortuna.

V.

Oh! não sabe o que é tormento, o que é inferno n'este mundo, o que não soffreu d'estas angustias!

GARRETT (*Viagens na minha terra.*)

Agora me levantarei, diz o SENHOR, para acudir aos gemidos dos pobres.

Psalmo 11, 113.

Na rua da Murta, na cidade do Porto, mora em uma casa, pobre no exterior, e pobre na mobilia, Jorge Ribeiro, que fôra empregado na companhia dos vinhos, e agora não tem emprego, porque cegou. Figura cincoenta e tantos annos; e é casado com uma irmã de Leonor Soares, mãi de Roberto Soares.

Jorge Ribeiro economisára alguns sobejos do seu bom ordenado pára a velhice; mas a necessidade anticipou-se com a cegueira. Ao cabo de tres annos de inactividade e desamparo, Jorge vendeu as joias de sua mulher, vendeu

o faqueiro, vendeu o bragal, vendeu os melhores moveis, e principia a vender as camisas, quando o senhorio da casa, desembolsado do quartel de dous annos, lhe envia um mandado de despejo e outro de penhora.

O cego recebe serenamente esta noticia; estende a mão descarnada á mulher que lh'a dá, chorando, e murmura:

« Não chores, Helena. Morrer debaixo do céo ou debaixo das cortinas d'um leito rico, é sempre morrer. Deus, que nos reduziu a isto, nos dê o destino que fôr de sua divina vontade.

— E a nossa pobre irmã?

« A nossa pobre irmã irá para onde nós formos.

— E para onde vamos nós?

« E para onde vão as avesinhas que Deus alimenta? Destino certo, n'esta vida, ha um só: é o da sepultura. Iremos ao acaso. Se os meus antigos amigos me não negarem a primeira esmola que lhes peço, viveremos da caridade... pouco tempo será. Nem eu nem tu temos coração para este golpe. A nossa Leonor, se a podermos alimentar no seu leito, dividiremos ao meio o nosso pão esmolado; se não podermos, vamos á Misericordia pedir que lhe deem uma cama, e um esquife, pouco depois. Entretanto póde ser que o nosso sobrinho alcance um emprego; e o pobre rapaz ha-de ser grato aos sacrificios que temos feito para a sua educação litteraria, que de tão pouco tem valido a elle e a nós. O dinheiro, que lhe arranjamos para ir a Lisboa, remediar-nos-ia agora... Oxalá que elle o aproveite... Nada de lagrimas,

filha. Estão ahi já os officiaes de justiça? que vão tomando conta de tudo, e nós sahiremos depois...

— Oh! que situação tão desgraçada a nossa! — exclamou, suffocada, D. Helena — Ao que nós chegamos, Jorge!

« Tens razão, Helena, chegamos á desnudez e á fome; mas vem aqui ao pé de mim, dá-me a tua mão... ainda não esgotamos o calix do infortunio, minha pobre mulher. Tens a tua vista para me guiares á porta dos bemfeitores. Se Deus te cegasse, ainda assim, esperariamos que a mão da justiça nos fosse tambem a mão da misericordia...

Um homem de aspecto duro entrou na sala, quasi núa, onde se passava este lance, e disse que « era necessario despachar » que estava o depositario á espera, e os louvados tinham que fazer.

« Pois então façam a penhora — disse Jorge Ribeiro com tranquillidade — Está n'este quarto proximo uma senhora entrevada, e queria eu saber se lhe hão-de levar tambem a cama, para a passarmos para o sobrado.

— Isso é lá com o senhorio — respondeu rudemente o official de diligencias — Mande-lh'o perguntar.

« Não ha por quem; se o senhor tivesse a caridade...

— De lá ir? não posso, que o senhorio mora longe; mas o que póde fazer-se é avaliar-se o leito, e depois eu digo ao homem o que ha, e elle fará o que quizer.

« Pois sim; mas deixe-me ir prevenir a doente, antes de lá entrarem. Podem ir tomando conta do resto,

e oxalá que tudo chegasse para o embolso do senhorio... Helena, vamos ao quarto de tua irmã.

Jorge, conduzido pela mulher, entrou no quarto de Leonor. Estava a enferma sentada em um pobre leito, sem coberta, com o velho cobertor aconchegado á barba.

— Já sei tudo — disse Leonor — Eu tenho mais animo que a nossa Helena, mano Jorge. Deus parece que dá aos mais desgraçados a maior paciencia. Arranjai-me um lugar no hospital; irei d'aqui para lá. Ireis lá vêr-me todos os dias, e depois nos veremos todos na bemaventurança dos que choram. Vêde se podeis salvar os poucos livros de meu filho, que são os utensilios do seu officio, e tanto vos custaram a vós, e a elle; pelo menos, escondei aquelle livro, que elle estima tanto, por ser o unico objecto que tem de seu pai. Dai-m'o para aqui, andai, que eu escondo-o entre a roupa. O mano Jorge bem sabe qual era; tem um letreiro por fóra que diz: ANNAES DE TACITO. Vai tu buscal-o, Helena, vai depressa, que eu tenho muito amor áquelle livro; foi o unico que elle não vendeu, porque o tinha emprestado.

Helena entrou n'uma pequena alcôva, onde, além d'um velho leito de pau preto, havia uma mesa de jogo aberta, com um tinteiro de louça, alguns papeis escriptos, e duas duzias, ao muito, de livros, sobre a mesa, e uma cadeira que servia, ao mesmo tempo, de lavatorio.

Procurando o livro não o encontrou; veio dizel-o á irmã, que exclamou com alegria:

— Ainda bem que o levou meu filho! Não vos disse eu que elle soffreria muito se lhe tirassem aquelle

livro? Os outros, se lh'os levarem, paciencia. Deus o ajudará a comprar mais. Arranjará elle o emprego? Hoje é dia de correio, e, se houver carta, não póde tardar. Nosso Senhor se compadeça de todos nós, e toque em favor do meu filho o coração do ministro.

Correio! foi uma palavra que fez estremecer os corações d'estes tres infelizes.

— Vai, vai, depressa, Helena! — exclamou a mãi de Roberto Soares — Tendes vós com que pagar o porte da carta?

Helena tinha sahido sem indagar esta circumstancia. Jorge não respondera á pergunta. É que todos estavam em jejum, á espera que uma adeleira lhes trouxesse o importe d'um lençol, para comprarem o pão do almoço. A mulher de Jorge voltou, dizendo que a carta vinha já paga.

— Bemdito seja o Senhor! — disse Jorge.

« E é volumosa!... — disse Leonor, abrindo-a, tremula, como se receiasse uma infausta nova — E traz outra dentro...

— Para quem? — perguntou o cego.

« Para... para... o ill.^mo^ snr. Manoel José da Costa Guimarães, rua da Torrinha.

— É um negociante — disse Jorge — Lê, Leonor.

A enferma passou a carta a Helena, que leu o seguinte:

« Minha querida mãi.

« Lisboa 10 de Setembro de 1850.

« Escrevo-lhe cheio de contentamento. Posso dizer

que é este o primeiro dia de completa felicidade na minha vida.

« Quando poucas esperanças me restavam já de alcançar um emprego, depois de dous mezes de despezas incomparavelmente maiores que as nossas forças, encontrei por um feliz acaso um protector, um amigo, um pai, uma Providencia.

« Este anjo da nossa ventura é o barão da Penha, um homem excepcional por isso que é para mim o que eu nunca pensei que se podesse encontrar n'este mundo egoista, e despresador de tudo que se não faz representar pelo dinheiro.

« Não contente com apresentar-me como seu amigo, chama-me seu sobrinho, e, apenas correu a noticia de que eu era sobrinho d'um millionario solteiro, tenho encontrado n'estes oito dias considerações que me fazem nojo.

« O lugar que eu requeria já o não quero, por conselho do meu protector. Diz elle que me ha-de fazer despachar para outro mais importante, e aconselha-me que siga a vida diplomatica. Tenho um futuro, minha querida mãi! Abrace meus caros tios, já que eu não posso. . . »

A carta foi aqui interrompida pelos soluços da leitora, e exclamações expansivas da enferma. Duas a duas deslisavam as lagrimas na face do cego, que estendeu os braços á cunhada, tateando-lhe a testa, para lhe dar um beijo de arrebatada alegria. E não proferiam uma palavra. Leonor parecia querer resuscitar da paralysia

das pernas para ajoelhar sobre o leito. Helena enxugava, umas apoz outras, as lagrimas teimosas para continuar a leitura da carta. Na sala proxima, a este tempo, revolviam-se os moveis.

Helena proseguiu, lendo:

« A generosidade d'este enviado do céo estende-se até á minha pobre familia. Disse-lhe que minha mãi vivia ás sopas d'uma irmã tão pobre como ella, e o nosso amigo, que pareceu ouvir-me friamente, acaba de me dar duzentos mil reis, para eu mandar immediatamente á minha familia. A ordem inclusa é para os irem receber.»

— Louvado seja o Senhor! — exclamou Leonor, agitando-se na cama, e fazendo pasmar a irmã do grande esforço que fizera — Vai, Helena, vai dizer a esses homens, que já temos dinheiro para pagar ao senhorio. Depressa, depressa!

Helena foi á sala, e disse que não levassem nada, por que n'aquelle mesmo dia seria paga a divida. Os officiaes hesitaram; vendo, porém, que os objectos penhorados mal chegariam para o pagamento das custas, resolveram ir participar ao credor o que se passára.

Terminava assim a carta:

« Esta quantia póde melhorar a situação da nossa casa. Em breve com os meus proprios recursos viveremos commodamente. Minha mãi e meus tios terão dias alegres e fartos na velhice. Eu farei sempre por ter na memoria que muitas vezes me deram para um livro o dinheiro que estava destinado para pão.

« Adeus, minha santa mãi. Diga ao meu bom tio, ao meu verdadeiro pai, que concebo hoje esperanças de ir com elle a Pariz aos oculistas mais celebres; que tenha esperanças de vêr ainda o bemfeitor de todos nós, que me promette ir ao Porto.

Seu filho

Roberto. »

O cego ergueu as mãos, e disse:

« Misericordia divina, acolhe as nossas primeiras lagrimas de felicidade, depois de tantas de amargura em que provaste a nossa constancia.

« Fazei, Senhor, que as nossas desventuras continuem; se a luz de alegria que hoje nos daes, póde um dia desencaminhar-nos a senda da justiça. »

As duas irmãs, recolhidas em fervorosa oração, tinham os olhos postos na veneranda face do cego, que parecia radiar o fulgor do contentamento puro dos anjos.

VI.

> Ha muito tempo que o mundo perdeu a innocencia, estamos na corrupção dos seculos, na idade caduca da natureza, tudo é malicia e enfermidade no concurso dos homens.
>
> *De Balzac* — (*Aristippo* — Versão de *Duarte R. de Macedo.*)

Em poucos dias, as relações do barão da Penha e visconde de Villa-Secca tocaram a intimidade. Era o barão que diligenciava insinuar-se na confiança d'esta familia: as solicitações, as deferencias, os agrados eram todos d'elle. Roberto Soares e o amigo de Guilherme do Amaral maravilhavam-se d'esta sympathia. O segundo alguma vez tentou conhecer o iman d'esta attracção: perguntava que conformidade de genios havia entre o barão da Penha e Antonio José. O barão respondia com um sorriso, que tanto podia exprimir o sarcasmo como a ferocidade.

*

« Ha n'aquelle riso — disse o poeta a Soares — alguma cousa sanguinaria que faz lembrar o franzir de beiço do cão que ameaça.

— A mim — disse Roberto — nunca me falla em tal homem, nem me convida a acompanhal-o lá, levando-me a todas as casas. E, comtudo, sei que elle tem feito valiosos presentes á viscondessa. Ha um segredo aqui. Desconfio que o barão não gosta que lhe falles em Antonio José. Poupa-lhe aquelle sorriso, que lhe deve ser muito doloroso a elle.

« Pois sim... outro assumpto... Haverá romance n'isto? Sabes tu, Soares, que as cousas e as pessoas são as mesmas em toda a parte?! Ha quatro annos, conheci Guilherme do Amaral, que entrou no Porto com reputação de rico. As mulheres de lá interrogavam-me a respeito d'elle. As phrases d'ellas eram estas das mulheres de cá, das que hoje me interrogam a teu respeito. Quer-se por ahi saber se tu és o presumptivo herdeiro do barão da Penha; a quem amas; quem é que te ama; com que intenções amarás; se já amaste; se amarias uma burgueza rica, ou uma mulher de sangue azul pobre: fazem-te auxiliar do verbo amar, e conjugam-te em todos os tempos. Eu, na tua posição duvidosa...

— Duvidosa!

« Sim — duvidosa. O barão da Penha é um exquisito, em que ninguem deve fiar o seu futuro. Chamou-te sobrinho? Se elle morresse hoje, os herdeiros pediam-te ámanhã as habilitações do parentesco. A imaginação

romanesca tem caprichos sobre os quaes a vida real não póde contar.

— Duvidas que o barão me protege?

« Não: já beneficiou a tua familia, e ha-de fazer-te despachar melhor do que desejavas; mas o que eu faria, sendo o que tu és, era inspeccionar as mulheres que estão na feira, e apaixonar-me seriamente por aquella que me segurasse um bom futuro, independente dos favores incertos d'este homem singular. Á sombra do barão, pódes agarrar a fortuna pelos cabellos. A primeira lição que elle te deu, tem um sentido mystico e allegorico, que tu não comprehendeste, porque te faltam seis annos de sociedade. Dizer-te elle que era cavalheiro de industria foi um elogio figurado que elle fez á industria dos « cavalheiros. »

O barão tocou a extrema do conhecimento do mundo, e, quando aconselha, não póde sustentar a mascara da hypocrisia.

— Pois crês — interrompeu, agastado, Roberto Soares — crês que este homem seja um velhaco?!

« Eu sei cá o que elle foi e o que elle é!

— Não conheces, como eu, as acções que provam a nobre alma do barão?

« Eu distingo entre causas e effeitos. Aqui tenho eu na minha carteira uma maxima, que copiei d'um livro francez: *Il ne faut par mesurer les hommes par leurs actions, qui sont trop dependantes de leur fortune, mais par leurs sentiments et leur genie.* Ora, eu não conheço a indole e os sentimentos do barão melhor do que tu.

Uma dadiva de duzentos mil reis a uma familia pobre, uma esmola de dous contos de reis a uma costureira que se encontra na rua ralhando com a mãi por gastar o monte-pio na loteria, isto não são as virtudes difficeis d'onde sahe incendrado o puro ouro da virtude. Se o barão tem, como dizem, um milhão, ou dous milhões, ou não sei quanto, essas liberalidades não devem servir de recommendação para aquelle que dá a um pobre os ultimos seis vintens com que devia almoçar. Nada de idolatrias intempestivas, meu caro Soares. Conta-me a historia da riqueza d'este homem, traz-m'a até nós pelo trilho da honra, e depois eu lançarei no teu thuribulo um grão do meu incenso.

Entre nós — proseguiu o poeta com o seu humor pessimista — o homem, que vem rico de longe, tem duas existencias, que se separam, logo que elle salta em terra. A patria para elle é uma especie de ilha de Venus, como a imaginou Camões. No poema, os cançados navegadores refocillam-se nos braços deleitosos das nymphas, saboream-se nas mais exquisitas sensualidades que o peccado póde inventar, e, para cumulo de delicias, ouvem no fim o canto prophetico da deusa libidinosa que lhes assegura a immortalidade.

Os bem-vindos do paiz do ouro — os nossos irmãos de além-mar — apoz os perigos e sustos com que as riquezas rapidas se grangeiam, aportam ás praias natalicias. Ahi lhes vão as nymphas de todos os rios e riachos de Portugal ao encontro, e rara se esquiva como a Efire do Leonardo,

A quem amor não dera um só desgosto,
Mas sempre fôra d'elle maltratado.

Quem pergunta onde tal homem teve feitoria de escravos? quem lhe pede contas das colonias que mandou comprar nos mercados da sua terra?

Ninguem tem a crueldade de ferir com suspeitas, ou ainda com allusões certeiras, a reputação d'um homem, que estreou o seu amor á patria, esmolando para um asylo de caridade as migalhas que os jornáes, trombetas dos modernos phariseus, annunciaram hontem. *Enxuga muitas lágrimas,* dizem elles; e as de sangue, que elles fizeram chorar, quem as enxuga? O soro das glandulas lacrimaes do preto não é pranto de homem; o azorrague que avergôa as espadoas do escravo faz espirrar sangue, e não lagrimas...

Em sangue é amassado o pão que ahi se come nos hospitaes. Não importa. Venham de lá do novo mundo para este paiz envilecido os capitaes, tudo se perdôa aos portadores; com tanto que elles abram uma sala para os sevandijas da escóla de Petronio, miseraveis que toleram com vil paciencia o sobrecenho do dinheiro, abjectos vendilhões de cortezias que pensam ter respondido ao escarneo d'algum estoico, dizendo que é preciso aceitar a sociedade como ella está.

E o progresso moral o que é, Soares? Estamos cantando, com Juvenal, o *obscena pecunia,* ou é exacto ter apparecido ha mil oitocentos e cincoenta annos, um homem divino, chamado Jesus, que apostolava a redempção do branco e do negro?

— Quem está aqui a prégar missões?! — perguntou o barão da Penha, que appareceu á porta do quarto de Roberto, onde o poeta proferíra o estirado monologo.

« Era eu, snr. barão, que estava ensaiando um discurso que tenciono fazer em camaras, quando fôr deputado, pedindo um pantheon para todos os bemfeitores de hospitaes, recolhimentos, e confrarias, ainda quando se prove que os legados caritativos foram adquiridos na escravatura. Dê-me v. exc.ª sobre o thema a sua valiosa opinião.

— A minha opinião não é valiosa; mas será sincera. Eu tenho lido e ouvido o que se diz em Portugal ácerca das « fortunas » vindas do Brazil, e por isso entendo a satyra do seu thema, não obstante a gravidade com que v. s.ª o propoz. Os folhetinistas, os romancistas, os dramaturgos, e ainda os philosophos moralistas de botequim são injustos e ingratos nas vaias e chocarrices com que ridiculisam os chamados brazileiros. A primeira alcunha com que os mimoseam é a de estupidos.

« Não o são? — interrompeu o poeta.

— Se m'o pergunta, digo que sim, e são-o duas vezes, por duas razões: primeira — são estupidos porque a patria lançou-os de si, não lhes dando pão para o corpo, nem instrucção para a alma; estupidos foram; por lá andaram labutando vida de negros, lá ganharam o pouco ou o muito que possuem, e de lá vieram, estupidos, sim, mas cançados de fadigas, trazendo á madrasta, que lhes não deu trabalho nem instrucção, o capital que faz as industrias, o capital que os governos afagam com as baratas considerações dos titulos honorificos, o capital

que levantou o preço da propriedade, o capital que sustenta a vida mercantil d'um paiz atrazado que as nações da Europa repellem com irrisão dos seus mercados. Segunda razão: são segunda vez estupidos por que tem o baixo espirito de se deixarem enthusiasmar por amor de patria; de nunca desprenderem o coração e a saudade do torrão que lhes foi sáfaro para elles; estupidos, sim, por que tem a inepcia de trazerem a um paiz, sem vida, o capital que arriscam nas burlas do estado aos particulares; por que renunciam os gosos que o seu dinheiro lhes proporciona nos paizes, onde o brazileiro não é synonymo de mercador de pretos; estupidos, finalmente, por que subscrevem com avultadas quantias á manutenção dos estabelecimentos pios; e a opinião dos illuminados, dos espertos, dos syndicos das consciencias, é que essas esmolas são, aqui, uma reparação á humanidade soffredora das angustias que lhe fizeram soffrer n'outro ponto do mundo.

« Se me dá licença... — atalhou o jornalista.

— Queira dizer, mas não me replique com alguma facecia. Seja serio n'esta argumentação, se vê que ella merece a seriedade.

« Eu ia dizer que os brazileiros vem para Portugal, por que Portugal, além de ser um excellente clima, é o unico paiz, depois do Brazil, onde se falla o portuguez.

— É séria a sua contradicta, cavalheiro?

« Muito séria: equivale a dizer que...

— Não precisa dizer-me a equivalente: eu tenho, se me dá licença, a penetração necessaria para entender

a sua idéa sem commentarios; quer dizer que os filhos de Portugal vem para Portugal por que em Londres, Belgica, ou Pariz se não falla o portuguez. Não lhe aceito a replica na intenção ajuizada que v. s.ª lhe deu. Isso é uma jocosidade de folhetim, meu caro senhor. Diga-me antes que em Portugal uma duzia de contos é uma «fortuna»: cincoenta contos fazem um capitalista que trata face a face os regedores da republica; que cem contos nobilitam o possuidor, com tanto que se façam representar á bôca do cofre das graças pelo dinheiro, sendo certo que a individualidade do agraciado é uma cousa nulla n'essa mercadoria torpe e vil em que os culpados são os governos, e não os agraciados. É um barão, que lhe falla, senhor. Qual de nós é o ridiculo: eu, que dei uma esmola ao estado e recebi uma mercê; ou o estado que me enviou um seu agente, pedindo-me a gratificação que foi repartida entre alguns miseraveis que nunca foram ao Brazil?

«A delicadêsa manda-me calar — respondeu o amigo de Roberto Soares.

— Pois o senhor tem necessidade de ser grosseiro para me responder?

«O governo foi immoral vendendo-lhe um titulo; v. exc.ª foi vulgar comprando-o.

— E, por ventura, lhe disse eu que era distincto?! Quando quiz eu evadir-me da esphera vulgar?

«Não o adulo; considero-o superior ao titulo.

— Obrigado; mas crê que o meu titulo fosse comprado com o valor de seis negros?

« Não ouso indagar a vida de v. exc.ª Conheço-o ha quinze dias, e difficultosamente me decido por uma de duas conjecturas.

—Posso ser um negreiro, e ser um honrado commerciante.

« Ao mesmo tempo, não.

—Uma das profissões.

« Se eu aceitasse alguma das hypotheses, sem mais reflexão, seria a segunda. V. exc.ª é homem de intelligencia; ha-de sêl-o forçosamente de coração. O homem de coração não vende, resgata infelizes.

—Se me concede que eu me tenha enriquecido sem deshonra, por que não ha-de conceder esse favor aos bemfeitores dos hospitaes, recolhimentos e confrarias para os quaes v. s.ª quer pedir um ridiculo pantheon ás camaras? Convença-se, meu caro senhor, que ha no Brazil muito portuguez honrado, encontrei-os de grande coração, e intelligencia nenhuma, a duas mil leguas d'aqui, onde um homem que diz: « sou portuguez » aperta a mão caridosa que se estende até aos hospitaes da patria. É que a intelligencia atrophia a sensibilidade do coração? Não sei. O que sei é que na patria, onde ha uma phalange de homens lucidos, e escriptores de todos os feitios, o homem sem trabalho, não acha salario, as fabricas das nascentes industrias definham em estupido atrazo; e os mancebos letrados, como o seu amigo Roberto Soares, desanimam á porta das secretarias pedindo humildemente um lugar n'uma alfandega. Que fazem os talentos desdenhosos d'esta ter-

ra que não dispensam o seu paiz dos auxilios que todos os dias pedem ao braço do commercio brazileiro? Pois o genio em Portugal só serve para afiar chocarrices contra os analphabetos, que só são culpados em não lerem romances ao mesmo tempo que transportavam fardos ás costas, ou consumiram vinte annos ao pé d'uma balança? O meu paciente amigo vai-me responder triumphantemente: parece-me que lhe estou ouvindo argumentos sobrepostos para me provar cousas horriveis. Se o seu fim é aniquilar-me, declaro-me aniquilado sem o ouvir, e faço votos por que a maioria das camaras, de que v. s.ª ha-de ser um digno ornamento, vote na sua proposta d'um pantheon para os testadores em beneficio das misericordias.

Eu vou passar fóra a noite... e não me quero furtar momentos deliciosos d'uma bella companhia. Estes meus cincoenta annos rejuvenescem. Dom Quixote domina agora Sancho Pança. Estou namorado d'uma idéa, que veste de encarnado, côr de sangue, como as visões dos atacados de gotta-serena. Os meus indulgentes litteratos não censuram a *toilette* escarlate da minha idéa, não? Ora, fiquem discutindo se ha idéas nuas, e idéas vestidas, e deixem-me ir galantear a minha idéa encarnada.

O poeta argumentador sahiu apoz o barão. Roberto escreveu uma longa carta a sua mãi, e tirou do bahú o seu livro precioso, o Tacito, em que estava escripto o nome de seu pai.

Ainda lia, quando o barão entrou, á meia noite.

VII.

Quelquefois... la passion ne fait que s'ajourner, comme un feu qui couve sous la cendre.
JULES SIMON (*Le Devoir.*)

De que estás alvoroçado?
Que alegria tens no peito?
F. RODRIGUES LOBO (*Eclogas.*)

« Assim é que se passa bem uma noite... — disse o barão a Soares — Cuidei que iria com o seu amigo passar a noite fóra.

— Não, senhor. Tinha saudades do meu *Tacito,* que não abri, desde que sahi do Porto.

« Gosta do Tacito? É admiravel esse gosto n'um escriptor romantico. Achava mais natural que se désse á leitura de Sue e Dumas... Eu tambem li o Tacito na minha mocidade; mas as educações litterarias d'esse tempo faziam-se com leituras mais substanciosas que

as de hoje. Traduziam-se então uma ou duas novellas cada anno, e ninguem as lia. As mulheres eram mais ignorantes que as de agora. Trastejavam e mourejavam na casa, como boas mães de familia, e as solteiras não cuidavam nada de se dotarem espiritualmente, por que os noivos da época não conheciam esta cousa que se chama « espirito » no vasconço dos salões, onde hoje mais que então, reina o absolutismo illuminado da materia. Vejamos o seu Tacito... Ainda me lembra o principio dos Annaes: *Urbem Romam a principio reges habuere...*

O barão tomou o livro de sobre a banca, abriu-o na primeira pagina, e estremeceu. Esta agitação foi estranha a Soares, que accendia o charuto, ficando de perfil para o barão.

« Quem é este Constantino de Abreu e Lima que escreveu aqui o seu nome?

— Foi meu pai.

O barão desceu rapidamente sobre o livro os olhos que fixára um momento com pasmo no rosto de Soares.

« Mas... o senhor... — tartamudeou o barão mordendo o charuto para disfarçar o turbamento — não tem algum... dos appellidos de seu pai?!

— Os meus appellidos são Soares de Abreu e Lima...

O barão depoz o livro, ergueu-se, deu alguns passeios no quarto, encostou-se ao parapeito da janella, e disse palavras banáes a respeito do colorido luminoso que a lua dava ás rimas de mosaico com que se estava fazendo o pavimento do Rocio.

Depois, como vencido no violento esforço que fazia á ancia ou á curiosidade, perguntou de subito:

« O snr. Roberto conheceu... seu pai?

— Não, senhor. Eu nasci quando meu pai sahiu de Portugal.

« Já me disse que tinha vinte e seis annos... nasceu em... 1824, por consequencia. Como se chama sua mãi?

— Leonor Soares.

« Se o não importuna a minha curiosidade, diga-me onde está seu pai... morreu?

— Meu pai é uma historia que eu não sei bem; o que sei, porém, é uma desgraça das que são seguidas da ignominia para um filho. Quando v. exc.ª quizer, dir-lhe-hei o que sei. Será o primeiro homem a quem o diga.

« Mereço-lhe essa estima? Conte-me agora a historia de seu pai.

— Eu tinha dezoito annos, quando minha mãi me fallou, pela primeira vez, como se falla a um homem.

Pouco mais ou menos, foi isto o que ella me disse: « Sei que perguntaste a tua tia Helena que razão tivera teu pai para me deixar desamparada, quando tu nasceste. A tia Helena disse-te que teu pai fôra ganhar a vida no Brazil, e lá morrera. É tempo de saberes, da bôca de tua mãi o que póde ser que saibas d'algum estranho que te queira mal. O que vaes saber de mim não humilha, porque ambos nós somos igualmente esmagados pela mesma vergonha.

Teu pai era filho d'uma pessoa illustre, e eu fui a principal origem da desgraça de teu pai. Conhecemo-nos, e desde esse momento a nossa vida foi cortada por todos os golpes que podem ferir o coração e a alma.

Interrompeu elle a carreira dos seus estudos, e abandonou a casa do pai para ser meu marido. Eu não tinha se não um coração extremoso para dar-lhe. Minha mãi era uma pobre viuva com quatro filhas, que trabalhavam, dia e noite, para serem boas e virtuosas.

Teu pai foi lançar-se aos pés do d'elle, pedindo-lhe perdão e alimentos. Não conseguiu amisade nem compaixão. O pai repelliu-o furioso, e o meu pobre marido voltou dizendo que a dureza do velho era demencia e não crueldade.

A desgraça fizera nascer espinhos no coração de teu pai. Viu-se privado de tudo, desconhecido a todos, limitado aos meus carinhos, que lhe eram enfadonhos. Desculpei-o; mas elle já não queria desculpar as minhas lagrimas. — O que precisamos é pão, não é lamentações, dizia elle; se choras, por que me não resigno á necessidade, é escusado chorar; se entendes que o teu amor é bastante para satisfazer as minhas precisões, eu digo-te que não, e direi mais que me atormentam choradeiras.

Teu pai, ao terceiro mez de casado, resolveu sahir do Porto, e estabelecer, em Braga, uma aula de latim, esperando que a dura alma de meu sogro amollecesse, vendo que o filho se dava ao trabalho para viver com honra.

Foi uma esperança enganosa. Não concorreram estu-

dantes á aula. Os paes achavam moço de mais o mestre para poder ensinar. Os padres de Braga fizeram-lhe guerra, e o meu desesperado marido viu-se obrigado a mudar d'alli para outra parte, quando chegou a noticia de que meu sogro estava em artigo de morte.

Viemos a toda a pressa. Teu pai apresentou-se ao moribundo, que o recebeu com ar de alegria, deixando beijar-se a mão. No dia seguinte morreu teu avô, e teu pai mandou-me chamar.

Tratou-se do funeral, procurou-se dinheiro nas gavetas, achou-se uma insignificante quantia, que não chegava a nada.

As pessoas, que se acharam presentes a esta busca, e viram que a situação de meu marido não melhorava, fugiram ao medo de serem importunadas. Fez-se um pobre enterro ao homem que todos suppunham ser rico; e, dias depois, venderam-se os livros para pagar a renda da casa; e d'ahi em diante começamos a vender os trastes para ir subsistindo.

Estava teu pai mais infeliz do que nunca estivera. Agora nem já a esperança lhe restava. Praticou muitas humilhações para arranjar um emprego; mas em vão. No Porto, as pessoas mais poderosas aborreciam-no por elle ser filho d'um constitucional.

« Esta gente faz-me ladrão » ! disse-me um dia teu pai; eu chorei muito; estas palavras feriram-me o coração; ajoelhei-me aos pés d'elle, rogando-lhe que não dissesse tal cousa; que não pensasse sequer n'uma infamia de que elle era incapaz.

Tratou-me com aspereza, prohibindo-me, com termos asperos, de me intrometter nas suas acções.

Um dia foi teu pai procurado por um homem estranho. Fechou-se com elle n'um quarto, e lá estiveram muito tempo. Quando o homem sahiu, teu pai cahiu sobre uma cadeira, com a face entre as mãos, e proferiu esta unica palavra : « Conseguiram. » O que? exclamei eu. « Sou ladrão ! », disse elle, lançando-me um olhar de demente. Tremiam-me os cabellos ; abracei-o como se o quizesse salvar de cahir n'um abysmo ; desembaraçou-se de mim com desabrimento, e fechou-se no quarto. Espreitei a tremer, e vi que teu pai estava escrevendo.

No dia seguinte, veio o mesmo homem de maldição que ajuntára a desgraça á nossa miseria. Este homem entrou e sahiu com pequena demora. Teu pai, logo que elle sahiu, atirou-me ao regaço uma peça, e disse : « quero-me hoje embriagar ; manda comprar o melhor vinho. » Meu filho, chorei sangue. Senti-me tomada de frio ; o olhar de teu pai aterrava-me ; o rir violento que lhe vi, e vejo agora, era feroz. « Não queres que eu me embriague á tua vista? — tornou elle — Faça-se a tua vontade. » Quiz segural-o, e não pude. Sahiu arrebatadamente. Á meia noite trouxeram-no a casa sem accôrdo : fôra encontrado na alameda da Lapa, dizendo cousas inintelligiveis, e insultando quem encontrava.

Passei horas infernaes ao pé de teu pai, mergulhado em profundo torpor. De manhã, fitou-me espavorido, recordou-se, e chorou, em silencio. Eu nada tambem lhe

disse. Em todo aquelle dia não pude arrancal-o á tristeza. Eram os ultimos lampejos da honra.

Passados dias, tornou o homem que deixára o dinheiro, e sahiu deixando uma quantia maior. Era muito dinheiro em ouro.

Quem te dá este dinheiro? exclamei eu. — É a sociedade — disse elle — É a sociedade a quem eu sou util. É a sociedade a quem não posso ser util d'outro modo. Não tolero mais perguntas.

A nossa situação melhorou muito. Teu pai adquirira novas relações; recebiam-no todos sem lhe perguntarem onde houvera o dinheiro que lhe dava uma brilhante independencia. Alguns suppozeram que elle encontrára o perdido thesouro do pai.

Assim vivemos seis mezes. O dinheiro augmentava; e teu pai parecia afeito á sua sorte. Eu não ousava indagar a causa da sua apparente felicidade, com medo de perturbar-lhe aquella alegria criminosa. Que era criminosa, adivinhava-o, mas, eu antes queria o contentamento d'elle, do que a tristeza do remorso; antes, antes; só o coração de mulher que ama, e perdôa os vicios d'aquelle que ama, saberá perdoar-me esta preferencia.

Decorridos seis mezes, teu pai falta-me uma noite em casa. Na madrugada do dia seguinte, recebo um bilhete da cadêa. Teu pai estava preso. Ao tempo que recebia o bilhete, entram homens em minha casa, tomam conta de todos os papeis, e dizem-me: « seu marido está preso por falsificador de firmas. »

Perdi os sentidos, filho. Quando os recuperei, fui á

*

cadêa. Disseram-me que meu marido estava incommunicavel. Sentei-me á porta da Relação, esperei aquelle dia inutilmente; no outro, pude vêl-o. Atirei-me aos ferros a chorar; teu pobre pai chorava tambem; perdêra o animo; era um coração que a vergonha queria regenerar... não era fraqueza aquelle chorar, não...

Esteve seis mezes em processo. Não te sei dizer miudamente a particularidade dos crimes. Sei que foi condemnado a degredo de vinte annos para Cabo-Verde.

Quando sube a sentença, pedi-lhe que me deixasse acompanhal-o. Não quiz; chegou a repellir as minhas supplicas com enfado, dizendo que tencionava suicidar-se no mar.

Nasceste então, meu filho, então, quando teu pai morria para ti, para mim, para a sociedade, e para a honra. Estava eu moribunda no leito em que nasceras, em casa de minha mãi, quando teu pai partiu. Sei que um cirurgião lhe deu noticias da minha morte irremediavel, quando elle entrava na escolta. Teu pai chorou na presença do cirurgião, e perguntou se a criança tambem morreria. O cirurgião respondeu que devia estar morta no ventre. Teu pai só disse: « Ainda bem! »

Esta falsa nova, que oxalá fosse verdadeira, tinha-a o cirurgião augmentado da que lhe dera o meu assistente, que me julgou morta.

Escrevi para Cabo-Verde umas poucas de cartas: todas se perderam; ou mais certo foi teu pai morrer. Que se não suicidára sube-o eu do commandante do navio em que elle fôra; mas esse mesmo me disse que um terço dos

degradados morrera das febres apenas saltára em terra.

Aqui tens a historia de teu pai, meu filho. »

Quando minha mãi concluiu esta triste historia, snr. barão, estava livida; não quiz exacerbar-lhe a agonia com outras perguntas. Tive compaixão de meu pai, e concebi um odio profundo á sociedade.

O barão ergueu-se, correu a mão pela fronte, desceu-a ao longo da face, escondendo a alteração que Roberto julgára effeito da sensibilidade. Sentou-se de novo, já maravilhosamente demudado, e disse:

« Como viveu sua mãi até hoje?

— Uma minha tia casou com um homem, que tinha alguns meios, e levou-nos para a sua companhia. Como já disse a v. exc.ª, minha mãi entreveceu, tendo apenas trinta e tres annos. Meu tio, bemfeitor de minha mãi, cegou, e desde então vivem todos tão opprimidos pela miseria, quanto eu quero que v. exc.ª veja n'esta carta de minha mãi que hoje recebi, e que tencionava mostrar-lhe para que o nosso bemfeitor não desconheça o valor do beneficio.

O barão tomou com avidez a carta da mão de Soares, e leu o seguinte mentalmente:

« Meu filho.

« Porto 5 de Setembro de 1850.

« Diz ao teu bemfeitor que a sua esmola chegou na occasião em que o senhorio da casa nos mandava penhorar estas pobres cousas, que nada valem; mas sem ellas a nossa miseria era maior.

O teu bemfeitor deu-nos casa, cama, pão, e honra.

Se elle presenciasse as nossas lagrimas de alegria, agradeceria a Nosso Senhor ter-lhe dado meios com que valer a uma familia em extrema necessidade.

A paga lá a deve ter no bom coração; mas uma cousa é dar uma esmola, e outra é ser testemunha dos effeitos d'ella. Teu tio recobrou o semblante alegre que ha muitos annos lhe não viamos. Diz elle que o seu contentamento não procede de ter o pão certo para o dia de ámanhã; mas sim de poder ir d'este mundo com a certeza de se ter enganado, quando pensou que o homem rico d'estes tempos era insensivel e duro, como uma barra d'ouro.

Tua tia comprou um vestidinho para ella, e preveniu-se para me agasalhar no inverno.

Tudo isto devemos ao snr. barão, á Providencia que o aproximou de ti. Diz-lhe que todos tres pedimos a Deus que a vida lhe seja tão aprazivel quanto nos está sendo a nossa. Já nos parece supportavel a enfermidade.

Teu bom tio louva ao Senhor por lhe dar olhos para chorar de gratidão, já que os não tem para vêr o nosso bemfeitor. O santo velho espera beijar-lhe a mão um dia.

Meu filho, sê grato e honrado. Não te julgues humilde de mais beijando os pés ao nosso amigo. Tua mãi beijar-lhos-ia, se podesse. Adeus, meu Roberto. Dá-nos noticias tuas, e diz-nos sempre que não esqueces um instante de louvar a Deus pelo amparo que te deu e á tua familia, que tanto te quer.

Tua mãi

Leonor. »

O barão dobrou vagarosamente a carta. Roberto viu-lhe os olhos aguados, e nos labios o tremor que faz a compunção nas almas sensiveis. Achou natural o effeito.

A physionomia do barão mudou repentinamente para o jubilo, entregando a carta.

« Sinto uma estranha alegria, meu amigo! — disse elle — Não me cabe no coração este novo ser, que nasce em mim. Quero abraçal-o, como abraçaria a sua pobre mãi, entrevada, a sua boa tia com o vestidinho novo, e o velho cego, que me quer beijar as mãos.

E comprimia freneticamente ao seio o filho de Leonor.

« Impressiona-o esta alegria expansiva? — proseguiu elle — Ha um forte coração n'este peito que sente. Eu amo a miseria da sua familia; estou a amal-a como se fosse minha... É extraordinaria esta sensação!... Que fiz eu á sua familia? Nada, nada! uma esmola que apenas a remedeia nas primeiras necessidades... Roberto, consinta-me tratal-o com o desleixo da verdadeira estima... Roberto vai ao Porto, e ha-de ir ámanhã, sim?

— Cumprir as ordens de v. exc.ª?

« As minhas ordens, sim. Vai ao Porto, e ha-de cumpril-as rigorosamente. Leva uma ordem franca. Alugará uma casa em que eu possa hospedar-me, quando lá fôr. Essa casa ha-de trastejal-a o melhor que possa ser. Abundancia em tudo que sejam commodidades. A mais pequena falta, que eu depois achar, hei-de reprehendel-o por ella. Depois, a sua familia será transportada para essa casa. O meu correspondente irá levar-lhe

mensalmente a mezada que lhe estabeleço. Feito isto, Roberto voltará a Lisboa, se eu o chamar. O emprego dispense-o por em quanto. As occupações que lhe convem agora são todas domesticas. É chefe da sua familia, e precisa estar com ella. Cumpre a minha vontade?

— Se cumpro a sua vontade! — disse Roberto, apertando e beijando a mão do barão.

No dia immediato, Soares partiu para o Porto, depois de receber novas recommendações do barão.

VIII.

> Quem melhor conhece o fundo de vossos corações é Deus.................
> ....
> AL-KORAN.

> Quando um homem vive em paz e amisade com os outros, o metal mais pesado — o ouro — é mais ligeiro, na mão d'elle, que uma penna. Abre a bolsa, e olha em redor de si como buscando alguem que lh'a queira quinhoar.
> STERNE (*Viagem sentimental.*)

O visconde de Villa-Secca sahira para Cascaes, com a familia, a tomar banhos. O barão, que não queria perder de vista, um só dia, esta familia, pretextou a necessidade de banhos, e foi tambem. A viscondessa, querendo explicar a adhesão do capitalista á sua casa, suppoz que o barão projectava alliar-se por casamento com uma sobrinha do visconde.

E razão tinha ella para o julgar assim. O barão tratava affectuosamente a menina, e esta dizia, sem rebuço, que o quinquagenario valia mais que muitos rapazes.

O visconde dava publicidade a estes ditos, revelava-os lerdamente áo seu collega, e o mais que conseguia do barão era um sorriso indecifravel, que a viscondessa dizia ser acanhamento ou desconfiança do amor da donzella.

Não alongaremos o episodio d'esta tentativa de mercadoria em que o comprador foi solicitado. A sobrinha não era herdeira, por que o visconde tinha um filho que viajava. Já se vê quanto desejado seria o casamento, e quantas negaças faria a industriada moça ao impassivel barão. Este caso é muito incidental na nossa chronica; por isso, e por que elle é d'uma nojenta vulgaridade, pospomol-o, ou reservamol-o para uma serie de ridicularias em que venha a pêlo o estylo chocarreiro.

Diga-se aqui o que devia estar em prologo.

Este romance é serio, serio de mais para os nossos tempos, em que a verdade para captar o espirito do leitor de novellas, ha-de ser alindada, garrida, e exornada de seductoras mentiras.

Mente o romancista que dispõe as suas figuras ao geito da sua calida ou fria imaginativa. É preciso palpar as differentes temperaturas da sociedade, que tem mais zonas que a geographia astronomica.

Mente o romancista que materialisa a sensação, ou espiritualisa a materia, creando sentinas fetidas, ou jardins olorosos: do muito poetisar cousas que o não valem, ou do muito descólorir o que por ahi ha com alguma poesia, é que se fazem as falsas pinturas. Uma imaginação levantada passa por cima da verdade, sem

lhe tocar; a outra, a imaginação rasteira, vai, a titulo de mera copista, achar o mais baixo que por ahi ha.

Por ahi ha de tudo, ponto é observar; mas o melhor é sentir, e experimentar.

E, havendo por ahi de tudo, não pude até agora, leitora de coração, dar-lhe os paineis de amores de que está cobiçosa, como quem quer lh'os retrate da alma, ou lh'os ensine a passal-os para esta pintura descorada e despoetisada que os homens fazem.

Eu não tenho imaginação, tenho memoria, memoria do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descarno as pinturas, se descrevo uma scena friamente, é por que assim os olhos, que a viram, a levaram á alma, que a imprimiu em si. Se me deixo ir nos arrobos de coração, que se ala para o imperceptivel, desesperado de incorporar na palavra o que só é do fôro intimo da alma, é por que, em tal situação, na presença de tal facto, ouvindo tal historia, vendo tal mulher ou homem, senti assim, comprehendi assim o que talvez outros olhos e outras almas vissem e entendessem de outro modo.

O certo é que não imagino, ou apenas imagino, se póde dizer-se imaginar, épocas, lugares, nomes, miudezas, generalidades. Não ha de meu outro lavor n'este e nos outros romances.

Os que me chamam inventor cuidam que o viver d'este paiz não póde interessar, fóra do cauterio do folhetim e da satyra ridente de Tolentino. A « boa companhia » diz que lá no seu gremio sabem todos a vida uns dos outros, e, sendo tudo vulgar, o romance fidedi-

gno é impossivel. Que o soalheiro existe, isso juro eu; mas no soalheiro diz-se pouco; os de fóra é que sabem o muito.

Na « baixa sociedade » diz-se que não ha nada a que se atenha o copista fiel: costumes rotineiros, vicios baixos, crimes que fazem asco, nada de coração nem de espirito, tudo plebeu, e nauzeento para quem lê um romance, em cadeira de espaldar, debruçado sobre uma jardineira, ou com os pés no *fender* do fogão. O que faz os incredulos é a cadeira de espaldar, a jardineira, a othomana, o fogão, o circulo estreitissimo, embora magnificente, do seu viver.

A baixa sociedade, o vulgacho, mas o vulgacho que veste casaca e é eleitor e elegivel, o povo, essa classe de que todos se vão emancipando, de modo que, em breve, não haverá povo, só sabem o que elle é os que lá nasceram, ou lá vieram arribar, ainda bem, batidos pelas borrascas da vida.

A feição que individualisa o povo, nos ajuntamentos, nas praças, nas officinas constitucionaes onde se fabricam as formulas do governo representativo, essa feição não é a sua, é compostura que o desaira, é o velho cobre da velha moeda com cunhos novos, abertos á pressa, despolidos, e grosseiros. Ahi de certo não ha romance, não ha nada; é essa uma vida descaracterisada, rodando sempre no mesmo eixo, cuja manivella os utilitarios passam de mão para mão. A vida intima, porém, por isso mesmo que está em antagonismo com os costumes da vida exterior, tem muito que vêr e contar.

Quando nascerá o genio que nos conte devagar, phenomeno por phenomeno, as metamorphoses que temos visto? Que comedias e que tragedias desde o leme d'um barco de pipas até á vara d'uma presidencia municipal! desde a tripeça da palmilhadeira de aldêa até á banqueta-carmesim para a portinhola do *coupé* da viscondessa!...

Valha-nos Deus! Ha tanto romance que fazer, e eu, por pouco, me não ia esquecendo que estou fazendo um, e o leitor, mais esquecido que eu, está a dormir, talvez... Se acordar bem humorado, aqui tem o conto, onde m'o cortou a mettediça philosophia:

O barão da Penha aposentou-se em uma velha casa, contigua a um palacete delapidado, quasi ruinas, d'um fidalgo, o mais fidalgo de Cascaes, e um dos primeiros em Portugal, dizia o escudeiro.

O barão engraçou com este escudeiro, deu-lhe confiança, e constituiu-o seu mordomo tambem. O velho fidalgo, nas horas vagas, que eram quasi todas por motivos que, depois, se dirão, mandou offerecer a sua casa ao inquilino, cousa, dizia o mordomo, que elle não fazia a banhista algum, desde 1833. O motivo d'esta abstenção de visitas é obvio: Bernardo da Veiga, o fidalgo, dissipára, quando moço, os sobejos de seu pai. Viera, depois, a constituição dar-lhe o ultimo golpe no fio de duas commendas de Christo e Conceição das quaes pendia a subsistencia decente do fidalgo.

Depois de 1833, Bernardo da Veiga vivia atido a um vinculo desbaratado, de rendimento de quatrocen-

tos mil reis, que lhe não chegaria para cêbo, se elle alumiasse todas as noites os seis enormes salões do palacete.

Aceitou o convite o barão, foi; e depois de acordar, no longo transito, os eccos da soturna casa, parou n'um grande sobrado, salão, ou o quer que era, de pavimento carcomido como os rendilhados d'uma frontaria-renascença, com o tecto de castanho apainelado, ennegrecido de velho, e em algumas partes fendido, com as pranchas penduradas, e enredadas em grossas teias de aranhas.

Os trastes pareciam sentinellas perdidas. Eram dez ou doze cadeiras de couro lavrado, atauxiadas de chapas de bronze oxydado, com os pés recurvos em garras de abutre, e os assentos esburacados, se não pelo tempo nem pelo uso, naturalmente pelo dente roaz do rato, que devia viver n'aquella casa como em paiz neutral, e medrar, se não como rato cevado de alfandega, ao menos como se medra em plenissima liberdade.

Ao fundo, entre duas portas mal tapadas por dous reposteiros brazonados, com franjas e requifes abertos pela mão do tempo, estava um alto oratorio de pau brazil, coberto por uma cortina de damasco desbotado. A peanha do oratorio, ou talvez altar em outras épocas, era um massudo armario de sacristia, de pau preto, com seis gavetões, e fechaduras rendilhadas de bronze. As camadas do pó tinham-se-lhe embutido nos frisos, nas molduras, lavores, e contornos, dando-lhe uma crusta rija e compacta.

N'este exame estava o hospede, quando se levantou um dos reposteiros para dar passagem a Bernardo da Veiga.

Figurava setenta annos; era de mean estatura, descarnado, e ossudo. Lesto, direito, e aprumado, mostrava ser de rija febra refractaria ao enervamento da velhice.

Vestia uma casaca de briche comprida de aba até abaixo do joelho. Era uma casaca das de 1829, casacas patriotas das fabricas da Covilhã, usadas pelo snr. D. Miguel de Bragança, pela côrte, e pelos fidalgos provincianos. Calçava sapato cordovão afivelado, e meia escura. A calva transluzia, branca e polida, através das malhas d'um barréte de retroz, com barbatanas appensas que lhe cobriam as orelhas.

O fidalgo alçára a orla do reposteiro com a mão esquerda, e, com a direita, indicou ao barão a entrada para a sala immediata, fazendo-lhe, na passagem, uma palaciana mesura.

« Eu tomei a liberdade — disse o velho — de offerecer ao meu visinho uma casa, que, n'outro tempo, era a mais concorrida de parentes e amigos, que vinham a banhos. Hoje, não conheço, nem me conhecem; mas, apesar da transformação dos homens e dos tempos, e da velhice, que tanto desfigura o corpo como a alma, o dono d'esta casa é ainda, na sua quasi pobresa e solidão, um homem da boa companhia.

— V. exc.ª dignou-se honrar uma pessoa estranha — disse o barão.

« Não tão estranha quanto cuida, snr. barão. Eu

desejava conhecel-o; d'onde vê que este desejo era já estima.

— Não sei que merecimentos...

« Será preciso eu lembrar-lhe a generosa acção que v. exc.ª acaba de praticar em Cascaes?...

Aqui está uma generosa acção de que o leitor me pede chronica. Foi uma virtude sem apparato. Se o fidalgo a não citasse, abster-me-ia eu de mencional-a, por que não gosto de episodios que são outras tantas acções, separadas da principal. Aristoteles reprova isto. Vá sem exemplo: O barão da Penha parou diante d'uma casa terrea, onde as raparigas da classe piscatoria dançavam a siranda, e a canna-verde. Encostou-se ao peitoril da baixa janella, e alli estava gosando o espectaculo, quando subitamente pararam as danças em meio, e algumas das moças, com visagens de enfado, começaram a sahir da casa, desatando a roda.

Perguntou o barão a um pescador, se era elle a causa d'aquella sahida. O pescador disse que não. O observador instou, e conseguiu saber que o motivo da sahida de algumas era ter entrado outra que não fôra chamada, por que tinha o seu erro. O erro era deixar-se enganar pelo amor do filho d'um capitão de hiate o qual conseguira perdel-a no conceito das outras. Que o caso — acrescentava o informador — era publico, e por isso ninguem queria fallar com ella.

A pobre moça sahíra envergonhada, e chorosa. O pescador mostrou-a ao barão, e este seguiu-a. Vendo-a entrar n'uma casa terrea, chamou-a á porta, pediu-lhe fo-

go, accendeu o seu charuto, e pediu-lhe licença para lhe offerecer um pequeno favor. A rapariga pensou que o homem estranho lhe ia offerecer alguma prenda com má intenção. Quiz evadir-se á resposta, e disse-lhe que sahisse elle d'alli, por que seu pai estava dentro.

« Pois seu pai que nos escute » disse o barão. Surgiu por detraz da filha uma cabeça branca: era a do pai.

— O senhor quer alguma cousa? — disse o velho pescador.

« Queria dizer a sua filha...

— O que? — interrompeu tremulo o velho.

« Se a causa que a fez chorar, ha poucos minutos, tem remedio.

— Por que choraste tu, moça? — inquiriu o pai.

A rapariga põe no chão os olhos, e corou.

« Eu sei parte da sua historia — tornou o barão — Querem contar-me o que me falta?

A moça, cada vez mais corrida, sahiu da presença dos dous. Veria ella aproximar-se um terceiro? Não sabemos. O certo é que esse terceiro era o filho do capitão, um bello e rasgado moço, escarlate como a romã, mais escarlate agora pela colera, ao que parecia.

O pescador encarava-o como assombrado, e bradou-lhe: Que vem fazer aqui vossê? — Venho dizer-lhe, tio Luiz, que sua filha ha-de ser minha mulher, ou eu me atiro ao mar. Meu pai nada me dá; é o mesmo: virei trabalhar com as suas redes, aprenderei a labutação da pesca, e pão, querendo Deus, havemos têl-o.

« Pelo que vejo — acudiu o barão — este guapo

moço não é seductor; o que o embaraça é a falta de meios, eim?

— Sim, senhor, assim me Deus salve, e cego seja eu dos olhos ambos, se isto não é verdade.

« Chamem cá a moça — tornou o barão.

A rapariga veio entre risonha e chorosa.

« É piloto vossê? — disse elle ao rapaz.

— Sim, senhor.

« Case-se com esta moça, e eu lhe asseguro a subsistencia por algum tempo. Quando eu voltar a Lisboa, arranjar-lhe-hei navio. Mas ha-de ser breve. Eu hei-de vir á bôda, e as despezas sou eu que as faço.

Houveram muitas lagrimas de alegria. Abraçaram-se todos no bemfeitor; e o velho era o mais commovido. Alguns dias depois, estavam casados. A rapariga botou um bom vestido de tafetá; elle estreou casaca, collete, e calça, e chapéo, tudo do melhor. Quem deu tudo foi o barão, padrinho do casamento, afóra outras prendas, e dinheiro. Ás bodas assistiram o parocho, o juiz ordinario, o regedor, e algumas senhoras de meia-escudela, parentas d'estes funccionarios ecclesiasticos e civis.

Aqui está a acção generosa que calou no coração do velho fidalgo, e que franqueou as difficeis portas d'aquelle solar ao barão da Penha.

Vamos achal-os em trocas de cortezãs amabilidades no capitulo seguinte, em que se preparam os áditos para entrar em scena uma creatura, que faria vibrar no seio do meu leitor o coração indignado contra os sequazes do anexim: *A Cascaes, uma vez, e nunca mais.*

IX.

> Les sots e les faquins se sont impudemment arrogé le haut du pavé.
> ÉMILE MONTÉGUT (*Études morales sur la société française.*)

Devia-se ter dito opportunamente alguma cousa da saleta onde o barão da Penha entrára, quando o velho fidalgo levantou o reposteiro. Sou avêsso ás descripções, e o leitor é bastante ajuizado para o ser tambem; mas por esta vez não o dispenso de relancear os olhos commigo pela decoração surprehendente da pequena sala.

Era um quadrado irregular com duas janellas sacadas. Da cornija interior de cada uma pendia de dourado cylindro uma sanefa com franjas de damasco e prata. D'esta, descia uma cortina bicolor, branca e escarlate,

de cassa da India lavrada, com seus cordões rematados em borlas de sêda amarella. Entre as duas janellas estava uma mesa de tres pés, primorosamente lavrados, que dirieis ser de invento moderno, senão soubesseis que as mesas douradas e rendilhadas succederam, no reinado luxuoso de D. João V, aos graves e tristes bufetes de pau preto esculpturados com magnifico capricho. Sobre ella, pousadas em tapetes bordados por mão primorosa, viam-se duas jarras orientaes, bojudas como amphoras, e perfeitissimas no resalto das tintas primitivas, como se, n'aquelle instante, sahissem das mãos do oleiro de Pekim. Dahlias, lagrimas, queluzas, martyrios, melindres, e açucenas encarnadas coroavam com matizada copa as jarras corpulentas.

Ao longo das paredes, quatro mesas iguaes áquella cortavam a monotonia das cadeiras baixas estofadas de sêda amarella, com pés e braços tambem dourados e uniformes com as mesas. Ao fundo estava um tremó de esmerado engenho, quasi tocando o tecto com os rendilhados da cupula, entre os quaes se via esculpido a côres um brazão de familia. No centro, sobre uma banqueta de pé de galo, cem annos mais nova que as suas companheiras, via-se um livro aberto, um quarto de papel escripto a lapis, e uma pequena jarra de porcellana com um botão de camelia.

Enfastiou-vos a descripção? Mais longa m'a darieis vós, desdenhosos, se, depois do salão das cadeiras encouradas e d'aquelle oratorio negro e pulverulento, entrasseis na graciosa saleta, pisando, em vez de carun-

choso castanho, um molle tapete, e respirando já não a poeira levantada pelo pisar perigoso sobre taboas movediças, mas a frescura aromatica da elegante salinha, onde só faltava uma mulher a lêr n'aquelle livro para coroar o quadro.

O barão da Penha, embebido na suave impressão que recebera, quantos instantes podia furtar á attenção do fidalgo, dava-os a olhares rapidos por tudo aquillo que o encantava.

Quando pôde, sem cortar descortezmente a agradavel pratica do velho, mostrar-se maravilhado do que via, disse o barão:

« Ha nada mais bonito que esta sala? Eu penso que o espirito humano está sujeito em suas funcções de pensar e sentir ás impressões locaes que os olhos lhe transmittem. Quando vim d'aquella para esta sala senti uma desoppressão de tristeza vaga, que eu não saberia explicar. Aqui respiram-se flôres, alegrias, paz, e até não sei que espiritos que remoçam o coração.

— Tambem assim o diz a minha Isaura... Fallo-lhe na minha Isaura, como se v. exc.ª a conhecesse.

« É naturalmente uma filha de v. exc.ª?

— É mais que filha, creio eu; é a minha amiga do coração, é a criança que me adoça as amarguras da velhice, é a pomba dos antigos anachoretas que traz á minha Thebaida o cibo do conforto e da paciencia. Já póde ir sabendo o que é a minha Isaura. Chamal-a-ia já para lh'a mostrar, se ella estivesse em casa. Sahiu de manhã para uma quinta que ahi tenho fóra: é tempo

de colheitas, e ella vai assistir á arrecadação dos cereaes. Quando v. exc.ª me dér o prazer d'outra visita, conhecerá a minha Isaura, e dir-me-ha depois se é possivel com aquelle rosto de anjo ter sómente o coração vulgar de uma mulher.

As palavras do velho tinham aquelle tremor nervoso da sensibilidade fina; os olhos, momentos antes desluzidos, mostravam agora o brilho das lagrimas melindrosas da velhice.

O barão da Penha, depois d'uma hora de conversação, julgou que era tempo de despedir-se; a custo o fez, e a custo foi despedido. De parte a parte, urgia o ceremonial d'uma primeira visita, que não póde prolongar-se além de uma hora. O moderno barão receiava revelar, como se diz « falta de boa sociedade » ao neto dos barões antigos.

D'alli, o protector de Roberto Soares foi fazer a costumada visita ao visconde de Villa-Secca. Encontrou-o, sentado no canapé, adelgaçando as callosidades d'um joanete importuno. O visconde pediu venia para continuar o desbaste das excrescencias, e proseguiu, bufando, na tarefa melindrosa. A viscondessa, de saia branca e penteador, enfeitava as reliquias do cabello com os recamos de folhos d'uma estapafurdia tôca, chegada de França, como ella dizia, da sua modista de infancia.

O barão contemplava-os. Esta contemplação era um confronto, em que os objectos equiparados eram Bernardo da Veiga e Antonio José, eram o fidalgo obscurecido em Cascaes, e aquelle visconde de cuja bolsa algumas

vezes pendera a conservação d'um ministerio, o triumpho d'uma revolução, e quem sabe até se o baque d'um throno!

O resultado d'este confronto foi o barão envergonhar-se de o ser.

« Acabo de visitar — disse elle — o meu senhorio. É uma amostra da velha fidalguia de Portugal. Crê-se no sangue distincto quando se encontram homens assim.

— Qual sangue nem meio sangue! — atalhou o visconde, erguendo o canivete de sobre o joanete, com medo de o ferir na cegueira da sua zanga democratica — Pois o senhor ainda é dos que creem na differença dos sangues?! Essa não esperava eu de si! O sangue é o dinheiro, meu amigo. Deixe-se de asneiras. Todos somos filhos de Adão e Eva. Os fidalgos antigos antes de serem fidalgos...

« Aparavam o seu callo — interrompeu o barão, sorrindo — e duvidavam de que os fidalgos mais antigos tivessem uns pés mais limpos de cotovelos que elles.

— Podéra não! — replicou o visconde — Vão para o diabo que os leve; trabalhem, se quizerem comer. É ganhal-o com o suor do rosto, como nós, não lhe parece?

« *Como nós*... V. exc.ª sabe como eu ganhei o que possuo?

— A trabalhar... pois então como havia de ser?

« Podia ser sem trabalhar.

— Essa agora!

« Pois a riqueza é indicio seguro do trabalho?

— Eu acho que sim... — tornou o visconde, voltando, mais serenamente, a desbastar o joanete.

« V. exc.ª acha o que acham os espiritos ingenuos e innocentes; não imagina que a sociedade concede a posse legitima d'um roubo; não conhece o contacto que ha entre vil ladrão e ladrão nobre.

— Explique lá isso, que não entendi bem.

« É de facil entender o que eu disse: póde ser-se rico sem trabalhar, e eu posso muito bem estar na fileira dos ladrões tolerados, respeitados e ennobrecidos...

— Não diga tal, barão — atalhou a viscondessa, sem desviar a cara do espelho — O senhor diz ás vezes cousas, que parecem de doudo! O que vale é nós não fazermos caso das suas singularidades, se não haviamos de pensar que o morde o remorso de ter mal adquirido a sua fortuna...

« Que lhe parece, snr. visconde? — redarguiu o barão — será remorso que me morde isto que falla em mim contra a nossa classe?

— Qual remorso nem qual carapuça! — disse o visconde soltando uma gargalhada.

« A snr.ª viscondessa tem cousas! O que é remorso? — tornou o barão, fixando attentivamente o visconde, que apertava o nastro da celoura — Remorso teria eu se deixasse fugir a occasião de me enriquecer, ainda á custa de infamias e perversidades. A sociedade é que nos faz, minha senhora viscondessa. Se ella premiasse o honrado que nos pede esmola, doer-nos-ia o pesar de não sermos premiados como a virtude pobre; se ella,

porém, lança de si com tedio e despreso a consciencia vazia de remorsos, se a algibeira está tambem vazia, que remedio ha se não passar para o lado dos que souberam comprehender a sua época? não digo bem, snr visconde?

— Fallou! É o que eu já tenho dito.

« V. exc.ª horrorisava-se, viscondessa, se eu lhe dissesse que adquiri a minha riqueza, espoliando um miseravel que se fiou da minha fidelidade?

— Credo! isso é cousa que se diga!? — acudiu ella, tregeitando visagens de pasmo.

« É cousa que se diz e que se faz. Ainda não contamos um ao outro a nossa vida, visconde. Póde ser que um dia lancemos no seio um do outro as confissões das nossas culpas.

— Eu cá — disse o visconde, encolhendo os hombros, e fazendo com a bôca arqueada uma feia carantonha — eu cá não tenho culpas que confessar. A minha tal ou qual fortuna deu-m'a o negocio dos vinhos e aguardente. Fui feliz, graças a Deus, e levantei cabeça, por que andava no negocio com calculo, e sabia esperar-lhe a occasião.

« Pois, senhor — disse com damnada serenidade o barão — eu não posso dizer de mim o mesmo. Enriqueci... enriqueci...

E susteve-se com impeto não menos violento para elle do que seria se lhe lançassem á garganta uma golilha. A expressão suffocada, se assim póde dizer-se, abriu-lhe mais fundos os vincos da testa. Deu alguns passos machinaes na sala, pretextou uma razão para sa-

hir, e felicitou-se, na rua, pela coragem com que represára em si o fel que lhe vinha aos beiços na vehemencia da ironia, ou do sarcasmo.

Quando entrava no pateo da sua casa, entrava Bernardo da Veiga, que ajuntou á visita de comprimento o convite para tomar uma chavena de chá com elle e a sua Isaura.

X.

> Quem as divinas graças, que mostrava,
> Contar quizer, mais facil lhe seria,
> Contar as flôres do lascivo Maio,
> E do sol os cabellos raio a raio.
>
> Gabriel P. de Castro (*Lisboa edificada.*)

Não me dispensam do retrato de Isaura? Violentam-me.

Se eu a não tivesse visto, imaginava-a. Facil me seria decompor uma duzia de formosas caras que conheço, colligir a feição primorosa de cada uma, e recompor do todo uma perfeição de que o leitor não ficaria fazendo idéa, que o mesmo me acontece a mim quando os outros pintam de phantasia.

Porém, eu vi-a, vejo-a, tenho-a de côr, quero pintal-a como ella é, e escrupuliso, se o desenho, infiel e

profano, der longes d'outra imagem que não seja a d'ella.

Não posso, não sei: o mais que sei e posso é alevantar o estylo ás regiões da esthetica, figurar, idealisar, subtilisar em locuções euphonicas o retrato de Isaura. Queriam-no assim? Enfastiavam-se, logo, nos olhos.

Como se pintam estes olhos que eu vejo? Os novelleiros, com a bossa descriptiva, quando descrevem olhos assim, pintam quanto ha, menos olhos. Fazem o que podem, e o pincel pouco mais faz que elles. Para certos olhos sei eu que ha uma tela: é o coração; e só essa é digna.

E, portanto, não descrevo Isaura; digo, como em conversação, singelamente, o que póde dizer-se, com naturalidade, se, assim mesmo, poder.

Isaura não é alta. Pertence áquella estatura que chamam mediana, a mais regular, a menos defeituosa, por que raras vezes as partes componentes do talhe geral se desconformam.

« A idade? — perguntou-me uma amiga minha a quem, pouco ha, fallei de Isaura.

— Teria dezoito annos para quem a não conhecesse; mas ia em vinte e quatro, quando a eu vi.

« Vamos ao rosto; mas não me falle em perfis gregos nem circassianos. A côr?

— Pallida, minha senhora.

« Logo vi... A mulher pallida é moda agora... Não me fallou um d'estes dias d'uma sua conhecida que não entrava n'um baile sem amarellecer a cara ao luar ou á luz frouxa das estrellas?

— Fallei-lhe d'essa tola; mas agora trata-se de Isaura, que não ia a bailes, nem sabia que o luar empallidece as caras grosseiramente vermelhas. Nada de confrontações impossiveis, minha amiga. Isaura nascera pallida.

« Vamos lá: e os cabellos?

— Negros e luzentes, levemente ondeados, nus de enfeites e ataviados com commodidade, e gentileza. Duas grandes tranças lh'os dividiam, para se entrançarem de novo, presas em duas grossas roscas por travessas. Quando as soltava, as duas serpentes ondeavam-lhe por sobre as espadoas até á cinta.

« Não me fuja para a algaravia poetica. Vamos aos olhos.

— Antes dos olhos, se me dá licença, mencionarei a fronte.

« Espaçosa, infallivelmente.

— Não, minha senhora: era uma testa que suggeria muitas idéas menos a idéa material do espaço.

« Então?! Não comprehendo.

— Eu comprehendo; mas não sei como isto se diz. V. exc.ª vai rir-se: a fronte de Isaura é um como véo transparente por onde se lhe vê a alma. A aureola é invisivel; mas o resplendor vê-se.

« Quer dizer que uma bonita fronte não se descreve. As sobrancelhas são o mais bello ornamento da testa.

— As de Isaura, irreprehensivelmente curvas, dividem-se por uma incisão quasi imperceptivel: longas, negras, e bastas. As pestanas, se ella descahe as palpebras n'aquelle pendor da meiguice natural, quasi lhe

quebram a luz dos olhos, alindando-os, se é possivel, ainda mais. Por que não sei se ha olhos...

« Veja lá o que diz... guarde as conveniencias... olhe que está fallando com uma mulher que tem olhos...

— Queria eu dizer que não sei se ha olhos mais bellos que os olhos negros...

« Remediou perfeitamente. E esses olhos são serenos ou inquietos?

— Meigos e vertiginosos. Reflectem a luz frouxa das paixões suaves, e as labaredas scintillantes das paixões escandecidas.

« Poesia...

— Então não sei, minha senhora, como hei-de expressar-me... A linguagem de passaporte não quadra bem aqui: *olhos pretos, nariz regular, bôca...*

« É verdade — a bôca? Vou ouvil-o discorrer. Com labios e dentes bonitos faz-se um grande discurso, em que o reino vegetal e o mineral podem contribuir diffusamente.

— Enganou-se. A bôca de Isaura é o ideal do espiritualismo...

« Ora!... isso não se entende.

— Crê-se que o Creador beijou alli a imagem.

« Peior!... Tem os labios delgados e a bôca pequena?

— Não tem esse defeito.

« Defeito! Que singularidade! Diga-me isso!

— Os labios delgados d'uma bôca pequena... Lembra-se v. exc.ª o que disse Garrett d'essas bôcas da sua

predilecção? *Ha umas certas boquinhas gravesinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais aborrecidinha cousa e a mais pequena que Deus permitte fazer ás suas creaturas femeas.*

« Quer fazer a apologia da bôca grande?

— Não, minha senhora, digo que, não sendo pequena, é graciosissima, formosissima a bôca de Isaura.

« Adiante.

— Disse tudo, minha amiga. Escuso dizer-lhe que as outras perfeições, collo, cintura, mão, pé, garbo, bizarria, vista cada uma singularmente, deixa adivinhar as outras. Já disse a v. exc.ª que era pallida, disse tudo.

« Mas, abstrahindo dos traços physicos, não póde espraiar-se mais pelos recursos immensos do idealismo para me dar uns longes d'essa perfeição? Agora, admitto a poesia...

— É pallida.

« Já me disse isso tres vezes: mas sinceramente lhe digo que não sei coordenar essas vagas feições que desenhou, e compor o bello desusado que me inculca. Diga alguma cousa mais do rosto: se é oval ou redondo, se o nariz é aquilino ou adunco; se os labios são puro coral, e os dentes são perolas ou...

— É pallida.

A minha amiga soltou um frouxo de riso, que a leitora póde imitar, se quizer. Mudámos de conversação. Isaura ficou com a sua formosura indescriptivel, e a minha amiga com a sua rasoavel ignorancia do retrato que eu tentei esboçar-lhe.

O mesmo se dá comnosco, leitores. Mudemos, tambem. Vamos ao solar de Bernardo da Veiga, onde nos espera o barão da Penha, que tomou do charão uma chavena de chá para offerecer á que o velho fidalgo chamava a sua Providencia.

Não indaguemos o que se disse até á nossa chegada. Seria precisamente o trivial de todas as apresentações. Contentemo-nos com o decurso de uma conversação que parece animada por parte do velho fidalgo.

«É á minha Isaura que se deve — dizia Veiga — a galanteria d'esta salinha. Foi ella que fez articular as pernas quebradas d'estas cadeiras e mesas, que estavam invalidas desde a minha meninice. Meu pai e tios eram homens da côrte, e raras vezes vinham a Cascaes; se vinham, era para espalhar ao vento o pó das ruinas ainda magnificas. Quando vim de Roma, por morte de meu tio embaixador, achei-me aqui, rodeado de credores. Esta casa era um hospicio, povoado de antigos criados com a sua numerosa posteridade. Não despedi algum; mas tratei de revindicar o que pude para podermos viver todos.

Depois de quarenta annos de economias, pude predispor-me para que não fosse mortal a ferida que me fez a mudança de instituições. Desceram muito as minhas rendas com a perda das commendas; todavia, os habitos economicos predispozeram-me para supportar com resignação á abstinencia forçada... se legal ou illegal, não questiono.

Cresceu esta menina nos meus braços, chamando-me

pai, e eu chamava-lhe filha, filha lhe chamo hoje, sel-o-ha sempre, que o coração não póde dar-lhe outro nome.

Isaura ia tomar da mão de Veiga a chavena esquecida, e, vendo-a cheia ainda, disse:

« Então, meu pai? o chá?

— Esqueceu-me, filha... Temos tempo... Pois não queres que eu respire? A quem hei-de eu fallar de ti, Isaura, se não fôr a um homem de sensibilidade? Pela do nosso hospede fico eu... Este tem coração; conheço-o até pelo modo com que te olha...

« É admiração e respeito... e inveja — disse o barão respondendo á lhana sensibilidade do velho, propria das idades avançadas, em que as expansões intimas se parecem com as da mocidade tenra.

— Inveja! — atalhou o fidalgo — pois v. exc.ª não tem uma familia que o ama muito?

O barão desfranziu um sorriso triste, e não deu outra resposta. Bernardo da Veiga, interpretando mal a significação do sorriso, suppoz que o seu hospede tinha algum profundo desgosto de familia. A delicadesa impunha-lhe silencio; porém, a sympathia fortalecia-se.

Isaura entendeu o barão do mesmo modo. Olhava-o compassivamente, e parecia dizer n'aquelle olhar: este homem devia ter uma filha que o amasse muito. Bernardo da Veiga, querendo divertir da magoada concentração o espirito do hospede, proseguiu:

— Eu devo muito a Deus! Que vida seria hoje a minha, com oitenta annos, se não fosse este anjo? A velhice do celibatario deve ser triste como a solidão para o

moço de vinte annos. Quando eu vivia das impressões de cada dia, nunca pensei no occaso das paixões, na escura noite do velho que olha em redor de si, e vê a soledade do tumulo que lhe vem ao encontro. Hoje comprehendo as amarguras, que eu me tinha preparado, se a Providencia me não acudisse com este beneficio...

E apertava calorosamente a mão de Isaura entre as suas tremulas, fitando-a com meiguice, acariciando-a com mimos de fazer sorrir a insensibilidade d'algum observador infeliz que não experimentasse os quasi pueris estremecimentos de um pai ancião.

Isaura disse a meia voz algumas palavras a Bernardo da Veiga.

—Pois, sim, vai, minha filha, e diz alguma cousa ao nosso amigo barão, por que eu tenho fallado sempre... é achaque dos oitenta...

« O pai tem dito por si e por mim — balbuciou Isaura com sympathico acanhamento — o que deve dizer-se a uma pessoa tão digna como o snr. barão...

—E eu direi, minha senhora — acudiu o barão erguendo-se — que, se me fosse permittida a gloria de alguma qualidade boa, sentiria hoje quanto essa gloria é apreciavel, por que devo a uma acção honesta a fortuna de vêr os cabellos brancos d'um homem virtuoso inclinados sobre o regaço d'um anjo. O quadro é dos que amaciam as magoas do coração que o comprehende; e eu, só tenho um modo de pagar a intimidade com que fui recebido... é confessando que estes momentos são os primeiros da minha vida felizes, sem temor de que a

dôr os siga. Sinta, pois, v. exc.ª o contentamento de ter feito bem ao forasteiro, que apenas conhece de nome.

Isaura quiz responder. A idéa via-se-lhe clara na expressão dos olhos limpidos: mas o temor, filho do descostume, embargou-lhe a palavra. O barão, adivinhando-a, proseguiu:

« Ouve uma linguagem nova, minha senhora. Está afeita ao dizer suave e singelo de seu pai, e estranhou o que lhe é dito n'um tom de seriedade. Quiz ser claro; quiz dizer...

— Eu comprehendi... — atalhou Isaura.

« Que o nosso amigo aprecia a nossa companhia, filha? — acrescentou o velho.

— Ainda mais... entendi que...

« Diga, diga, minha senhora.

— Que precisava d'uma amiga como eu sou de meu pai — disse Isaura, sem córar, com desembaraço, em ar de adoravel melancolia.

« Não me comprehendeu, snr.ª D. Isaura — redarguiu o barão, amaciando a rudeza da negativa com um gesto de amargura, que o violentava a não aceitar a explicação; e acrescentou: « o que eu precisava era que se me varressem do coração as tenções infernaes que me impellem para... » e susteve-se de impeto; passou a mão, com phrenesi, pela testa sulcada momentaneamente de rugas, e fitou os olhos no olhar pasmado de Bernardo da Veiga, ajuntando: « Está admirando-me? Duas palavras definem um desgraçado, não é assim? »

— De certo... e duas palavras — disse o velho —

bastam para espertar, não digo a curiosidade do indifferente, mas o interesse do amigo.

O barão tirou um charuto, e pediu licença para fumar na sala immediata. Era uma evasiva, um pretexto para cortar o fio d'uma conversação mortificadora. Bernardo da Veiga serviu-lhe o castiçal, para accender o charuto e fumar alli. Isaura comprimentou o barão, e sahiu.

« Está lindissima a noite! — disse o barão, olhando da janella para o mar onde se espelhava a lua em tremulos fulgores — Faz gosto passear ao pé do mar em noites assim. Os namorados amam estes espectaculos, e pintam-os com enthusiasmo. Nós, os velhos, devemos sentil-os melhor do que elles, por que os povoamos de saudades, em quanto os moços os povoam de esperanças... Quer v. exc.ª passear?

— Pois sim... — respondeu o fidalgo — e não vai comnosco Isaura, por que havemos fallar d'ella. Sahiram.

XI.

« Oh! mas a deshonra!... »
« A deshonra é para quem commette feitos vis. O que d'elles padece esse não é deshonrado. »
A. Herculano (*Monge de Cister.*)

Pourquoi vous montrez-vous furieux?
Benjamin Constant (*Adolphe.*)

« Vou contar-lhe a historia da minha Isaura. Não póde esperar lances de novella, snr. barão. Bem a viu, e basta vêl-a um instante para conhecer-se que o coração d'aquella menina está na innocencia dos oito annos. É uma historia simples; mas o que merece ser contado é triste.

Ha vinte e sete annos esteve em Cascaes um juiz de fóra, que se dizia meu parente. Eu aceitei o desconhecido primo com mostras de reconhecel-o, porque entendo que me honram todos aquelles que querem ser meus

parentes, se são pessoas honestas; os verdadeiros parentes, se se infamam, nem esses nego, porque o desdouro é d'elles só.

Pedro Leite de Mendonça era o nome do magistrado. »

A sombra não deixára vêr ao narrador a impressão que tal nome fizera no rosto do barão.

« Frequentava a minha casa, foi nos primeiros mezes meu commensal, e por fim meu hospede — proseguiu Bernardo da Veiga.

Em minha casa estava uma menina de dezeseis annos, filha d'um meu amigo, que morrera na batalha do Vimieiro, commandando um batalhão. Eu sabia que o defunto coronel deixára em Lisboa uma viuva e uma filha. Fui buscal-as, e disse-lhes que eram a minha familia. A mãi morreu de saudades. Ficou a menina que eu creei e eduquei, com amor igual ao que tenho empregado n'esta que v. exc.ª conhece.

Pedro Leite via isto, sabia que eu amava como pai a filha do meu amigo, e abusou da franqueza que tinha em minha casa, erguendo olhos perfidos para a innocente Isabel.

Eu nunca o suspeitei. Tive uma denuncia já tarde. Interroguei Isabel, e ella córou, gaguejando uma resposta accusadora. Não a reprehendi. Chamei ao meu quarto Pedro Leite, e disse-lhe: o senhor ama esta orphã que eu tenho em minha casa? — Amo-a como vossê a ama; estimo-a, e respeito-a, além de a amar — respondeu elle. Pois bem, repliquei, Isabel pertence a uma familia

illustre, não deslustra a nossa; se o meu parente a quer para sua mulher, eu tenho grande gosto n'isso, e suspeito que ella o terá tambem. Responderei; — redarguiu elle — esse acto quer-se muito pensado.

Correram alguns dias; Pedro Leite é transferido para o Porto; diz-me que vai tomar posse, e dá-me a entender que voltará para responder satisfactoriamente á pergunta que eu lhe fizera.

A resposta foi, passados quinze dias, desapparecer Isabel. Entrei no quarto da desgraçada, e achei sobre a banca de leitura, a mesma que v. exc.ª viu na sala de Isaura com um livro, o mesmo livro que ella deixára, e um papel e lapis, os mesmos justamente que ella deixou. O papel dizia isto: *A paixão, que me cega, póde levar-me á morte; á deshonra diz-me o coração que não, porque eu obedeço ao sentimento mais nobre do coração humano. Só poderia resistir-lhe suicidando-me; mas Deus perdôa ás criminosas que o amor matou, e não ás que se matam. Preferi ao suicidio deixar-me matar. Assim como Deus perdôa, perdôe-me o meu bemfeitor. Isabel.*

Chorei sobre o papel. Depois houve a reacção do odio ao vil que a seduzíra. Dispuz-me a seguil-o, procural-o no Porto, e matal-o. Tornou a reflexão. Matal-o que valia? Era matal-a a ella, tolher talvez a reparação, acabar com a esperança de a rehabilitar para si e para o mundo.

Não dei um passo. Agradeci a Deus ter-lhe levado a mãi, antes d'este golpe.

Decorreram dous annos, sem noticias de Isabel. Pe-

di a um velho amigo que estava desembargador na Relação do Porto novas d'ella. Jeronymo d'Abreu e Lima...

— Jeronymo d'Abreu e Lima! conheceu-o? — atalhou alvoroçado o barão.

« Conheci de rapaz; eramos amigos de tu... e v. exc.ª conheceu o meu amigo?

— Recordo-me de ter ouvido esse nome ha bastantes annos... — disse serenamente o barão.

« Pois foi elle o incumbido de colher informações. Disse-me que sabia não de vista, mas de ouvir dizer que Pedro Leite tinha comsigo uma senhora que raras vezes se mostrava, a não ser através d'uma vidraça. Mais tarde escreveu-me outra carta, dizendo-me que lhe fallára, gracejando, n'ella, e Leite lhe respondera que a amava muito; e, se a não fazia sua esposa, era porque não dava consideração alguma ás palavras convencionaes do padre, nem lhe constava que o fundador da religião christã instituisse o sacramento do matrimonio, como condição de alliança entre mulher e homem. Ultimamente escreve-me outra vez dizendo-me que Isabel era mãi d'uma linda criancinha, que Pedro Leite amava como doudo. Concebi então que elle viesse a rehabilitar a mãi por amor da filha, visto que o coração d'um pai aceita como necessarios os preceitos religiosos para os transmittir á filha. Só um pai conhece verdadeiramente o que é a deshonra da mulher... O meu amigo Abreu e Lima morreu pouco depois, e nada mais pude saber.

Passa um anno, e em 1825 recebo uma carta de

Isabel. Santo Deus, que surpreza, que alegria a minha! Cuidei que era a suspirada nova do seu casamento. Leio as primeiras linhas, e vejo: *Não é para mim que peço, é para minha filha que mendigo ao bemfeitor da mãi um bocadinho de pão.* Continuo a lêr. Era uma carta escripta com lagrimas, era um adeus para sempre, legando-me sua filha.

Corro ao Porto. Colho informações. Vou descobrir Isabel, vivendo em uma pobre casa, deitada n'uma miseravel cama, emmagrecida e pallida como um cadaver, com sua filha ao pé de si, enfezadinha mas linda criança, que lhe brincava com os cabellos. Abracei-as, amimei-as, esqueci tudo. Antes de perguntar se foram abandonadas, fui buscar uma cadeirinha, conduzi-as para a minha hospedaria, chamei medicos, não lhe dava tempo de chorar á pobre mãi. O meu amigo tem coração, e de certo explica estas lagrimas que me embargam a voz. São as reminiscencias de ter feito uma boa acção. São lagrimas de alegria, em que se manifesta o poder divino da caridade. »

Passados alguns segundos de silencio, e de angustioso alvoroço para o barão, Bernardo da Veiga proseguiu:

Isabel não tinha sido abandonada. Pedro Leite morrera de maligna; mas testára todos os seus bens de fortuna, no valor de cincoenta mil cruzados, a sua filha Isaura, e uma avultada esmola á mãi de sua filha, pedindo a sua magestade que houvesse por bem sanccionar a perfilhação de Isaura. Isto se fizera com testemunhas. Isabel ouvira-lh'o tres vezes repetir; dos labios

moribundos d'elle recebera o encargo de me supplicar o seu perdão.

Roubaram, porém, a pobre criança, snr. barão, e deixaram sem um vintem a infeliz mãi. Forjou-se um testamento falso, em que a herança passava a outras mãos. Isabel não tinha protecção, não conhecia ninguem, envergonhou-se de ir aos tribunaes, deixou correr tudo á revelia, e os que se habilitaram herdeiros tiveram a impiedade de lhes não darem uma esmola.

Tinham decorrido seis mezes quando Isabel me escreveu. As fomes que ella passou até esse momento em que o céo lhe inspirou animo para se valer de mim, imagine-as meu amigo!...

— Imagino, imagino! — exclamou o barão, erguendo-se convulso, e levando as mãos aos cabellos como n'um accesso de raiva. — Imagino as fomes que ella passou... E que se ha-de fazer ao malvado que a reduziu a essa miseria? Se a Providencia não tiver castigo para o infame causador d'esse roubo que horroroso castigo ha ahi que o puna? Se eu arrancar o coração do peito que...

Bernardo da Veiga estava attonito das exclamações do barão, e dos tregeitos raivosos que denunciavam uma demencia subita. Queria atalhar a torrente impetuosa das phrases sanguinarias, mas o barão parecia dirigir-se a um phantasma. O velho chegou realmente a suspeitar que o barão estava soffrendo algum accesso de doudice por amor da qual o mandaram a banhos de mar. Tudo o que elle dizia era confuso, e desordenado. O velho chegou a metter-lhe o braço, para o afastar d'alli, dizen-

do-lhe palavras affectuosas. Um terceiro rir-se-ia dos dous, vendo a physionomia pavida do fidalgo, e os èstorcimentos epilepticos do barão.

Á maneira do subito silencio que se faz depois que uma nuvem cahe rompida em estrepitoso granizo, a vertigem do barão serenou de repente. Agora, era o olhar profundo e immovel que assustava o historiador, arrependido de acordar, sem o querer, alguma dôr que lhe eclipsava a razão.

« Vamos, vamos, meu amigo... — disse, a tremer, Bernardo da Veiga.

O barão sorriu, se é sorrir o movimento de labios que mais parece a compressão d'um gemido. Veiga instava, tirando-o pelo braço com delicada violencia.

— Que juizo fez v. exc.ª de mim? — perguntou tranquillamente o barão.

« Eu... juizo... penso que v. exc.ª..., tartamudeou o velho, encolhendo os hombros, e esforçando-se em imaginar um qualquer juizo que podesse dar, com tanto que não dissesse o que realmente ajuizava, porque raro é o doudo que aceita satisfeito a compaixão que move.

— Julgou-me doudo? — tornou o barão.

« Não, senhor; eu estou convencido que v. exc.ª... condoido da sorte da pobre Isabel...

— Pois v. exc.ª crê que a sensibilidade d'um homem, que não conheceu essa senhora, possa irritar-se até ao furor?...

« Ha genios tão sensiveis que...

— O que ha, snr. Bernardo da Veiga, são horrorosos segredos na minha vida. Ha-de sabêl-os, meu amigo. Ha-de sabêl-os, quando eu lhe possa mostrar quebrado o principal instrumento da minha desgraça. Desculpe-me v. exc.ª eu não vou ainda para casa, salvo se me ordena que o acompanhe.

« Não senhor: mas... eu acho que se deve retirar... a noite principia a arrefecer... — disse o fidalgo, constante na sua suspeita de loucura periodica.

O barão apertou-lhe a mão com força, e caminhou em direcção opposta á do assustado velho.

Eram onze horas da noite.

O visconde de Villa-Secca estava fazendo o correio, quando sentiu tres fortes pancadas na porta. Foi á janella, e conheceu o barão.

— A estas horas!? — exclamou o visconde — isso é novidade. Eu lá vou abrir que os criados dormem já.

E desceu, sem esperar resposta.

Abrindo a porta, não viu alguem. Sahiu fóra, e ouviu rumor de passos que se afastavam. Esteve alguns minutos atordoado com o successo, e foi direito ao quarto da viscondessa que roncava em profundo dormir. Agitando-a, como quem quer rolar um odre, despertou-a alvoroçada, para lhe contar o extravagante acontecimento. A viscondessa ouviu-o com um terço do olho esquerdo aberto, e fechando-o, voltou-se para a parede, resmungando:

« Vai-te d'ahi, parvo! e para aquillo vem acordar quem dorme! Forte bruto!

Ao mesmo tempo, Bernardo da Veiga dizia a Isaura:

« O pobre barão, minha filha, está doudo.

— Doudo, meu pai!

« Sim: soffreu um accesso quando estavamos á beira-mar.

E assim proseguiram, lamentando o louco, sinceramente condoidos.

E, tambem, ao mesmo tempo, o barão da Penha, com a face livida curvada sobre as mãos, que pousavam na beira d'uma banca, dizia no som cavo de quem falla só:

« Seria uma loucura matal-o hoje... A morte d'aquelle homem deve ser publica...

O leitor de certo não suspeita que o barão da Penha esteja doudo.

XII.

On cite les amis qui s'aiment comme des frères... Ne pourrait-on pas citer les frères qui s'aiment comme des amis?
D'Houdetot (*Épreuves du cœur humain.*)

Antes que m'o diga a desvelada critica, apesar meu, confesso que este romance não é o mais respeitoso que póde desejar-se ás venerandas regras da arte.

Devia e podia fazer o barão da Penha um homem mysterioso até ao capitulo final, preparando a anciedade do leitor para uma surpreza de estouro.

A arte é isso, o engenho prova-se n'essas difficuldades; sei-o, á custa de me enjoar com muitas obras primas d'esse engenho e arte, que enfeitiça o espirito de curiosidade, mas incommoda esse tal ou qual critico

juizo que algumas pessoas ainda empregam em leituras d'estas.

Quem não sabe já que Macario Affonso da Costa Penha é um pseudonimo de Constantino de Abreu e Lima?

É justamente o que devia esconder-se, á custa de todas as inverosimilhanças imaginaveis. O abrir de bôca do leitor pasmado, no fecho do romance, deve ser o supremo gaudiu do romancista. Esses abrimentos de bôca são os que fazem o renome de quem escreve, e, algumas vezes, o somno de quem lê.

Se eu delineasse o enredo de modo que o barão da Penha se balanceasse entre conjecturas no decurso de trezentas paginas, isso é que era vigor de imaginação, habilidade de enredar a perspicacia dos adivinhos de tragicas catastrophes. Assim, do modo como se vai desenvolvendo a historia, d'aqui a pouco não tenho novidades com que surprehenda a atilada penetração do leitor. Resta-me a confiança que ainda tenho no patriotismo litterario dos que lêem cousas de sabor portuguez, com quanto reconheçam que em Portugal não ha typos que espertem copistas, nem phantasia creadora que os faça, sem destoar do genio e costumes nacionaes.

Já agora, não ha remedio. O barão da Penha denunciou-se mais de tres vezes. Primeiro, quando ouviu a historia de Antonio José; segundo, quando viu o nome do possuidor do Tacito em que lia Roberto Soares; depois quando liberalisou commodidades sobejas á pobre familia da rua da Murta; ultimamente quando ouviu a

historia de Isaura, desherdada pela falsificação de um testamento.

Pois então, se tudo é já sabido, saiba-se como Constantino de Abreu e Lima adquiriu o milhão que lhe attribuem os corretores dos salões lisbonenses, nos quaes, como em Paris, em Pekim, no Taiti, em toda a parte, onde gira dinheiro, por entre o borborinho de ternos e espirituaes colloquios, escapa o grosseiro interrogatorio ácerca do valor monetario da pessoa ou cousa.

Ahi vai a historia depressa e clara:

Constantino, um anno depois que chegou a Cabo-Verde a cumprir sentença de vinte annos, pôde evadir-se, protegido, indirectamente, pelo governador do presidio, que lhe conhecera o pai, e se condoera do infortunio do moço, levado ao crime pela necessidade.

Nomeando-se Macario, conseguiu ser recebido n'um dos portos d'Africa a bordo d'um navio hollandez, que seguia derrota para a costa brazileira, e o aceitou como interprete, visto que o capitão da charrua fallava francez, e o fugidiço tambem.

Chegados á Bahia, Macario recebeu o que lhe quizeram dar, depois de assistir como lingua ás compras e vendas do navio mercantil.

Um commerciante bahiano sympathisou com o portuguez, e deu-lhe a perceber que o receberia como guarda-livros, se elle quizesse deixar o navio em que viera.

Macario aceitou, e pouco depois foi em commissão para Buenos-Ayres, onde o patrão tinha commercio.

Ahi encontrou um portuguez estabelecido, rapaz ain-

da, casado recentemente com a filha unica d'um riquissimo fazendeiro.

Travaram amisade, e passaram á intimidade. Macario não foi sincero, mas a reserva é desculpavel. Disse que era filho d'uma pessoa de bem, e sahíra de Portugal, por morte de seu pai, de quem, esperando herdar grandes haveres, apenas herdára uma educação esmerada, que lhe tornava a penuria, na patria, mais dolorosa.

O rico fazendeiro contou-lhe de si esta simples historia:

Era filho bastardo de um fidalgo, que sacrificára sua mãi a outra rica e nobre com quem casára; que sua mãi era uma senhora de Lisboa, filha de paes remediados, mas desamparada dos seus, por causa da sua fraqueza; que seu pai dava uma sufficiente mezada para a sustentação de ambos, e, quando enviuvára, promettera casar com ella logo que conseguisse entrar no Desembargo do Paço. Que n'esta esperança, dous mezes depois da promessa, morrera a mãi, e o desembargador, por segunda pessoa, lhe dera a elle meios e protecções e creditos para estabelecer-se commercialmente. Que, finalmente, elle optára por se estabelecer na America, e apenas chegára a Buenos-Ayres tivera a boa fortuna de captivar a estima do fazendeiro que o fizera seu genro.

Mera curiosidade fez que Macario lhe perguntasse o nome do fidalgo progenitor, e ouviu proferir o nome de seu pai.

Desde esse momento, o transfuga de Cabo-Verde arrancou-se a mascara: contou a sua verdadeira historia;

compungiu o coração do amigo, e terminou por perguntar-lhe se elle se envergonhava de ser irmão d'um filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima.

O bastardo elevou seu irmão até onde podia; quiz que elle resgatasse o seu verdadeiro nome; que, á custa de todo o dinheiro, obtivesse a graça regia da sua liberdade. Constantino rejeitou as boas intenções do irmão, umas como inuteis, outras como impossiveis.

Continuou a ser Macario Affonso; e adoptou os appellidos de seu irmão — *Costa Penha*. Associou-se commercialmente com o que fôra na Bahia seu patrão. Decorridos tres annos, morre o socio, instituindo seu universal herdeiro Macario Affonso.

Está assim explicada a muito licita acquisição de cem contos de reis, base sobre a qual o antigo falsificador de firmas poderia, se quizesse, levantar um edificio de alguns milhões.

Constantino julgava-se viuvo: assim lh'o fizera crêr a má nova que lhe levára o facultativo, por informações d'outro que medicára Leonor nas tribulações do parto. O leitor ainda se lembra. Suppunham-no viuvo, e offereceram-se-lhe casamentos vantajosos. Rejeitou-os todos.

Retirado do commercio, foi viver em uma chacara de seu irmão, e dedicou-se á leitura, á agricultura, e á solidão quasi completa.

Ao cabo de doze annos pouco possuia da herança.

Consummira-a comprando escravos para a liberdade: aos velhos dava immediatamente carta de alforria, ás

crianças educava-as, e dotava-as com terras incultas, ensinando-as a cultivarem-as.

O irmão enviuvára, e annos depois ficára sem filhos com mais de quinhentos contos liquidados. Retirou-se tambem do trafico mercantil, e pôde conseguir que seu irmão o acompanhasse á Europa, cujos ares lhe aconselhavam n'uma doença pulmonar.

O mal aggravou-se com a mudança, e o millionario veio morrer a Paris, deixando todos os seus haveres ao individuo que se assignava Macario Affonso da Costa Penha.

Era isto em 1848.

Macario voltou á America, e levantou a avultada herança. Permaneceu ahi um anno, oscillando entre as irresoluções de ficar alli, ou residir na Europa.

Lembrou-lhe com saudades Portugal; mas perguntava a si mesmo o que viria elle fazer a uma terra onde não tinha alguem, d'onde sahíra com um estigma ignominioso na fronte, onde não poderia, depois de vinte e quatro annos, dizer o seu verdadeiro nome sem risco e sem vergonha.

Acudiu-lhe uma idéa romanesca: viver em Portugal, desconhecido; derramar a sua riqueza em generosidades das que enxugam lagrimas e aquietam a consciencia; captar a attenção d'este pequeno paiz, onde as dadivas são apregoadas, como se o dadivoso não tivesse melhor recompensa que a publicidade; morrer, em fim, pobre, declarando na hora suprema da vida o seu verdadeiro nome, remindo-o assim da antiga infamia.

*

Com estas intenções desembarcou em Lisboa.

Fez as primeiras esmolas aos estabelecimentos de caridade, e acudiu com alguns saccos de libras á indigencia do ministerio que batia ás portas dos agiotas, mostrando-lhes as ulceras do thesouro.

Um dia, deram-lhe uma cousa que elle quizera rejeitar; mas não podéra, por que apparecera ao mesmo tempo lavrado o decreto da mercê: era o titulo de barão da Penha.

Ora aqui está.

Este capitulo é o mais ensosso, mas tambem é o mais moral, e até o mais necessario, d'esta, sobre todas as que eu contei e hei-de contar, verdadeira historia.

Assim, pois, convem que se saiba desde já que o barão da Penha não era negreiro, nem falso monetario, nem alliciador, nem contrabandista, sequer.

Aos seus esforços pessoaes nada devia elle, é certo, por que já se disse que herdára cem contos, que hoje produzem fructos abençoados para proprietarios negros, que elle resgatára. Fôra de seu irmão tudo o que tinha, e o primeiro bastardo do fidalgo enriquecera ajuntando ao dote de sua mulher o trabalho de vinte e sete annos.

Era uma riqueza mais abençoada a d'elle que todas as que por ahi abençoam os jornaes, quando os abençoados são, ou podem ser, assignantes.

XIII.

> ... Assy ha lagrimas nascidas do verão d'alma, que é a caridade... estas taes são mantimento d'alma.
>
> Fr. Antonio Feo (*Trattados Quadre-yecimaes.*)

> Esta é a verdadeira idade do ouro, porque só elle senhorêa os animos dos homens.
>
> F. Rodrigues Lobo (*Côrte na Aldêa.*)

E a familia da rua da Murta o que é feito d'ella?

Pois sim, leitor, vamos assistir a esse espectaculo de felicidade imprevista, unica, se a ha, porque a felicidade, que se espera, se vem, o melhor d'ella gosou-se em esperanças; o resto, convertido em realidade, pouco vale.

Roberto Soares appareceu inesperado em casa. Foi á cama de sua mãi, para logo alli em poucas palavras lhe dizer ao que vinha, mas os braços de Leonor, de Helena, e do tio cego, todos ao mesmo tempo enredados n'elle, não o deixavam tomar fôlego.

« Não te esperavamos tão cedo, Roberto! — disse Leonor, assalteada pelo receio de que a vinda inopinada fosse de mau agouro — Não é por alguma causa desagradavel, não, filho?

— Não, mãi. Eu sou o portador da nossa felicidade. A Providencia voltou para nós a face benigna.

« Benigna é ella sempre, Roberto — atalhou Jorge Ribeiro — Não agradeças d'esse modo a Deus a felicidade que nos trazes. Ergamos sempre mãos agradecidas ao pesar e ao contentamento.

— Pois sim, meu tio; mas não fallemos agora em pesares; bem bastou sentíl-os tantos annos — disse Roberto com muita alegria.

« Eu bem sei o que nos vaes contar, Roberto — acudiu Helena — Vens despachado para um bom lugar, não é assim?

— Enganou-se, tia; eu não venho despachado... O nosso bemfeitor não quer que dependa de mim o bem estar da minha familia. Quer ser elle, e só elle, o enviado de Deus a esta casa.

« Assim, assim — interrompeu o cego — quero que falles essa linguagem, meu Roberto: *o enviado de Deus...* por que são enviados de Deus todos aquelles que enxugam lagrimas; e o modo como as nossas foram enxutas, quando iamos ser lançados á rua, só se explica pela acção mysteriosa da Divindade. Que novos beneficios nos quer fazer esse santo homem? diz, Roberto!

— Dá-nos quantas commodidades podemos desejar. Tenho ordem de mudar inteiramente o nosso viver de

privações e forçada obscuridade. Trago ordem illimitada de receber o dinheiro necessario para vivermos em boa casa, ornada de tudo com magnificencia, e tanta que o barão da Penha possa hospedar-se n'ella, quando vier ao Porto. Ora já sabem agora ao que vim?

«Louvado seja o Senhor! disse Leonor a chorar, em quanto Helena, com a mão do sobrinho apertada nas suas, fitava os olhos espantados ora na face d'elle, ora na da irmã. Jorge Ribeiro não fizera algum movimento exterior.

— Como explica esta grandeza d'alma, meu tio? disse Roberto.

«E tu como a explicas, meu sobrinho? Melhor que eu o farás, por que o trataste de perto.

— Posso apenas julgal-o um homem extraordinario. Não sei nada de sua vida, e ha n'elle, apesar da familiaridade com que me trata, alguma cousa que impõe respeito e temor. Não me afoutei ainda a perguntar-lhe a sua naturalidade. O trato continuo, que faz ordinariamente a confiança, augmentava em mim o sentimento de respeito, que algumas vezes me envergonhou. Eu não queria que elle me julgasse humildade esta veneração; por que não pude nunca, nem jámais poderei immolar o meu orgulho aos beneficios feitos por vaidade. Os beneficios, porém, do barão, são delicados e francos ao mesmo tempo. Não vexam, nem obrigam a gestos ou palavras de reconhecimento. Aquelle dinheiro, que lhes mandei, deu-m'o elle sob condição de lh'o pagar, quando podesse economisal-o dos meus salarios como empre-

gado. Esta ordem franca que trago foi-me dada com não sei que imperio paternal. *Vá immediatamente, e faça isto,* disse-me elle. Estas explicações bem sei que não explicam a affeição que me tem este homem; mas, a não ser por sympathia, ou com paixão, não sei como a simples palavra « philantropia » possa dar a razão de tantas virtudes.

« Conheceria elle teu pai ou teu avô, Roberto? — disse Leonor.

— Não, minha mãi. Estando eu a lêr o Tacito, onde está escripto o nome de meu pai, o barão perguntou-me quem era aquelle individuo.

« E tu... disseste-lhe...

— Disse o que sabia de meu pai, o pouco que sei, por que minha mãi pouco me ha dito.

« Pois ahi tens explicada a virtude do barão. É piedade — disse o cego.

— Tinha os olhos chorosos, quando acabou de lêr a carta, que a mãi me escreveu. Abraçou-me, desejando abraçar todos os meus. Alli logo me ordenou que viesse ao Porto, que fosse o chefe da minha familia, e não voltasse a Lisboa se não quando elle me chamasse.

Foi longa de mais a alegre conversação d'esta familia, ao pé do leito de Leonor, para que a digamos toda.

No dia seguinte, o negociante, encarregado de dar dinheiro indeterminado a Roberto Soares, contou isto na praça, onde Roberto Soares era conhecido como litterato, synonymo de vadio, de satyrico, de insultador petulante, e de *pinga*. Entre parenthesis: este epitheto « pin-

ga » inventou-se no Porto : é o unico subsidio philologico que esta gente tem dado ao vocabulario chulo. *Pinga* é o desforço summario, é a suprema vingança que ahi se tira do escriptor pobre, se elle fere a vaidade dos ricos infames, que não querem soffrer a possibilidade de ser insultado um homem endinheirado.

De « pinga » pois, fôra qualificado Roberto Soares, desde que, uma vez, saturado das prelecções do amigo de Guilherme do Amaral, talhára quatro barretes para quatro d'essas cabeças, que por ahi jogam a marrada com a honra.

A noticia da ordem franca, e o primeiro saque de um conto de reis, sabia-se no Guichard na noite d'esse dia, e contou-se, como um acontecimento, nos *soirées* da Foz, em redor de uma banca de jogo, onde alguns cavalheiros negociavam a industria que os salva de vagarem andrajosos nas ruas do Porto. As filhas d'estes cavalheiros, as mulheres, as irmãs, e as namoradas, em quanto o banqueiro embaralhava os massêtes com subtil tramoia, perguntavam aos parceiros se o tal folhetinista Soares tinha algum tio rico no Brazil. Uma notabilidade presente citou uma carta que lêra da viscondessa de Villa-Secca, onde se dizia que estava em Lisboa certo barão da Penha, que denominava seu parente um rapaz do Porto, que fazia versos, chamado Soares.

Uma das damas, que se erguera irritada por ter perdido meia libra contra o quarto valete, e outra meia *n'um-em-tres,* foi para a janella com uma sua amiga, tambem zangada por que o banqueiro não pozera *de-por-*

ta uma libra que ella, por descuido, perdera *de-cara.*

Estas duas almas candidamente doloridas da perda de nove mil reis ao monte, encostaram-se ao peitoril da janella, fallando de amores. Amantissimos corações os d'estas pombas!

Uma, a nossa conhecida Margarida da Carvalhosa, pessoa de que eu não posso prescindir em todas as scenas comicas dos meus futuros romances, dizia á companheira conhecer o tal Roberto Soares por o ter visto com um outro, amigo de Amaral, que a interlocutora conhecia optimamente desde um monumental dialogo, na « Praia dos Inglezes » que ficou estampado em algures do romance « ONDE ESTÁ A FELICIDADE? »

Dizia D. Cecilia — em quanto seu marido procurava a desforra da perda que ella fizera — que conhecia perfeitamente Roberto Soares; e, a meia voz, com desdenhosa fatuidade, acrescentava que possuia algumas poesias d'este rapaz, seu inexoravel perseguidor, desde que se encontraram n'um baile da assembléa.

N'este instante, entrou o criado na sala do jogo, e disse que estava alli um snr. Roberto Soares que desejava fallar com o snr. commendador José da Silva Guimarães.

O dono da casa disse ao commendador Guimarães que podia recebel-o na sala. Mandaram entrar Soares, e elle teimou em não entrar, dizendo que seria de instantes a sua entrevista.

O proprio dono do « estabelecimento » desceu ao pateo, e subiu com Roberto pelo braço, sentindo muito

que elle se não tivesse servido da sua casa, na Foz, onde se passavam regularmente as noites.

Roberto estava espantado!

Nunca este homem o comprimentára. Ainda, dous mezes antes, encontrando-o n'um baile, perguntára a um visinho quem era o perna-fina que lhe dançava com a filha; e, irritado com a informação, dissera á menina que se acautelasse com os parceiros desconhecidos! Que recato este, que prevenção tão lisongeira para o dono da casa! Estes alvares trocam-se amabilidades d'estas, e não se offendem... Sabem elles, por ventura, o que é pundonor?

Á historia, á historia! nada de philosophia. Pois sim.

Roberto Soares entrára n'uma sala, onde chilreava um grupo de senhoras, gesticulando vertiginosamente com os braços e cabeças. Encostada ao piano estava Cecilia e Margarida Carvalhosa, que tinham vindo da casa de jogo para a sala, quando viram a pressa com que o dono da casa descera a receber na escada o poeta.

Roberto fez um semicirculo com a cabeça cortejando geralmente as damas, e ouviu Cecilia proferir o seu nome: era a unica mulher a quem não precisava ser apresentado. Dirigiu-se a ella com desembaraço, alteou a voz de modo que o podessem ouvir, e não saberei eu decidir se foi irritação de nervos, ou sangue frio que suggeriu este vocabulario inconveniente, depois de a saudar com expressões frias e triviaes:

« Eu vim a tratar negocios com o snr. commenda-

dor Guimarães, e fui admittido n'esta sala sem apresentar as minhas cartas credenciaes de commerciante. É um excesso de cortezania com que me honra o dono da casa.

D. Cecilia comprehendeu a ironia, e disse:

— Não sabia eu que v. s.ª era negociante... Em que negocía, snr. Soares?

« Em mascaras, minha senhora.

— Em mascaras!... tem graça!

« Parece-lhe que não farei grande venda do meu genero aqui?... Repare v. exc.ª n'esta que eu trago, e, pela amostra, julgará da mercadoria. Tenho a immodestia de a julgar tão perfeita, que até v. exc.ª me desconhece.

— Ha ahi subtileza de mais para a minha comprehensão... Entendeste, Margarida?

« Eu!... se tu não percebes... — disse a filha do barão da Carvalhosa, requebrando a cabeça com delambido garbo — se tu não percebes, conhecendo o snr. Soares, que farei eu!... É poeta, e basta.

— Não sou poeta, minha senhora, trato de negocios, vou estabelecer-me, a minha rehabilitação começa por uma tenda...

« De mascaras? — atalhou Cecilia.

O dialogo foi cortado pela chegada do commendador Guimarães, que estendeu a mão affavel ao que o procurava.

« Ninguem me apresentou a v. s.ª — disse Roberto

— nem eu me apresentarei, por que o meu nome é circumstancia dispensavel.

— Eu conheço v. s.ª... é o snr. Roberto Soares, e muito estimo ter esta occasião de o servir.

« Não venho pedir serviços a v. s.ª Sei que é dono d'uma casa que se aluga na rua de Fernandes Thomaz, vi-a hoje, gostei d'ella, não me souberam dizer o que v. s.ª quer, e, como preciso ámanhã occupal-a, queria hoje o arrendamento. Não merecia a pena a deferencia com que o dono da casa, cujo nome ignoro ainda, me honrou. Era um negocio de duas palavras...

O commendador não entendera d'isto senão que se tratava do arrendamento da sua casa da rua de Fernandes Thomaz.

— Vamos então a minha casa — disse elle — e lá se fará o escripto.

« Dispensemos formalidades de titulos inuteis. Eu pago a v. s.ª a casa agora mesmo, e dispenso até o recibo.

— Pois isso é assim do pé p'ra mão?! — disse o commendador — A casa anda em trinta e cinco moedas.

Soares tirou d'uma carteira duas notas do banco de cem mil reis cada uma, e deu-as ao commendador, dizendo:

« Tem v. s.ª a voltar-me... Eu faço a conta...

Abriu a carteira, e fez com o lapis uma operação de diminuir.

« São 32$000 reis que me deve — acrescentou elle — se me não engana a minha arithmetica, que, ape-

sar de tudo, é mais correcta que as minhas poesias, não acha, snr.ª D. Cecilia?

— Tem perguntas! que tem uma cousa com a outra?

« A arithmetica com a poesia? Tem tudo, minha senhora. Quem não sabe contar não verseja.

O commendador fôra fazer o troco na casa do jogo, Margarida sahíra de ao pé da amiga, Roberto Soares de braços cruzados, encostado ao piano, dizia a Cecilia:

« Quem é o seu amante agora, minha senhora?

— É séria essa pergunta, snr. Soares?

« Séria, e profundamente grave.

— É grosseira, e...

« Não crê que eu tenha um motivo bastante forte para me informar de cousas tão melindrosas?

— Não, senhor.

« Tenho. Eu sei que v. exc.ª costuma dar ao amante que começa o espolio do amante que acabou. Estiveram em seu poder umas cartas minhas e umas poesias muito tolas. Umas e outras queria eu resgatar, as poesias principalmente, por que não quero que existam vestigios de eu ter sido poeta, e mau poeta de mais a mais, hoje que principio a regenerar-me para a sociedade em que v. exc.ª é lustroso ornamento. Sendo certo que os meus versos devem estar na mão do cavalheiro, que, ha dous mezes, me empalmou o seu coração, pergunto eu, se depois d'esse, ha um outro a quem eu deva dirigir-me. A pergunta não é grosseira, é necessaria [1].

[1] Textual todo o dialogo.

Tinha-se feito profundo silencio na sala. A curiosidade calára até a respiração de uma duzia de senhoras, contra as quaes Roberto voltára as costas.

O commendador chegava com o troco, sustando a ultima phrase do seu inquilino. Roberto Soares fez uma cortezia igual á da entrada, e, apertando a mão tremula de Cecilia, na despedida, murmurou:

« O poeta faz versos: o homem de dinheiro falla assim... Eu hoje alugo propriedades, minha senhora... Uma sei eu já que me custa annualmente trinta e cinco moedas; a outra...

Cecilia córou até aos olhos, e retirou a mão. Soares soltou uma gargalhada, e sahiu.

Os circumstantes, que não perdiam um movimento d'elle, disseram:

— Este homem é doudo!

Explicar este estranho colloquio com uma dama da boa-roda, faz-se em duas palavras.

Dous mezes antes o Roberto Soares pobre dizia no corredor da igreja dos Congregados a D. Cecilia:

— Dê-me a razão do seu capricho. Que fiz eu para arrefecer a sua estima?!

« Não me persiga, senhor! — disse ella — o senhor compremette-me!... Apre! que teima!

N'esse mesmo dia, Roberto Soares recebia da mão de um provinciano as cartas e poesias que dirigira a D. Cecilia.

— Não ha vingança possivel — disse elle ao successor — Um homem pobre não se vinga.

Nem o rico, digo eu: as Cecilias são invulneraveis.

Sabeis o que se faz ás uvas, convisinhas das estradas, para que os passageiros as não comam?... Ha mulheres que fazem lembrar essas uvas: mudam em nojo o appetite da vingança.

Ahi fica um capitulo sem sal. A vontade de ser fiel rejeitou os enfeites da imaginação.

D. Cecilia lê isto, e eu quero que ella diga comsigo:

« O homem é verdadeiro. »

XIV.

> A roda da fortuna parou. Eis-me aqui!
>
> SHAKSPEARE (*O rei Lear.*)

Voltemos a Cascaes.

Bernardo da Veiga, nos dias subsequentes á suspeita exaltação do seu amigo, na praia, continuou a desconfiar da saude intellectual d'elle. O barão não desatinava no que dizia; o velho, porém, notára no modo como elle olhava Isaura alguma cousa que lhe redobrava as suspeitas.

Havia no olhar do barão, é verdade, um melancolico espasmo, que fazia tristeza aos outros; não era o suave quebranto de luz que amortece o olhar do amante,

ou o arraiar vivido que espalha o vulcão da alma apaixonada: era um olhar turvado de lagrimas, meigo e compassivo, amoroso, talvez, mas d'esse amor, ou antes piedade privilegiada d'alguns corações mais sensiveis ás dôres alheias que ao pungir das proprias.

Não se fallou mais da historia de Isaura. Receiando despertar, com ella, o accesso febril do barão, fugia de a recordar Bernardo da Veiga, porque talvez alguma analogia de situação desvairasse com excruciantes remorsos a phantasia do amigo.

O barão da Penha despediu-se de Bernardo da Veiga por alguns dias, dizendo que o chamavam negocios a Lisboa, e promettendo voltar a Cascaes com a intenção de prolongar a sua residencia alli, embora a terra na estação invernosa fosse intractavel. Assim dava elle ao velho mais uma suspeita de desmancho de razão.

Ao mesmo tempo, o visconde de Villa-Secca, instado por sua mulher, recolhera a Lisboa para dar o seu primeiro baile, e não perder a recita de abertura do theatro lyrico.

O barão escreveu a Roberto Soares, chamando-o a Lisboa, se a sua familia o dispensasse por algum tempo. A calligraphia d'esta concisa carta era disfarçada. Constantino receiava que Leonor, depois de vinte e cinco annos, tivesse ainda lembrança da letra de seu marido.

Ao segundo dia, o barão da Penha recebeu, na hospedaria, uma carta d'um pai de familia que lhe pedia uma esmola. O portador era o supplicante. Mandou-o entrar

no seu quarto, e viu um homem pobremente trajado, de cabellos brancos, e faces emaciadas pela fome.

Fez-lhe algumas perguntas sobre habilitações que tinha para ser empregado em qualquer cousa. O mendigo disse que fôra mercador de pannos em Braga, e fallîra com honra sufficiente para andar mendigando. Maravilhou-se da avultada esmola que recebeu, e com ella a ordem de se vestir modestamente n'um armazem de fato feito, e apparecer na manhã do dia seguinte.

Pontual, como é de crêr, o negociante fallido ouviu o que o leitor vai lêr com a sua melhor boa fé, certo de que nunca a empregou em obra tão benemerita.

« O senhor — disse o barão — tem duvida em figurar com um nome supposto, se d'ahi lhe não vier risco nem deshonra?

— Não, senhor: eu estou ás ordens de v. exc.ª

« Eu prometto collocal-o em posição remediada, se executar habilmente o plano que lhe vou dar. Não me aproveito da sua pobreza para o fazer instrumento de alguma infamia. O senhor vai ajudar-me a castigar um ladrão dos que zombam da justiça, um ladrão ennobrecido pelo dinheiro roubado, em quanto o senhor, honrado na sua pobreza, estende a mão á caridade, e muitas vezes a leva aos olhos para enxugar uma lagrima que o duro despreso lhe arrancou...

— E quantas vezes, snr. barão!... — disse o negociante fallido.

« Pois bem. Preste a possivel attenção ao que vou dizer-lhe.

O barão ergueu-se, sahiu fóra ao corredor a escutar, cerrou a porta da extremidade do corredor, fechou a do seu quarto, e parece que todas estas precauções elle tomou para que nós o não ouvissemos, leitores.

Não importa. Vamos presenciar outro dialogo, sequencia do mysterio d'aquelle, e, se formos espertos, lograremos as cautelas do barão.

Alguns dias passados, annunciou-se ao visconde de Villa-Secca um homem chamado Constantino de Abreu e Lima.

A viscondessa reparou na alteração de semblante que este nome fez nas faceiras rubidas de seu marido. Perguntou-lhe quem era este Constantino, e elle respondeu que era filho d'uma pessoa da sua amisade, que morrera, havia muito tempo.

O homem, que será para nós tambem Constantino, foi conduzido a uma sala, onde esperou alguns minutos.

O visconde appareceu, e mandou sentar o homem, que, na mais humilde postura, pescoço acurvado, e braços pendentes, hesitava sentar-se na presença de Antonio José.

« Sente-se, snr. Constantino. O senhor está velho de todo. . . — disse o visconde, atirando uma perna por sobre a outra, e cruzando os braços no peito.

— Os trabalhos, e as fomes, snr. visconde. . . Vinte e tantos annos de amarguras envelhecem assim. V. exc.ª é que está muito conservado, e deve ter mais dez annos que eu. . .

« Vou vivendo, vou vivendo; mas não faltam trabalhos tambem por cá... Grande nau grande tormenta, diz o ditado.

— Ainda bem que a nau é grande, snr. visconde; mas quem boia sobre uma taboinha á mercê das tempestades, esse é que traz sempre a morte diante dos olhos. V. exc.ª foi muito feliz; mereceu-o a Deus. Quando eu sahi a cumprir sentença de degredo ficava v. exc.ª pobre... não sei se se lembra d'uma carta que lhe escrevi da cadêa, pedindo-lhe que me emprestasse algumas moedas, e v. exc.ª, n'essa occasião, soffreu bastante por me não poder valer.

« É verdade, bem me lembro; depois é que entraram a correr soffrivelmente os meus negocios. Tive um amigo que me emprestou algum dinheirito, metti-me no commercio do vinho, e fui erguendo cabeça com muito trabalho, economia, e alguma fortuna, graças a Deus.

— Graças a Deus tambem eu digo — interrompeu Constantino, franzindo devotamente os beiços, e fechando os olhos com seraphica piedade — Abençoada fortuna é a sua, que enxuga as lagrimas do pobre filho do desembargador Jeronymo d'Abreu e Lima. Meu pai de certo abençoará do céo a mão generosa que me foi arrancar á penuria tão longe da patria... Beijo-lhe as mãos, snr. visconde.

Constantino ergueu-se para tomar a mão do visconde.

« Ora adeus, deixem'o-nos d'isso, snr. Constantino... Fiz o que pude e o que sinto é não poder fazer mais.

— O seu nobre coração póde muito mais, snr. visconde. Venho agradecer o favor recebido, e supplicar outro de que depende a minha subsistencia. O snr. barão da Penha disse-me que eu acharia em v. exc.ª um amigo caridoso; mas eu não quero estar sempre a depender da caridade. Posso ainda trabalhar, posto que enfraquecido e acabado; porém, a vontade de ser util á sociedade, e não importuno aos meus amigos, me dará vigor. Como v. exc.ª sabe, o meu nome tem um labéo vergonhoso; fui condemnado por falsario de documentos, e não cumpri sentença; preciso, para grangear a rehabilitação do meu nome, alcançar, primeiro, a graça do perdão, aliás estou sujeito a ser denunciado, e entregue de novo ás galés de Cabo-Verde; depois, preciso fazer algumas esmolas aos asylos e hospicios e confrarias para que Deus Nosso Senhor e os homens me desencarreguem da obrigação em que estou com as pessoas que offendi, já roubando-as, já escandalisando-as. Feito isto, queria obter uma posição digna do meu nascimento, valendo-me a protecção poderosa d'um homem tão acreditado como o snr. visconde de Villa-Secca. Nada d'isto se póde fazer sem dinheiro, como v. exc.ª sabe.

« Isso é assim.

— Alguns contos de reis havidos de emprestimo é o que eu venho pedir ao meu protector, na certeza de que peço um credito e não uma esmola.

« É impossivel servil-o, snr. Constantino — disse o visconde enrugando a testa, n'um tom de zanga impetuosa — Eu não tenho assim contos de reis para dar a

quem quer fazer figura. Deixe-se de esmolas aos hospitaes. O senhor o que deve é mudar de nome, para que a justiça o não persiga, e arranjar alguma cousa para ir vivendo; isto é conselho de amigo.

— Não podemos todos mudar de nome — disse a creatura do barão da Penha, sorrindo — V. exc.ª passou destramente de Antonio José para visconde de Villa-Secca; eu, a mudar de nome, só o faria pelo processo que v. exc.ª empregou. É justamente a isso que eu quero chegar, podendo; e não se me afigura difficil empreza, porque tenho a meu favor um principio de vida criminosa, torpe, infame, e o mais que v. exc.ª dirá.

« Eu não percebi... — interrompeu o visconde, enfiado, com o queixo debaixo descahido, e os olhos pasmados no sorriso petulante do interlocutor.

— Percebeu, percebeu, snr. visconde... Não mudo de nome, é o que eu disse; e rogo de novo ao meu nobre amigo que me empreste o dinheiro necessario para me regenerar.

« Já lhe disse que não posso — tornou o visconde, afoutando-se com uma idéa animadora que o soccorreu no momento. — E parece-me que esse seu modo de pedir é muito atrevido. Eu acho que lhe não devo nada... pelo contrario...

— Sou eu que lhe devo cem mil reis — atalhou o enviado do barão erguendo-se, e abrindo uma carteira — Está pago snr. Antonio.

O visconde recuára, vendo ao pé da cara uma nota

de cem mil reis aberta. O interlocutor, ao fechar a carteira, deixára cahir ao chão a nota, e sentára-se.

N'este momento, abriu-se a porta da sala e appareceu o barão da Penha.

O visconde suava, em pé, immovel, com os olhos pregados nos movimentos do homem. O negociante fallido erguera-se. O barão da Penha cortejára o visconde, e apertára a mão do outro, dizendo:

« Veio agradecer a esmola ao seu bemfeitor, snr. Constantino?

— Não, senhor, vim pagar o emprestimo de cem mil reis que recebi por via de v. exc.ª Eu estou quite, e o snr. barão tambem o está da fiança, se a deu. Agora, sentar-me-hei n'esta cadeira estofada do meu antigo criado Antonio, e exigirei que elle me escute de pé.

« Fóra de minha casa! — exclamou o visconde.

— Que palavras são essas, snr. Constantino!? — disse o barão, simulando o mais bem fingido espanto.

— Este homem que o senhor me metteu em casa quer-me roubar! — trovejou o visconde.

O adestrado actor ergueu-se, aproximou-se solemnemente do visconde, e disse-lhe:

« Antonio, não levantes a voz de modo que te ouçam os criados, porque, antes d'elles te soccorrerem, tenho-te eu arrancado a lingua.

O visconde fitou o barão como quem pede soccorro. Este olhou com sobranceria o insolente hospede, e disse:

« O senhor que exige d'este cavalheiro? Eu tomo a offensa como feita a mim.

— Como v. exc.ª quizer — disse o outro — E, para que a receba completa, ha-de presenciar o que vou dizer a esse miseravel.

E, sentando-se outra vez, proseguiu:

— Antonio José, meu criado que foste, gosto ainda de ti, quando me recordo que em criança andava ás cavalleiras d'esse robusto costado, e te picava com um aguilhão para te fazer pinotear; e tu, pacientissimo villão, para lisongeares a minha criancice, rinchavas, zurravas, e davas saltos e corcovos, com que a minha mãi folgava muito, e meu pai, para remunerar-te das esporadas que soffrias com cara alegre, dava-te um collete velho. Ainda me lembro d'isto, Antonio, e parece que te estou vendo a esfregar com o côco o sobrado, e eu a picar-te as pernas núas. Que felizes tempos! Devem ser saudadas estas recordações da tua primavera, visconde de Villa-Secca!

Tu eras então um bom criado, Antonio! Quando ias á fonte, os teus collegas admiravam a diligencia com que te apressavas a encher o barril, e ainda me recordo de te vêr com a cara esmurrada, porque, no excesso do teu zelo, quizeras roubar a vez de bica a outro criado.

Tenho ainda outros motivos para que me lembres com saudades, Antonio. Quando eu namorava uma senhora, com quem vim a casar, eras tu o portador das cartas, e não foi sem pena que eu soube de uns pontapés que meu pai te deu, quando descobriu seres tu o alcaiote. Tenho só a censurar-te a cobiça com que andaste n'este negocio, porque, depois de casado, soube

que tu pedias com frequencia á senhora, onde eu te mandava, um patacão para beber uma pinga. Eis-aqui um borrão na tua biographia, Antonio José!

E, voltando-se para o barão — continuou:

— Acha v. exc.ª que ha n'estas palavras insulto de que deva desforçar o seu amigo!? Isto é louvor e elogio, penso eu. Naturalmente não nos bateremos, acha?

O barão da Penha mal podia já sorver o riso. O negociante fallido excedera a mais ambiciosa espectativa. Nem o proprio filho do desembargador saberia ferir tão certeira, tão pungente a ironia, o escarneo, o sarcasmo, o ultraje fulminante. O visconde tremia, vermelho, offegante, vertendo suor frio, que lhe coava na cara, em globulos como camarinhas. O pendor do queixo isso não se diz nem se imita. Era uma cousa de fazer compaixão, a compaixão do nojo, sentimento real que se experimenta á vista do infame acobardado, tolhido de corpo e alma, asqueroso até nas visagens que faz debaixo do latego do insulto.

« Snr. Constantino — disse o barão — o meu nobre amigo visconde de Villa-Secca está soffrendo com essas recordações; basta de lembranças que não sei ao que vem nem de que servem.

— De que servem?! — replicou o inexoravel comico — Estas suaves recordações são introito d'outras que vim arrancar á memoria d'esse infame que ahi está.

Antonio José, tu és um ladrão! Estes tremós, estes sophás, estas alcatifas, essa camisa que vestes, tudo isto é meu, Antonio José! Restitue-me o patrimonio que rou-

baste a meu pai; restitue-me a minha honra sacrificada á indigencia em que me deixaste; restitue-me a minha liberdade porque eu sou ainda um condemnado a vinte annos de degredo. Dou-te de esmola o que tiveres lucrado em vinte e seis annos com o meu patrimonio; mas dá-me o capital, Antonio José; dá-me o dinheiro que roubaste a teu amo, ladrão!

O visconde levára as mãos á cabeça, e, cambaleando, dera alguns passos rapidos para sahir da sala. Encontrando de frente o accusador terrivel, deu um brado de soccorro que devia ouvir-se em toda a casa. O barão fizera um signal ao negociante fallido, e este sahira vagarosamente da sala. A viscondessa entrára alvoroçada por outra porta, e achára o marido debatendo-se convulsamente, espumando e barafustando, com os olhos esgazeados, sobre o sophá. Era o segundo ataque de gotta.

« Que é isto, snr. barão? — exclamou a viscondessa?

— Cousas... — respondeu elle.

« Que cousas?...

— Cousas, minha senhora... Um homem, que d'aqui sahiu, disse palavras desagradaveis ao snr. visconde...

Achavam-se já em redor do convulsionario os criados todos. A viscondessa instava pela explicação. O visconde, tornando a si, procurava entre os circumstantes a catadura tetrica do inimigo.

« Agarrem esse homem! » exclamou elle, fuzilando pelos olhos a furia d'um possesso — « agarrem esse homem, que fugiu das galés... »

Os criados olhavam-se uns aos outros espantados. Frenetica e raivosa como seu marido, a viscondessa teimava em querer saber do barão o que o tal homem dissera.

—Eu vou contar-lhe, snr.ª viscondessa, o que o homem disse. Os seus criados podem ouvir tambem.

Assim principiava o barão a satisfazer o anceio da enfurecida senhora, quando o visconde, aproximando-se impetuosamente d'elle, exclamou, pondo-lhe a mão sobre a bôca:

« Não diga, não diga...

— Porque não, se sua senhora insta?!

« Deixal-a instar... não é necessario que saiba nada. Vão-se embora d'aqui.

Os criados sahiram. O barão seguiu-os depois de fazer votos pelo socego do seu illustre amigo. O visconde veio ao topo da escada pedir-lhe que não contasse nada do que víra.

« Até por decoro da nossa classe — disse o barão — me cumpre calar esta vergonhosa scena. É preciso que a canalha ignore o que por cá vai entre nós, meu presado collega. A nossa classe, entre todas, é a que mais precisa de soccorro-mutuo... »

XV.

> Cuidais que sam, & nam sam
> Homens, que nam vam, nem vem,
> Parece que auante vam.
> ....
> Mente cada passo a espia,
> E ás horas do meyo dia
> Andais entre o lobo, & o cão.
>
> Sá de Miranda.

O visconde não era homem de tragar a affronta sem despique.

A idéa subita que lhe acudira, no começo da entrevista com o phantastico filho do desembargador, encareceu-lh'a o medo e o odio, depois do enorme vexame por que acabava de passar na presença do barão. Essa idéa era denunciar á justiça a fuga de Constantino d'Abreu e Lima, condemnado a vinte annos de degredo. Capturado como tal, não seria custoso ao visconde provar a identidade do réo, escondel-o na enxovia do Limoeiro,

segregal-o de toda a protecção, e reenvial-o a Cabo-Verde, segundo a letra expressa do livro 5.º, e leis vigentes.

Calou-se com este luminoso designio o visconde, e tratou de averiguar a residencia de Constantino.

Na lista dos passageiros vindos do Brazil, nas proximas viagens, não se lia tal nome. Nas partes das hospedarias ás administrações dos bairros tambem não. No governo civil procurou-se em balde o passaporte de tal sujeito.

Sem revelar o seu projecto, velhacamente rebuçado, o visconde quiz tirar do barão a residencia de Constantino. O barão da Penha disse que não tivera a curiosidade de indagar uma cousa inutil, e até inconveniente, por que, á vista do que presenciára, não queria mais relações com o homem petulante de quem tivera dó em Buenos-Ayres, e, por compaixão, recommendára.

O visconde não era requintadamente parvo. Queria elle saber como o barão combinava a miseria em que víra Constantino no Brazil com a arrogancia insultante d'elle agora. A isto encolhia os hombros o barão, dizendo que havia cousas inexplicaveis n'este mundo de absurdos.

Antonio José, comparando estas e outras respostas com certas phrases do barão, chegára a desconfiar de que este protegia encobertamente Constantino, fosse o motivo qual fosse. Então, penetrado da suspeita, recordou conversações que lhe fizeram móssa, e mais ainda na viscondessa, que muitas vezes estranhava o modo

ironico e zombeteiro do barão, fallando das riquezas e titulos modernos.

Não ia, porém, mais adiante o entendimento de Maria do Rosario posto que muito superior ao de Antonio José. Delimitaram, de commum accordo, as suas cautelas a não fallarem mais de Constantino diante do barão, para que se não mallograssem as activas diligencias que a policia fazia na piugada do falsificador de firmas.

O visconde postára espias no Rocio para espreitarem as pessoas que entravam e sahiam do hotel dos « Irmãos Unidos. » Esta asneira define satisfactoriamente a policia e o visconde. Fossem lá conhecer Constantino entre quatrocentas pessoas, que entram e sahem diariamente d'aquelle areopago, onde sempre, e agora mais que nunca, se cozinha a salvação da patria, em redor d'um lombo de boi assado! Quantas vezes o olheiro suspeitaria ser o forçado fugidiço nada menos que um Cincinnato ou Curcio?

A espionagem, porém, entrára no proprio quarto do barão. Um moço da hospedaria fôra peitado para decorar as feições dos hospedes do barão da Penha. Baldaram-se as tentativas, e o numerario avulso com que o visconde de antemão brindára os beleguins encarregados de extirparem do seio social um cancro tão damninho; tudo inutil por que o negociante fallido não visitava o barão. Mas, um dia, o visconde, ao voltar d'uma esquina, deu de cara com o seu homem. Atarantou-se, levou machinalmente a mão ao chapéo, e o encontradiço correspondeu á cortezia, fitando-o com o espasmo

natural de quem responde ao comprimento de uma pessoa que não conhece.

— Eu, disse o negociante, penso que já vi o senhor, mas... não me recordo... Tem a bondade de auxiliar a minha memoria?

« Pois o senhor não é o snr. Constantino?! — disse o visconde, parvamente indeciso.

— Lá me pareceu que se enganava; não sou Constantino; chamo-me Bento Pereira Farinho, sou empregado publico, e um criado de v. s.ª a quem desejava ficar conhecendo para o servir.

« Pois o senhor não é o Constantino que esteve ha cousa de tres semanas commigo?

— Eu começo por não saber quem é o cavalheiro teimoso que me chama Constantino.

« Então é o diabo por elle!

— Tambem não tenho a felicidade de ser o diabo, aliás teria adivinhado se o senhor está a mangar commigo.

« Então perdoará... passe muito bem.

O visconde de Villa-Secca despediu-se; mas o demonio da suspeita não o deixava.

« É o mesmo tal e qual! — dizia elle comsigo — O bregeiro mudou de nome; é o que é. Se perco esta occasião de saber onde elle mora, não o tornarei a pilhar. »

Assim preoccupado, entrou n'uma loja de barbeiro, e offereceu cinco pintos a quem seguisse um homem que ia cem passos distante, até vêr a casa onde elle entrava. Da aresta da esquina mostrou-o ao lesto espião;

dando-lhe metade da gratificação, e promettendo esperal-o alli para lh'a inteirar.

O snr. Bento Pereira Farinho grangeára no infortunio aquella agudeza de manhoso engenho, qualidade espiritual que se afina á maneira que a materia se quebranta e deperece á custa de jejuns. Bastou-lhe a elle relancear os olhos por aquelles que o seguiam na rua para conhecer que um, cosido com as portas, o espionava. Farinho concebeu uma logração extravagante ao visconde.

Atravessou algumas ruas, reparando a furto na pertinancia do perseguidor; chegou á rua da Patriarchal Queimada, e entrou no pateo de uma casa apalaçada. Através d'uma grade de arame, viu que a espia decorára o numero da porta, e desapparecera rapido. Farinho sahiu, depois, seguindo direcção opposta á do enviado do visconde.

O aprendiz de barbeiro, na embriaguez do seu contentamento, tinha esquecido o numero da porta, quando chegou arquejante á loja onde o esperava o visconde.

— Viste? — exclamou este.

« Foi como um raio! Fui-lhe na piugada até o metter em casa.

— Em que rua?

« Na Patriarchal Queimada.

O visconde espantou-se da visinhança, e replicou:

— Que diabo dizes tu!? na rua da Patriarchal Queimada?

« Sim, senhor.

— Numero?

« Numero... a fallar-lhe a verdade, esqueceu-me; mas se v. s.ª quer eu vou mostrar-lhe a casa.

— Então, anda lá adiante de mim, e pára defronte da tal casa.

Caminharam, até que o rapaz parou defronte da casa, que se estremava facilmente das outras, pela grandeza e aceio.

« Aqui?! — perguntou o visconde assaralhopado.

— Sim, senhor, foi mesmo ahi que elle entrou.

« Tu estás bebado, rapaz!

— Não estou, não, senhor; palavra de honra, que entrou ahi o tal homem.

O visconde galgou as escadas aos pulos: eram as escadas da sua propria casa! Tirou a empuxões impetuosos pelo cordão da campainha, e, ao primeiro criado que acudiu, perguntou se o viera alguem procurar.

Ainda a pergunta se communicava aos outros criados, quando um gallego de carretos entregava no pateo uma carta para o visconde, e desapparecia.

O atordoado Antonio José metteu o dedo á obreia, e leu o seguinte:

« Antonio José.

« Tive o desgosto de te não encontrar procurando-te, ha doze minutos. Sei que me procuras, e o fim para que o fazes não póde ser senão com a louvavel intenção de me restituires um roubo que desfructaste vinte e seis annos. Como não tenho casa digna em que te receba,

Antonio José, abstenho-me de dizer-te onde moro, e procurar-te-hei o mais breve que possa para te desopprimir a alma do peso do remorso.

Constantino de Abreu e Lima. »

« Querem dar cabo de mim! — foi a exclamação do visconde, ao atirar-se a uma cadeira, atemorisando assim a viscondessa com os prognosticos da gotta — Não ha policia n'esta terra! — proseguiu elle, batendo palmadas nas pernas. O malvado anda por essas ruas de Lisboa, e eu a gastar dinheiro para o prenderem, e não o agarram!

— Quem, meu Antoninho, quem? — dizia com gosmenta meiguice a viscondessa.

« O ladrão que nos quer roubar o suor do meu rosto, esse homem que veio insultar-me a minha casa. Não ha governo em Portugal! Comem-me o meu dinheiro, e não castigam esse tratante que me veio roubar o meu socego. Manda pôr os cavallos á sege que quero ir fallar com o governador civil, com o ministro do reino, com a rainha, se fôr necessario!

— Não grites assim, filho, que rompes alguma veia! — atalhou carinhosamente a viscondessa.

« Deixa-me desabafar! Vou mandar vir os meus filhos para me defenderem d'estes ladrões. Quero uma guarda á porta da rua, visto que não ha segurança, nem policia em Lisboa.

Deixemos berrar o visconde contra a policia de Lis-

boa, deixal-o ir ao governador civil, ao ministro do reino, á rainha; e vamos nós a Cascaes, onde temos creaturas que nos desanojem dos tedios em que nos deixa este capitulo de baixo-comico, indigno da estampa, capitulo, porém, dos mais fieis do conto, palavra de romancista.

XVI.

> Infelici innocentia est felicitas.
> PUBLIUS SYRUS.

> Considere agora qualquer de nós quantas consolações teriam...
> FR. JOÃO DE CEITA. (*Quadragena.*)

Depois de uma longa conferencia com Bento Pereira Farinho, o barão da Penha estava, outra vez, em Cascaes, hospede, e já não inquilino de Bernardo da Veiga. Fôra Isaura que o obrigára a aceitar a hospedagem com adoravel astucia.

O barão chegára adoentado, e recolhera-se á cama da sua modesta casinha, entregando-se ao descuidado tratamento d'um criado. Soube Bernardo da Veiga o quasi desamparo do doente, e convidou-o, para sua casa, com sincero interesse. O barão não aceitou. Sahiu o

velho, e voltou com Isaura. Isaura disse ao barão que era a sua enfermeira, e elle tomou o dito como gracejo. Não era gracejo, não. Isaura ministrava-lhe o remedio, cuidava-lhe dos caldos, aconchegava-lhe a roupa nos frios da febre. O enfermo fitava-a com os olhos rasos de lagrimas, e encarecidamente lhe pedia que não levasse a sua caridade ao extremo de velar as noites sentada n'uma cadeira aos pés do leito.

« Ha um só meio de eu descançar — dizia ella — Faça v. exc.ª a vontade a meu pai; venha para nossa casa.

Apenas convalescente, o barão da Penha passou para casa de Bernardo da Veiga; os desvelos de Isaura não foram, comtudo, alternados pelos desvelos d'outra pessoa: era sempre ella a enfermeira do barão.

« O coração d'este anjo abrange a felicidade de nós ambos — disse o convalescente ao velho fidalgo — Deixe-a ser minha amiga, snr. Veiga, que eu preciso d'este orvalho de amor na aridez do coração, para me sentir viver de algum sentimento mais nobre que a vingança.

— A vingança! — interrompeu o velho.

« A vingança é a minha historia; mas a minha historia só póde ser contada, e julgada depois de concluida. Fujo de que m'a saibam as almas boas para que me não reprovem o plano de vingança em que me regosijo diabolicamente, em que saboreio as voluptuosidades do odio.

— Que estranha linguagem é essa, snr. barão!! — atalhou o velho, receiando o accesso da suspeitosa mania. — V. exc.ª pratica virtudes que desafinam d'essas

doutrinas. A vingança é paixão propria das almas pequenas... Ha-de-me contar a sua vida, quando estiver restabelecido, se eu lhe merecer confiança.

«É cedo para que me conheça, snr. Bernardo da Veiga. Tenho mulher, que não vi ha vinte e cinco annos, que durante vinte e cinco annos julguei morta, e morto me julgou: pois, meu amigo, dir-lhe-hei que minha mulher ignora ainda que eu vivo, e ha-de só vêr-me e reconhecer-me depois que eu tenha arrancado do coração o espinho que me não deixaria gosar um instante de socego. Tenho um filho, snr. Veiga; já abracei esse filho, que me não conhece, ouvi-o contar as angustias de sua mãi, durante o meu desterro, ouvi-o fallar de seu pai, como d'um ente desgraçado que morrera herdando-lhe um nome ignominioso; violentei o coração a apertar-se no peito, e afastei-o de mim para me não denunciar. Comprehende a agonia d'esta repulsão? É que eu temo succumbir ás lagrimas de minha mulher. Sei que ella, por amor de Deus e de mim, seria a protectora do verdugo de nós ambos; sei que a presença de mulher e filho me afrouxariam o braço vingador, e eu, abjecto e sem brios, esqueceria a minha deshonra. Estive vinte e cinco annos sem mulher, nem filho, afiz-me ao horror da solidão moral; assim viverei mais algum tempo até que possa mostrar-me aos meus sem o ferrete infamante com que me apartei d'elles; esse ferrete, porém, só póde ser lavado com o sangue d'um homem...

—Que é isso, barão!?—exclamou Bernardo da Veiga, obrigando o barão suavemente a encostar-se aos

travesseiros, porque, gesticulando vertiginosamente, se firmára sobre os joelhos. — Ora vamos... descance... não se agite assim. Se continua, deixo-o sósinho para não ter quem o escute. Quando estiver bom, fallaremos muito na sua vingança. Está prohibido de me dizer mais nada da sua vida.

« E que lhe tenho eu dito da minha vida?... — tornou serenamente o barão — Nada; quasi nada; mas esse pouco era mister dizel-o para que o meu amigo não julgue tendencias a loucura o que desgraçadamente é peior, muito peior... Principiei a fallar n'este anjo com tanta doçura — proseguiu o barão, fitando Isaura que vinha entrando no quarto — e logo o fel das más paixões me azedou as palavras...

— Fallavam em mim? — disse Isaura com graça e meiguice — que diziam? que eu sou boa enfermeira?... Então, não respondem? O pai está triste, e o snr. barão tem olhos de chorar! Que foi?

« Nada foi, menina. Fui eu que pedi a seu pai um bocadinho do seu coração; queria que tambem fosse minha filha...

— Pois sim — tornou ella sorrindo em toda a ingenuidade de sua innocencia — Quero tambem ser sua filha. São dous paes que me adoptam, sim?

Este colloquio, suavemente triste, foi interrompido pelo escudeiro, annunciando um sujeito de Lisboa, que desejava fallar ao fidalgo.

Bernardo da Veiga encontrou na ante-sala um homem desconhecido.

« Não me lembro de ter visto o senhor... — disse elle.

— De certo não: eu tambem não conhecia pessoalmente v. exc.ª O meu nome é obscuro, mas ainda assim dil-o-hei para v. exc.ª me inscrever no numero dos seus criados. Chamo-me Bento Pereira Farinho. A commissão, porém, que venho desempenhar é de alguma importancia como v. exc.ª vai saber.

Farinho abriu uma carteira, e proseguiu, revezando a vista em Bernardo da Veiga e n'uma lauda da carteira, escripta a lapis:

— Conheceu v. exc.ª Pedro Leite de Mendonça, juiz de fóra que foi de Cascaes ha vinte e seis annos?

« Conheci — disse Bernardo da Veiga, mudando instantaneamente de semblante prazenteiro para carrancudo.

— Em casa de v. exc.ª estava n'essa época uma orphã, chamada Isabel, filha d'um militar que morreu na batalha do Vimieiro.

« Exactamente.

— Essa menina fugiu com Pedro Leite de Mendonça para o Porto, onde ficou, por morte d'elle, com uma menina chamada Isaura. São exactos os meus apontamentos, snr. Veiga?

« São, sim, senhor.

— A menina ficou universal herdeira de seu pai; mas appareceu um outro testamento que a desherdava.

« Um testamento falso.

— Certamente um testamento falso. Sabe v. exc.ª a totalidade da herança roubada a essa menina?

« Avaliavam-na em cincoenta mil cruzados.

— Existe essa menina chamada Isaura?

« Está commigo.

— Terá v. exc.ª a bondade de lhe annunciar que se acham depositados em mão d'um capitalista, residente em Lisboa, cem mil cruzados, herança paterna, com o juro legal de vinte e seis annos pouco mais ou menos.

« Como?! — exclamou o velho.

— É restituido um roubo á filha de Pedro Leite.

« Restituido! por quem? pelos parentes de Pedro Leite?

— Não, senhor; pelo falsificador do testamento, pelo homem a quem os herdeiros pagaram a habilidade de imitar a assignatura do testador, do tabellião, e das testemunhas.

« E esse homem está hoje nas circumstancias...

— De restituir? a prova é que restitue.

« E é possivel saber-se o nome d'esse homem tão digno de que a sociedade o rehabilite?

— A sociedade não rehabilita, nem inhabilita, snr. Veiga. O cavalheiro, que restitue um roubo de que elle foi mero instrumento, geme sob o peso da condemnação social, e, todavia, não quer regenerar-se pela absolvição d'ella. Se se rehabilita, da consciencia e para a consciencia o faz. Resta-me dar a v. exc.ª a carta, ou ordem, com que deve apresentar-se em Lisboa ao capitalista em cujo poder está o patrimonio da snr.ª D. Isaura. Eil-a aqui.

Bernardo da Veiga recebeu a carta, e, ao lêr o no-

me, fez um tregeito de espanto, infirmando-se de novo.

« É impossivel — murmurava elle — é eu que não vejo bem, e não tenho os meus oculos aqui.

— Eu leio, se v. exc.ª quer — disse Farinho.

« Faz favor?

— *Ill.ᵐᵒ e exc.ᵐᵒ snr. barão da Penha, residente no hotel dos Dous Irmãos-Unidos, praça do Rocio — Lisboa.*

« Este cavalheiro está em minha casa! — tornou o fidalgo, cravando em Farinho os olhos espantados.

— É notavel a coincidencia! N'esse caso, queira v. exc.ª apresentar-lhe essa carta para eu levar ao meu constituinte a certeza de que foi aceito o encargo.

« Quer v. s.ª entrar commigo ao quarto onde elle está?...

— Promptamente.

« Isto parece-me um disparate! Pois elle está em minha casa, sabe que este dinheiro está em seu poder, sabe que a menina herdeira está commigo, e não me diz nada?

— São reparos bem postos, snr. Bernardo da Veiga; mas só o exc.ᵐᵒ barão poderá desvanecel-os. Eu recebi esta commissão de pessoa, que não me deu mais explicações que os apontamentos de que fiz uso.

Tinham entrado no quarto do barão. Isaura estava, ao pé do leito, coroando uma jarra de camelias. O doente, sentado, parecia entretido a examinar as petalas avelludadas d'uma rosa.

Farinho cortejou Isaura, e depois o barão, que lhe

correspondeu ceremoniosamente como a pessoa estranha.

Isaura ia retirar-se, e Bernardo da Veiga disse-lhe que não sahisse.

« Minha filha — continuou elle — este senhor traz de Lisboa esta carta, que eu te entrego, para tu a entregares á pessoa para quem vem. Isaura leu o sobrescripto, e entregou-a. O barão abriu, e leu em voz alta :

Ceará 12 de Julho de 1850.

« Meu amigo.

« Á pessoa que te entregar esta carta darás cem
« mil cruzados, que lançarás em minha conta, não repa-
« rando na simplicidade da ordem, porque todos os pre-
« vios esclarecimentos terão sido tomados, de modo que
« não deva haver duvida na entrega.

« Teu de todo o coração,

Constantino de Abreu e Lima. »

— Alli tem v. exc.ª a razão — disse Farinho a Bernardo da Veiga — porque o snr. barão lhe não disse que era o depositario de tal dinheiro, ainda agora sabe que o é.

« E pago a ordem quando a snr.ª D. Isaura quizer — disse o barão.

— Está cumprido o meu mandato — tornou Fari-

nho — Retiro-me já, e recebo as ordens de v. exc.ª»

O barão cortejou segunda vez com o mesmo ar de ceremoniosa gravidade o snr. Farinho, que sahiu, recusando os hospedeiros offerecimentos do fidalgo.

« Que impressão te faz isto, Isaura? — disse Bernardo da Veiga.

— O que, meu pai?

« A restituição do teu patrimonio dobrado do que era, pois não entendeste, filha?

— Entendi; mas... a impressão que me faz não merece notar-se. Eu não me sinto mais triste nem mais alegre. Se o pai me disser que o meu patrimonio lhe serve de alguma cousa, então estimo a noticia; se não, que me importa a mim o dinheiro?

« Mas se te eu disser — replicou o velho — que a restituição do teu patrimonio te é feita pela pessoa que o não roubou?

— Isso é original! — acudiu o barão.

« Quem restitue é o individuo que falsificou o testamento, e não os falsos herdeiros.

— Entendo que é justa a restituição. Sem os serviços do falsificador não se perpetraria o crime; — disse o barão.

« Mas que nome se ha-de dar a este homem?

— Ladrão contricto.

« Não diga isso, snr. barão — atalhou Isaura — essa palavra é cruel na sua bôca; e seria da nossa parte feia ingratidão consentir que se injuriasse assim um sentimento bom. Eu antes quereria toda a minha vida ser

pobre, se este dinheiro ha-de vir ser causa de se recordar um crime, do qual o menos culpado foi o infeliz que hoje se purifica. Eu perdoar-lhe-ia sem a restituição, porque me não veio da falta da riqueza algum mal. Se minha mãi soffreu fomes, a santinha está no céo, e perdoou já. Eu tenho sido sempre feliz com o meu pai, e Deus sabe se a pessoa, que me manda este dinheiro, trabalhou toda a sua vida para restituir o que não me tirou. Olhe, meu pai, vou-lhe pedir com todo o meu coração um favor...

— Diz, menina.

« Não queira esse dinheiro, tornem-no a mandar ao homem, e digam-lhe que eu sou tão feliz que rejeitei uma cousa que me não serve de nada. Faça-me isto, sim?

Bernardo da Veiga pozera os olhos no barão, como se lhe perguntasse: « Deverei eu fazer o que ella diz?» O barão, desviando a custo os olhos lacrimosos de sobre o rosto angelico de Isaura, disse a Bernardo da Veiga:

« Meu bom amigo, deixemos fallar o anjo as suas palavras do céo; mas a nós, homens do mundo, incumbe dirigir-lhe os passos. Se o homem que me ordena a entrega d'este dinheiro é o que assigna a carta, posso affirmar que elle é rico, muito rico, para poder sentir a falta d'esta parcella. Eu continuo a ser o depositario do patrimonio da minha enfermeirasinha.

XVII.

> Quem das lições do tempo, e da ventura
> Não aprende, que o bem todo é mudança,
> E só méta da vida a sepultura?
>
> Fr. Antonio das Chagas (*Elegia I.*)

> L'ange de la mort vient de passer. Il a cueilli l'âme du juste en passant.
>
> Eugéne Pelletan (*Profession de foi.*)

Parecia rejuvenescer de contentamento o bom do velho fidalgo de Cascaes.

Queria elle que todos celebrassem a boa fortuna de Isaura, com graças a Deus, e louvores continuos ao honrado homem que tão liberalmente segurára o futuro da orphã.

Zangava-se puerilmente da indifferença de Isaura, dizendo que era mais soberba que outra cousa desconhecer ella o valor dos fartos meios que a Providencia lhe deparára.

Se o barão não dizia com elle elogios a Constantino, ahi estava logo o velho accusando a insensibilidade da nova geração, avantajando-se com os seus oitenta e quatro annos para reprehender os quarenta e nove do hospede.

Aquelles oito dias seguidos á visita de Farinho foram de festa mais para os pobres de Cascaes que para o solar dos Veigas. De escadas acima, notou o barão uma só novidade: era o vestido novo do velho escudeiro; mas no pateo do palacio é que estava a differença; a pobreza, que pouco e pouco se afastára, viera de novo; os filhos dos pescadores, os velhos, e as viuvas apinhavam-se em redor do mordomo, dizendo-lhe que a menina os chamava da janella. Bernardo da Veiga folgava com a caridade de Isaura, e dizia-lhe sorrindo que não se esquecesse de que o seu patrimonio estava ainda por mãos alheias, e bom seria não espalhar os recursos certos. O barão, porém, afervorava a caridade da sua enfermeira, dando-lhe dinheiro, e nomeando-a sua esmoler-mór, com o que todos riam, e faziam sorrir as viuvas, os velhos, e os orphãosinhos, quasi nús, dos pescadores mortos no már.

O barão convalescera, e pedira a Bernardo da Veiga irem todos passar o inverno a Lisboa. Isaura affeiçoára-se tão filialmente ao hospede que o só temor da separação por muito tempo a animou a vencer a resistencia do velho, que fizera em 1833 juramento de não tornar á côrte.

Estava aprazado o dia da partida. Dous dias antes, porém, Bernardo da Veiga ergueu-se tarde, contra os

seus habitos madrugadores, e queixou-se de mal-estar, e profunda melancolia. Acudiram logo os carinhos e chistes de Isaura, mas a tristeza do velho, pela primeira vez, estava sendo indocil á magia d'um sorriso d'ella. O barão discorria sobre assumptos graves para o acordar do torpor moral: inutil tudo. O velho, pendendo a veneranda fronte para o peito, mostrava soffrer com os desvelos de ambos.

Entrou uma suspeita injusta no espirito do hospede. « Receiará elle — dizia o barão comsigo — que eu me senhoreie do coração de Isaura? São dolorosos os ciumes d'um pai, que subiu com o seu amor até ao fanatismo intolerante. E não ha pai que ame tanto como este velho ama Isaura. »

Se Bernardo da Veiga adivinhasse o intimo pensar do barão, não diria resposta mais ajustada á suspeita injusta:

— Meu amigo — disse elle na ausencia de Isaura — Eu tenho oitenta e quatro annos. Esta melancolia é o aviso da morte que chega.

« Que idêa, snr. Veiga! Por quem é, seja superior a esse medo...

— E eu disse-lhe que era medo isto?! — tornou, sorrindo, o velho — Medo, não, meu amigo. Saudade póde ser, porque a melhor época da minha vida foi a velhice, deu-m'a Isaura, acarinhou-me ao seio como quem afaga uma criança..., e custa-me deixal-a, custa-me muito, porque viviamos um do outro; ella encostava-se a este arrimo quasi partido, e eu parece que ao pé d'ella

sentia degelar-se o sangue, e reverdecer o coração...

O velho chorava, e soluçava, o barão, querendo consolar, denunciava a commoção no tremor da voz, incitando com isso maior abalo no animo do velho. O que fizeram foi apertarem-se com estremecida sympathia as mãos; e assim permaneciam, mudos e como assombrados, quando voltou Isaura.

« Choravam?! — exclamou ella — que foi, meu pai? que foi, snr. barão?

— Melancolias de velhos... — disse o hospede — Horas escuras da vida, em que tudo nos avulta sombrio e triste. Este respirar de lagrimas é preciso, depois que a felicidade nos enche a alma. É assim tudo, menina. Temos tido dias de muita paz e alegria; nós, os velhos, pagamos agora, e v. exc.ª pagará mais tarde...

« Não lhe diga isso, coitadinha! — atalhou Bernardo, pondo n'ella os olhos enternecidos.

— Mas então... isso ha-de durar muito assim? — tornou ella com alegre semblante.

« Pergunte-o a seu pai que me fez tambem triste... — disse o barão, forçando o riso.

— Meu pai! venha commigo, venham ambos vêr os arranjos da nossa partida. Quer que eu ponha no bahú toda a sua roupa? Aquellas casacas de sêda não vão, não? Tomára eu vêr o meu papá com os calções de setim escarlate, e a casaca amarella de portinholas! É verdade... as suas tres commendas vão?

Bernardo da Veiga tomou a mão de Isaura, levou-a ao coração, e murmurou, suffocado:

« O mal é verdadeiro, filha. Vou-me deitar...

— Deitar! — exclamaram Isaura e o barão.

« Deitar, sim; parece que já não tenho pernas, nem braços. Começa a doer-me muito a cabeça, e sinto nauseas do estomago. A minha tristeza é doença, meus amigos. É um protesto da morte contra os meus oitenta e quatro annos.

Á palavra morte, Isaura soltou um ai vibrante, um grito de surpreza, que a deixou pallida, branca, e esvaecida. Dir-se-ia que nunca o susto de perder o velho a salteára; que era essa a primeira vez que a idéa estranha da morte lhe vinha disputar a vida do seu amigo.

A vertigem de Isaura espertou o velho. Ergueu-se da cadeira a tomal-a dos braços do barão, em cujo hombro encostára a face. Isaura sentiu-o, e lançou-lhe os braços ao pescoço. O barão amparava-os, porque as pernas de Bernardo vacillavam sob o phrenetico abraço de ambos.

Muitas lagrimas alli correram, e com ellas sahiu dos corações a alegria que os embriagava, momentos antes.

O facultativo da villa, e medicos de Lisboa rodearam o leito de Bernardo da Veiga. De mais longe ainda correram os parentes successores do vinculo, avisados por pessoa prevenida, e esses fitavam Isaura e o barão com ar de desconfiança. O doente, quando os viu, disse-lhes:

« Podeis recolher a vossas casas, meus sobrinhos, que não ha aqui quem vos usurpe uma rodilha da herança. Aquella é a minha Isaura, a quem deixo o coração; a vós lego-vos a terra; a que eu preciso são oito

palmos que não serão medidos em chão vosso. Deixai-me, pois; ide, e voltareis a erguer estes lençoes ainda quentes do meu cadaver.

Os sobrinhos vexados não ousaram responder. Sahiram de Cascaes para Cintra, esperando ahi a noticia do trespasse.

Entretanto a medicina dava esperanças ás perguntas afflictivas de Isaura; não as dava, porém, ao barão da Penha.

Subia de ponto a angustia d'este homem tendo de consolar a atribulada menina com a quasi certeza de que era infallivel a desgraça!

Bernardo conhecera a morte, desde a turbação de tristeza que o surprehendera. Aquellas compungidas saudades da vida converteram-se, depois, em aspirações para a eternidade. A mão da Providencia conduzira-lhe á cabeceira do leito o anjo da resignação: que a paciencia do enfermo é a certeza da morte. Os temores e os horrores do fim acabam quando a aurora do dia eterno luz os primeiros fulgores no semblante do justo em agonias. Esse esquecimento da vida, ainda aos mais amantes e favorecidos d'ella, é obra de Deus.

Sereno e conformado, quando as ancias acalmavam, Bernardo da Veiga conversava com sua sobrinha no termo proximo da longa existencia d'elle, promettendo-lhe guial-a em espirito, porque havia de pedir ao Senhor, pelos merecimentos d'ella, que o deixasse ser seu pai, até se reatarem, na eternidade, as almas separadas por fugitivos momentos.

Uma vez, chamando para ao pé de si e d'ella o barão da Penha, disse o enfermo:

« Snr. barão, eu entrego-lhe a minha Isaura, mas havemos de ser ambos os seus directores, em quanto os meus conselhos forem bem acertados para a ventura d'este anjo.

Isaura, suffocada por soluços, fugíra de ao pé do leito. Bernardo da Veiga, socegado e calmo, continuou:

« Eu andei esquecido de que havia de morrer. Nunca pensei maduramente para onde iria esta senhora, logo que eu fechasse os olhos. Tencionava, á hora da morte, chamar os meus herdeiros, e pedir-lhes uma mezada para a sustentação d'ella n'um convento. Agora, não o faço, que ella não precisa; e, se precisasse, parece-me que pediria essa esmola a um estranho, e esse estranho... seria o barão da Penha... Acertaria eu, meu amigo?

— Oh senhor! — murmurou o interlocutor, tomando-lhe a mão, e levando-a aos beiços.

« Não me enganava, bem o sei. Agora, o que lhe digo é que a dirija. Pediu-me um bocadinho do coração de Isaura, lembra-se? Não póde ser d'outro o coração d'essa creatura que o céo me emprestou. Se v. exc.ª fosse solteiro, dir-lhe-ia: « seja seu marido e pai. » Assim, seja o que póde ser, verdadeiro pai... case-a com seu filho... Verá... verá que leva á sua familia o condão da felicidade domestica, o anjo da paz, o conforto da sua velhice como o foi da minha... Responda-me alguma cousa, barão... Parece-lhe extravagante o meu pedido

— Extravagante, não; mas poderá meu filho fazer a felicidade de Isaura? Não sei, não o conheço, senão de dias; não o vi nascer, encontrei-o homem de vinte e cinco annos, e ignorava a sua existencia. Estudal-os-hei, examinarei as sensações d'ambos ao avisinhal-os, e, se meu filho fôr digno d'ella, será seu marido; e, se não fôr, ella continuará a ser minha filha.

« Não posso exigir mais nada, meu amigo. Entrego-lh'a desde já... Vá procural-a, que ella sahiu chorando. Anime-a, engane-a, e afaste-a d'este leito, quando vir que a ultima hora está perto.

O barão foi sublime em confortos. O enfermo respondia sempre:

« Conforte-a a ella... a mim não, que não preciso.

Recrudescia a molestia d'hora a hora. A medicina raras vezes tivera evasiva tão segura para desculpar-se: a doença eram oitenta e quatro annos; e o mais habil dos assistentes dizia que não mortificassem o enfermo com medicamentos inuteis.

Bernardo da Veiga pediu os Sacramentos, e recebeu-os com alegria e fervor. D'um quarto remoto sahiam, durante esse acto, gritos penetrantes. Era o gemer de Isaura, que, na vertigem da febre, se debatia entre os braços do barão, querendo correr ao quarto do moribundo.

Consummados os extremos soccorros da religião, Isaura entrou no quarto, encostada ao braço do barão. Ia serena. Foi ajoelhar-se ao pé do leito. O enfermo

abrira os olhos, vira Isaura, estendera-lhe a mão descarnada, e dissera:

« Estou bem; a morte só assusta os vivos. Não chores, filha... Vou agora; tu irás ámanhã.

E cerrou as palpebras, tingidas de roixo; cruzou as mãos sobre o seio, e murmurou palavras inintelligiveis.

Isaura orava. O barão fincára os cotovelos aos pés do leito, e escondera o rosto entre as mãos. Soou o toque das Ave-Marias. Bernardo da Veiga disse:

« O anjo do Senhor annunciou... »

O barão ergueu-se, ergueram-se-lhe tambem os cabellos em fervor religioso, e pôz as mãos. Isaura já não orava; cahíra com a face sobre a borda do leito, gemendo convulsamente. O moribundo pôz-lhe a mão no hombro, e inclinou a cabeça sobre o hombro esquerdo para contemplal-a.

Moveu os labios; mas a mudez da morte começára por elles, quando o coração fallava ainda.

O barão aproximou-se. Bernardo fitou-o com olhos torvos e quasi apagados já; d'elle, desceu-os sobre Isaura: era a derradeira expressão, a derradeira supplica, a favor d'ella. O barão comprehendeu-o, e disse, soluçando:

« Sim, sim. »

Ao longo da face direita do agonisante escorregava uma lagrima. Iam apagados n'ella os ultimos raios luminosos d'aquella vida. Houve um tremor de instantes no leito.

Entrava então o padre para ajudar a bem morrer quem vivera sempre bem.

— Não ha aqui um crucifixo? — disse elle com solemne espanto.

« Tem-o elle na alma — disse o barão.

O padre abriu o ritual, e principiou a recitar, sem unção nem magestade, palavras decoradas.

« Póde calar-se que elle já o não ouve — disse o barão.

Isaura ergueu-se d'um impeto, com as mãos travadas nos cabellos que lhe cahiam soltos sobre as espadoas, e, clamou:

— Levai-me tambem, meu Deus!

Ao cahir, como fulminada, receberam-na os braços do barão.

XVIII.

Amamos cousas boas, porém d'amor mal intencionado.
S. Agostinho.

É defeito e torpeza não saber amar.
S. João Chrysostomo.

O amor da formosura é um esquecimento da razão.
S. Jeronymo.

São santos de mão cheia os tres santos das epigraphes.

Não sei qual d'elles dá margem a discursar mais encomiasticamente do amor.

Eu creio em todos os santos e santas da côrte do céo, como todo o fiel catholico, desde o bispo de Roma até ao sacristão da minha freguezia; mas, se não ha heresia n'isto, direi que, nas legiões luminosas das almas bemaventuradas, sobreluzem-me os tres santos que citei com mais devoção, e com mais critica, se me toleram a immodestia, que um pregador alfarrabista,

O dito de Santo Agostinho é de um homem experimentado, antes de ser santo. As CONFISSÕES do bispo de Hiponna são livro classico em cousas do coração humano. Este santo, e o diabolico João Jacques Rousseau são os meus praxistas de maior conta, no secreto da alma. *Amamos cousas boas, porém d'amor mal intencionado.* O santo reprova a intenção ruim do amor; mas ás cousas amaveis chama elle boas. O intento maligno, porém, não apouca o valor do objecto amado: saber amar com pureza d'alma o que as intenções impuras damnam e abaixam, é o amor encomiado por Santo Agostinho. Atido a opinião tão grada, eu, humilimo peccador, afouto-me a dizer que o amor das poucas cousas boas d'este mundo é o supremo attributo da racionalidade.

Mas... *o amor da formosura é um esquecimento da razão,* diz S. Jeronymo.

Aqui é que eu queria vêr como os dous doutores da igreja se avinham! As *cousas boas* de Santo Agostinho são precisamente a *formosura* de S. Jeronymo, por que, n'este planeta, cousa boa ha uma só: é a formosura. Ora, meu devoto padre S. Jeronymo, se o amor da formosura tolhe as faculdades intellectuaes, este mundo é um hospital de doudos, e eu pendia ha muito para têl-o n'essa conta, sem poder de golpe apontar a causa d'esta universal demencia em que doudejamos todos.

Valha-nos, porém, no ultimo juizo, a desculpa que nos tribunaes da terra absolve os loucos, irresponsaveis de acções onde o arbitrio não governa. E, se a humanidade fôr indeferida sem a justificação de loucura, res-

ta-lhe ainda o patronato de S. João Chrysostomo, que disse: *É defeito e torpeza não saber amar.*

Isto é que é ser santo em Deus sem desatar os liames que mutuam as affeições humanas. Não se ala a mais alto engrandecimento o panegyrico do amor! Defeituoso e torpe é o que não sabe amar; o mesmo é dizer aleijado e asqueroso o coração que não ama. Fica sendo S. João Chrysostomo o meu santo particular; respeito muito mas não adopto a doutrina de S. Jeronymo; e, finalmente, faço votos por que as intenções amorosas dos meus leitores sejam sempre honestas e limpas como as approva Santo Agostinho, admirador das cousas boas.

Limpas e honestas eram as intenções de Roberto Soares...

Quaes intenções de Roberto Soares? — pergunta o judicioso leitor, franzindo o sobr'olho, onde eu descubro gosto, e não vulgar intelligencia de romances bons. É justa a zanga, e não me hei-de queixar se a mão que folhea este livro o lançar de si com enjoamento. Eu faço isso a muitos livros, e n'esse ponto, sou horaciano puro:

... hanc veniam petimusque damusque vicissim,

mormente, se embico em citações latinas, e outras que taes mexurufadas de erudição, que esfriam o anceio de lêr a novella, sem paragens enfadonhas.

Isso é assim; vou emendar-me, e pedir aos tres santos, a cujo respeito discorri mirificas observações, me alcancem a indulgencia de que se faz credora a mi-

nha humildade, e a attenção que pedem os escriptos d'esta marca.

Ora, pois.

Decorridos oito dias, após o trespasse de Bernardo da Veiga, sahiram de Cascaes para Lisboa o barão da Penha e Isaura. Esse espaço fôra preciso á inconsolavel senhora para se refazer de animo, a cada instante quebrantado por desmaios, torrentes de lagrimas, e exclamações. Estas eram umas vezes maviosas como se o espirito do finado amigo lh'as animasse com promessas de voltar ao mundo; outras vezes, enfurecidas como se o anjo impio do desespero lhe coasse na alma as furias da descrença n'outra vida melhor.

Muito póde então a palavra paternal do barão, cujo alto espirito se envidava em tudo que era conforto de unção religiosa, por que os gelos da paciencia philosophica azedariam mais a saudade da singela menina.

Isaura apeou á porta de uma familia distincta de Lisboa, já prevenida para recebel-a. Rodearam-na quatro meninas, e a mãi d'estas; quizeram enxugar-lhe as lagrimas com mil carinhos estereis, e cuidaram em divertir-lhe o espirito do doloroso recolhimento.

Isaura, a cada instante, perguntava pelo barão; ao longinquo rumor de passos soffreava o respiro para escutar.

« Será elle? — perguntava ella ás senhoras com infantil candura — Por quem são, mandem-n'o chamar; façam-me este bem — continuava ella, desenganada da sua esperança.

O barão viera algumas horas depois, e disse a Isaura:

— Está tudo prompto; quando a menina quizer entrar no convento...

« Hoje, se o meu amigo quizer.

— Já hoje?! — exclamaram as senhoras.

— Pediu-me ella esta pressa — disse o barão — e eu não lhe recuso o que lhe julgo necessario. Esta menina — proseguiu elle de modo que o não ouvisse Isaura — não cede a consolações ordinarias; precisa consolar-se sósinha á custa de consumir a saudade em lagrimas; é profundamente religiosa, e o convento dar-lhe-ha o remanso da oração, que é o desafogar-se mais grato da alma.

Alguma das maravilhadas senhoras disse, lá no seu illustrado interior, que Isaura era idiota. Outra notou-lhe grosseria, e um como despreso pelos carinhos que lhe fizeram. Outra, mordida em chaga aberta por ciume, dizia ás irmãs que o barão a recolhia no convento para a esconder dos rivaes menores de cincoenta annos. A mãi d'estas virgens, virgem tambem, penso eu, para todas serem virgens, dizia que havia de informar-se da natureza das relações que ligavam o barão á dolorida menina; e, se as informações fossem desairosas, havia dizer-lhe a elle que a sua casa não hospedava virtudes equivocas. Respeitavel familia a todos os respeitos!

Recolhida ao convento Isaura, e confiada ao amor sem denguices da veneranda prelada, o barão da Penha entrou nos « Irmãos Unidos » onde era esperado, havia dez dias, de Roberto Soares.

O filho de Leonor queria dar miudas contas do que fizera em bem de sua familia, e, obedecendo ás instancias dos seus, tentára em vão beijar as mãos do bemfeitor.

O barão ouviu-o com semblante alegre. Interessavam-no as miudezas d'aquella metamorphose. Queria saber se os medicos julgavam curavel a paralysia de Leonor. Se o cego tio de Soares queria ir a França consultar os oculistas celebres. Se Helena era uma amiga bem extremosa da irmã. Se a alegria entrára com a abundancia no coração desopprimido de todos. Se Leonor estava anciosa por vêr o homem que tivera o prazer de beneficial-a.

Estas horas de expansão e contentamento correram ligeiras.

O aspecto do barão demudou-se em triste e contemplativo. Estranhou-o Roberto Soares, que nunca assim o víra.

— Está soffrendo, snr. barão? — disse o filho de Leonor no tom verdadeiro da amisade.

« Estou soffrendo, sim... Eu soffro agora, e logo, e sempre.

— Com motivo?

« Sim, com motivo; eu não soffro de imaginação, snr. Soares... Tem pena de mim?

— Tenho pena de mim, por não poder dar-lhe allivio...

« Obrigado, meu amigo; o allivio dos meus pesares depende de mim só. É preciso depurar este coração de

muito veneno que lá ha; ha-de-me ser muito dolorosa a cura, mas tenho animo bastante para tental-a.

Já que estamos em assumptos tristes — proseguiu o barão — dir-lhe-hei que tenho uma filha adoptiva.

— Uma filha adoptiva?! Deve ser um anjo, e um anjo sem risco n'este mundo, com protecção tão efficaz.

« Foi-me legada por um amigo a cuja morte assisti em Cascaes; este recebera-a d'uma desgraçada que lhe morreu em casa; sem ter pai, a orphāsinha mereceu dous paes á Providencia. Trouxe-a commigo, e fil-a entrar n'um convento. Ámanhã vou vêl-a, e Roberto, se quer conhecer a minha filha, irá commigo. Verá que não errou o palpite, denominando-a anjo. Anjos chamam os senhores poetas a todas as mulheres; o meu amigo me dirá depois que nome a estafada musa ha-de inventar para a minha Isaura.

— Chama-se Isaura?

« É um nome oriental, não é?

— Não é vulgar.

« Aposto eu que a sua imaginação está namorada do nome?

— Estou-a amando, não de phantasia, mas de coração, meu amigo, e meu pai... deixe-me tambem dar-lhe este nome, por que minha mãi me rogou muito que o chamasse meu pai, e a v. exc.ª supplicou a graça de me aceitar como filho... Estou amando Isaura, dizia eu, como amaria uma filha do bemfeitor da minha familia. Não posso pintar-lhe com outras palavras a affeição que sinto a essa menina, que mereceu a sua estima.

O barão apertou ao seio Roberto Soares, e disse:

« Pois sim, sejam ambos meus filhos, já que nenhum póde proferir o nome do verdadeiro pai. Faz-me dó a situação de ambos! Ella, se a caridade lhe não désse um pai, poderia lembrar-se do que a natureza lhe dera como de um progenitor do seu infortunio; o snr. Roberto, se se recorda de seu pai, deve sentir o calor da vergonha na face.

—Não sinto, snr. barão — disse Soares com altivez.

« Não sente!? Esse orgulho é cynico! Pois seu pai não foi um d'esses homens que a sociedade repelle de si?

—Já contei a historia de meu pai a v. exc.ª A sociedade foi quem o perdeu, quem o convidou á infamia, para o repellir depois. Meu pai não foi mau, foi desgraçado. A justiça condemnou-o, elle foi cumprir sentença; creio, senhor, que se elle viesse hoje á patria, teria nojo de apertar a mão a alguns poderosos e nobres que não foram ainda, nem já agora irão, cumprir vinte annos de trabalhos para os presidios de Africa. Perdôe-me v. exc.ª o azedume d'estas palavras... O snr. barão, sem querer, rasgou uma ferida que os meus proprios inimigos tem respeitado.

O barão lançou-se impetuosamente aos braços de Roberto Soares, exclamando com as lagrimas duas a duas na face:

« Perdôe-me, que eu amo-o como se fosse meu filho, e um pai tem liberdades que um bom filho perdôa.

A delonga de semelhante situação destruiria os planos de Constantino de Abreu e Lima. Por mais de uma vez, conteve elle o grito do coração que se convertia nos labios em palavras de ternura. O barão, receiando succumbir, pretextou a necessidade de descanço, pactuando a visita a Isaura, no dia seguinte.

Lembremo-nos de que a filha adoptiva de Bernardo da Veiga não sabia que o barão da Penha tinha um filho. O velho ouvíra a revelação fugitiva do hospede; mas guardou-a em si, para não despertar a curiosidade de Isaura, a quem essa revelação faria pensar cousas inconvenientes á sua innocencia. O que se dissera á cabeceira do leito do enfermo, ácerca da perspectiva d'um casamento, ignorava-o ella, e, ignorando-o, entrou no mosteiro. Viu depois, um moço de agradavel figura ao pé do barão, que o denominava seu filho adoptivo, e lh'o offerecia como irmão. Respondeu com o rubor, e o sorriso mavioso da sympathia.

Animada com a familiaridade de algumas horas, perguntou-lhe por que não fôra visitar o seu amigo a Cascaes, e ao barão por que não fallava n'aquelle seu amigo. As innocentes perguntas enleavam a astucia do titular, e faziam-no soccorrer-se de evasivas que davam muito que scismar a Isaura.

Mas esse muito scismar seria todo nas evasivas do barão?

É o que vai inferir-se do seguinte capitulo, com tanto que o leitor não olvide o que diz S. Chrysostomo, S. Jeronymo, e S. Agostinho ácerca do amor.

Assim, pois, me ajudem os tres bemaventurados pilares da eterna verdade a sahir-me com luzimento de tão aspera tarefa, qual é esboçar amores dos que trazem do céo predestinação. Se as reminiscencias me não valem do que ouvi e vi d'esta affeição, receio bem ser mais um voluntario bode expiatorio da catacumba de Nicolau Tolentino, em cujo retabulo da ara se lêem dous versos, terriveis como os celebrados do Dante na porta do inferno. São estes os versos:

Amor não póde imitar-se;
Só o pinta quem o sente.

XIX.

... Un homme ne peut presque rien dire de sensé sur ce qui se passe au fond du cœur d'une femme tendre.

De Stendhal. (*Physiologie de l'amour.*)

O barão dissera um dia a Isaura:

« Eu tenho occupações que me não deixam visital-a todos os dias; mas não quero nem posso privar-me das suas noticias de manhã e de tarde. De manhã escreva-me um bilhetinho, de tarde mandarei eu saber da menina pelo nosso amigo Roberto. Esteja com elle como estaria com um seu irmão; conversem, e sejam muito amigos, por que eu quero que o sejam.

— Eu sou muito amiga d'elle... — disse Isaura, com mais singelesa do que fazia presumir o rubor da face.

*

« Conhece-o ha tres dias, apenas; é cedo para ser muito amiga d'elle.

— Pois sou.

« Muito amiga? — tornou, risonho, o barão, purpuriando mais a face da silenciosa menina — Paga o sentimento que inspirou a Roberto. Parece-me que o nosso amigo Bernardo da Veiga approvaria a estima que lhe merece o honrado moço.

— Bastava ser v. exc.ª tão amigo d'elle, que lhe chama « filho »... Elle fallava hontem com tanto amor de sua mãi, que me fez chorar... Deve fazer tão bem ao coração poder-se proferir a palavra mãi com os labios chegados á face d'ella!... Eu sou mais infeliz do que elle... Tenho chorado tanto, e cada vez me sinto mais sósinha n'este mundo... Depois que v. exc.ª me deixou é que eu me convenci que perdera tudo... e, agora, diz-me que não póde aqui vir todos os dias...

« Pois se a minha falta lhe é tão penosa, virei todos os dias — atalhou o barão, compungido.

— Venha, venha, que eu passo horas amarguradas aqui. Rezo muito, mas soffro tambem muito; não posso já rezar com devoção... Antes me queria em Cascaes para andar pelos sitios onde fui tão feliz, e onde meu pai me levava; lá talvez que a minha saudade seja mais suave... talvez, snr. barão.

« Isso é uma chimera, minha filha. Lá é que a saudade passaria a desesperação. A sua demora n'este convento ha-de ser curta; não póde assim continuar a sua existencia por muito tempo. Eu cuido constantemente

em planisar-lhe futuro. Entregue-se, com resignação, á esperança de que a sua felicidade não podia limitar-se aos tempos cuja lembrança a faz chorar. Ha uma felicidade na infancia, diversa da que hoje a sua idade necessita. O coração virtuoso encontra-a em todas as idades. Isaura vem a ser venturosa; e, se o não é já em quanto a saudade do nosso chorado amigo lhe dóe, verá que a Providencia lhe ha-de reflorir o coração com primaveras novas de alegrias e delicias puras. Esse grande amor que teve ao seu protector precisará convertel-o n'outro ente. Ha-de sentir sensações novas; ha-de sentir-se reviver para compartir da felicidade que der a outro; ha-de, em fim, minha filha, ser muito ditosa ao pé de mim, e eu muito ditoso por lhe poder dizer, se chegar á idade de Bernardo da Veiga, que o sustentaculo da minha decrepitude é o amor da minha filha.

O barão deixou Isaura absorvida na comprehensão d'essas idéas que fugiam á intelligencia d'ella. O coração queria explicar-lh'as; a razão, porém, não entendia o estranho interprete, que, pela primeira vez, lhe fallava uma linguagem vaga, desordenada, e tal que a enleava e confundia muito. N'essa consulta, ao mais interno recesso da alma, maravilha-se Isaura de vêr, n'um relancear dos olhos intimos, a imagem d'alguem relampagueando na escuridade das suas idéas. Esse alguem era um homem, conhecido de tres dias, um rosto melancolico, d'olhos ardentes e sorriso meigo, de um dizer consolador para as saudades d'ella, e vagamente prophetico de esperanças que ella não descortinava. Roberto Soares, em fim.

o filho adoptivo do homem que lhe dera, mais d'uma vez, o nome de filha.

Os extasis scismadores voejavam em redor d'aquelle coração de vinte e cinco annos, tão tarde acordado. Á maneira da pastorinha que despertou, dia alto, entre as flôres da esteva, e, abrindo os olhos, não pôde soffrer o dardejar do sol perpendicular, assim Isaura, acordada para o amor, quando o coração já tinha em si a seiva das paixões da adolescencia, confrangia-se á nova sensação que a deslumbrava, e, com a mão no seio, parecia querer aquietar os impetos do coração.

O vago, o ideal, o indefinivel, porém, sob figurações formosas e donosissimas, trouxeram-na contemplativa todo aquelle dia, sedenta de conhecer-se, de explicar-se a si propria o que era aquelle anceio, aquelle abatimento de alma, que fallece, á mingua de animar-se d'outra alma.

Assim abstrahida, foi chamada ao locutorio, onde a esperava alguem. Deram-lhe um bilhete de Roberto Soares, e a mão, que o aceitou, tremia, e este tremor vibrou-lhe os nervos mais delicados, até ao coração, onde ella sentiu alumiar-se instantaneamente a escuridade mysteriosa dos tantos enigmas que a desvairavam.

Poderia ella não ir ao locutorio, sem ficar mal conceituada, n'esse ensejo? Era a pergunta que ella se fazia. Travou-se guerra entre o espirito, que teme, e o coração, que incita — dualidade antagonista de fraqueza e coragem, de cujo triumpho alternativo impende a

bemaventurança ou o purgatorio das almas innocentes, nos primeiros amores.

Isaura não sabia mentir.

Foi.

Roberto Soares foi conduzido a uma grade; achou-se sósinho com Isaura: era a primeira vez.

Receioso do que aconteceu, levava de fóra combinados na memoria os assumptos e as palavras com que devia entretel-a, até que a familiaridade o animasse ao improviso. Baldou-se o trabalho. Um comprimento vulgar, e mais nada! Para estas situações, felizmente, nunca ha testemunhas. Um terceiro, se não tivesse a caridade de chamar á peripheria a vida concentrada no coração de dous amantes bisonhos, mataria com o riso o amor na sua mais angelica phase.

Roberto Soares não podia chamar-se amante bisonho: contra essa calumnia protestaria D. Cecilia, e outras com igual condão de incutirem o atrevimento nas organisações mais sôrnas.

É que o noviciado do amor póde estender-se até á velhice, quando o coração lá chega com uma porção incontaminada. Se sabeis, por experiencia, alguma cousa do vosso coração, dispensaes-me de explicar o que se não explica, a timidez do homem de vinte e seis annos, descrido e despoetisado, como elle se dizia, audacioso e até grosseiro na presença de mulheres que outros incensavam com os aromas da pura mysticidade no amor. Se de intimo senso não sabeis d'isto nada, leões mansos que me lêdes, pedi ao vosso anjo bom, se vos elle ainda

não deixou em liberdade e ás moscas, que vos depare uma Isaura, e achareis que S. Jeronymo não era de todo paradoxal quando disse que « o amor da formosura era um esquecimento da razão. »

O que o poeta e a secular de Santa Anna disseram não merece chronica. Creio que se desejavam longe um do outro como se mutuamente se anojassem: esta vida está cheia de paradoxos assim.

O que merece a pena saber-se é o dialogo do barão da Penha e Roberto Soares na noite d'esse dia.

« Então, conte-me cá, de que fallaram? — perguntou o barão.

— Estava triste, e pouco me disse.

« Mas Roberto devia distrahil-a.

— Desejei-o; mas eu não sei o que se ha-de dizer a uma senhora educada como ella foi. Se eu fallar em cousas de sociedade, isto deve ser aborrecido a quem não sabe nem quer saber as pequenas cousas, que só são grandes para quem precisa engrandecel-as, ou então confessar que é tão insignificante como ellas. Perguntei-lhe pelos costumes do convento, e ella respondeu-me que vivia tão sósinha comsigo que mal sabia o que se passava n'aquella casa. Fallei-lhe no seu viver de Cascaes; mas arrependi-me d'isso, porque a fiz chorar.

« Eu cuidei — atalhou o barão — que um rapaz de espirito, como Roberto Soares, poderia entreter uma senhora como D. Isaura, sem lhe fallar nas miserias da sociedade, nem fazel-a chorar com recordações de Cascaes. Isaura, se me não illude o muito que lhe quero,

é uma menina que ha-de inspirar a eloquencia dos corações bem formados. Eu, por exemplo, na minha mocidade, se encontrasse uma mulher assim, sentir-me-ia soccorrido de idéas grandes, mostrar-lhe-ia a minha admiração sobrepondo-a a tudo que o mundo espiritual tem de mais formoso em graças e virtudes. É preciso que o meu amigo lhe não encontre estes attractivos para ser ao pé d'ella um homem vulgar. Não era isso o que eu tinha inferido da opinião que me deu de Isaura. Roberto disse-me que tinha assim visto, muitas vezes, uma mulher nos seus sonhos; que tinha amado, ou julgára amar algumas que rastreavam em semelhança aquelle typo completo das suas figurações de poeta. Induzido pelo seu enthusiasmo de hontem, cuidei que o meu amigo vinha hoje pedir-me perdão de não ter podido suster os diques á irrupção dos galanteios...

O barão acompanhára o seu arrasoado com um riso de fina graça; Roberto, porém, ouvíra-o melancolico ou abstrahido.

Após instantes de silencio, o filho de Leonor respondeu assim:

— Dá-me v. exc.ª a permissão da franqueza?

« Que duvida!

— Quando v. exc.ª me disser que eu posso, do raso da minha humildade, levantar os olhos para a filha adoptiva do meu bemfeitor...

« Que faz?

— Farei o que não ousaria fazer jámais. Direi a v. exc.ª que amo Isaura, que é este o primeiro amor que

sinto nobre, e grande, capaz de me habilitar para quantas virtudes devem ser o dote do homem que a mereça.

« Bem: isso é o que Roberto me diria a mim; ora, a ella que diria?

— A ella? Se fosse rica, não diria uma só palavra. Se fosse pobre, pedir-lhe-ia que me fizesse digno d'ella, dando-me estimulos para o trabalho, e para o contentamento na mediocridade.

« Pois não sabe que ella é pobre?

— Não sabia.

« Não lhe disse eu que Isaura era filha d'uma desgraçada mulher que morreu em casa de Bernardo da Veiga?

— Não deduzi d'essa circumstancia a pobreza de Isaura; nem da pobreza deduzo ainda que seja do agrado de v. exc.ª conceber eu a esperança de a fazer minha mulher.

« Conceba, e execute-a.

— V. exc.ª é tão meu amigo que não zombaria assim de mim! — disse com vehemente jubilo Roberto Soares, abraçando o barão.

« Creio que a ama — tornou o barão — E se Isaura fosse rica?

— Se fosse rica, a minha esperança morria. O orgulho, se não matasse, abafaria a este amor a liberdade da expressão. V. exc.ª já me disse que Isaura era pobre.

« Pobre ou rica, attenda-me: concedo-lhe que se declare; sonde melindrosamente o coração de Isaura; se

se encontrar lá, não lhe dê esperança d'um futuro que não seja capaz de realisar. No dia em que ella lhe disser que o ama, Roberto Soares é o esposo de Isaura.

A alegria embrutece. O poeta correu então parelhas com o idiota. Mais um triumpho para S. Ambrosio, que, bem averiguado, é o maior physilogista dos meus tres santos dilectos.

XX.

Ecce etirum Crispinus, et est mihisæpe vocandus.
JUVENAL. (*Satyra IV.*)

Entre as instrucções que o barão da Penha deixára ao seu agente Farinho, quando foi para Cascaes, havia esta: « Se o prenderem, não resista, nem se defenda judicialmente: diga que é effectivamente Constantino de Abreu e Lima, confesse que fugiu de Cabo-Verde, e não me escreva que eu o soltarei. » E ajuntava: « Não repita as scenas comicas do encontro, e da carta mandada pelo gallego. » Referia-se aos successos burlescos exarados no capitulo XV. D'onde se infere que o negociante fallido abusava de poderes, atenazando o visconde de

Villa-Secca, embora a logração fosse um primor de velhacaria. A traça vingativa do barão não se acommodava com dar o visconde em espectaculo de mofa. Vingam-se com o ridiculo as aversões de capricho, as invejas corrosivas, os odios não inveterados; mas o rancor das almas graves, quando a religião o não desentranha, anceia a vingança mais que homicida, a morte moral do inimigo. O barão da Penha odiava assim.

Se elle quizesse provar em juizo que o visconde de Villa-Secca era um ladrão, seria convencido de calumniador, e ficaria sotoposto á misericordia do inimigo. Se o apunhalasse em sua propria casa, teria matado um corpo, e deixaria aos necrologistas a liberdade de dizerem que morrera um homem de bem.

Que vingança, pois, desenhava o barão? Se um golpe da Providencia, que tantas vezes faz correr o sangue da expiação aqui, onde o criminoso ri sob a mascara — se esse golpe não ferir o visconde, abrindo brecha á peçonha mortifera que o barão lhe quer vasar no credito, como orgão principal da vida do ricaço: se essa ajuda sobrenatural não vier, que desforço imaginaes vós possa tirar o filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima do criado que lhe roubou o seu patrimonio?

Deixo ao conjecturar pachorrento de cada qual prever o desfecho da historia, e reservo-me a opportunidade de responder ás hypotheses, que é o que legisla Aristoteles, creio eu, no capitulo « peripecias. »

Vamos vêr que ruins figados tinha Antonio José, e

os trabalhos em que se viu enliçada a sympathica personagem do snr. Bento Pereira Farinho.

O visconde cumpríra o que se promettera n'aquella hora afflicta em que o deixou a petulante carta. Foi fallar ao ministro do reino, e, de commovido que ia, lagrimejou, pedindo protecção ás leis do reino contra o desaforamento d'um ladrão, que o ameaçava em sua propria casa.

O ministro afervorou o zelo do governador civil, e as authoridades subalternas assolaram quantos beleguins e espiões podiam expedir na importante prisão.

Bento Farinho apeava do omnibus que o conduzia de Cintra, na volta de Cascaes, e viu o visconde de Villa-Secca. Procurou evadir-se aos reparos d'elle, e poucos passos dera ao retirar-se da estação, quando um homem desconhecido lhe disse:

— Tenha a bondade de me acompanhar á administração.

« Que me quer o senhor? Veja se se engana commigo...

— Não engano, não senhor. Siga-me, quando não peço força á guarda do arsenal.

« Não carece d'isso: ande lá, que eu sigo-o.

Farinho foi interrogado. A respeito de nome, disse chamar-se Constantino de Abreu e Lima; profissão, negociante no imperio do Brazil. D'alli foi conduzido ao governador civil. Respondeu com o mesmo denodo; e, perguntado se fugíra do degredo onde cumpria sentença, disse desassombradamente que sim.

Interrogado por ultimo, na policia criminal, foi enviado ao Limoeiro, a requerimento do ministerio publico.

Farinho morreria sem proferir uma palavra de defeza, para obedecer ao barão da Penha. Este, apenas chegou a Lisboa com Isaura, soube da prisão, e visitou na cadêa o seu docil instrumento. Encareceu-lhe o sacrificio de se deixar prender, e prometteu provar-lhe que não seria desmentida a confiança que depositára n'elle.

O visconde, entretanto, apressava o desfecho ao processo crime que o ministerio publico instaurára contra o falsificador de firmas. Da Relação do Porto fôra enviada publica-fórma da sentença que o condemnára, e do cartorio respectivo de Cabo-Verde esperava-se cópia do instrumento lavrado por occasião da fuga.

O barão da Penha procurára o visconde. Conhecendo que era recebido com despeito e grosseria, affectou desentendimento.

« Soube hontem — disse elle com affabilidade e respeito — que estava preso Constantino.

— É verdade; podéra não! Tenho-o nas unhas — disse o visconde, curvando os dedos reintrantes como garras.

« Hoje recebi carta d'elle, pedindo-me a esmola d'uma entrevista, e...

— A apostar que o senhor foi lá!

« Fui.

— Mande-o ao diabo! isso é um tratante de marca de anzol... queria-me roubar... o maroto!

« Roubar!

— Pois então! o senhor não ouviu o que elle me disse nas proprias bochechas?!

« Ouvi; mas v. exc.ª não receia que elle repita as... as aleivosias que lhe disse n'um tribunal?

— Agora receio! que me prove o que disse... quero provas, e, se não provar, hei-de leval-o a uma forca.

« Provar é impossivel. V. exc.ª tem a opinião publica a seu favor.

— Justamente, a opinião publica é que ha-de decidir.

« Já decidiu. V. exc.ª é um honrado capitalista, houve o que possue com o seu genio emprehendedor e trabalho de vinte e seis annos; não ha um só documento que faça vacillar a opinião publica ácerca da probidade e lisura dos seus cabedaes.

— Ora ahi está! e vem cá o troca-tintas lá do inferno pedir-me o dinheiro do pai! Arre com elle, que hade ir acabar de cumprir a sentença ás Pedras Negras, ou eu não hei-de ser Antonio!

« Attenda-me, snr. visconde. V. exc.ª tem pura a sua consciencia?

— Tenho.

« Não roubou o patrimonio de Constantino de Abreu e Lima?

— Que diabo de pergunta é essa? Eu nunca roubei um ceitil a ninguem.

« Pois bem: a pureza da sua consciencia, com a justiça que a opinião publica lhe faz, devem aconselhal-o a ter compaixão d'um homem desesperado ou demente

que o calumnia. V. exc.ª aos titulos de nobreza, que tem, ajunta o mais valioso de todos, se perdoar a Constantino de Abreu e Lima, ao filho do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima, em cuja casa v. exc.ª comeu o pão da sua mocidade durante dez annos.

— Se comi o pão, trabalhava; não quero saber de contos, snr. barão; não me venha cá com lamurias, e endróminas, que eu estou cheio até aqui — replicou o visconde, mettendo o dedo indicador pela bôca dentro até ás fauces.

« O homem faz dó! — tornou serena e compassivamente o barão — Está arrependido. Quer vir pedir perdão a v. exc.ª, e desdizer-se diante de mim das arguições injuriosas que lhe fez. Promette nunca mais o inquietar. Retira-se immediatamente de Lisboa, e vai procurar o amparo d'uns parentes que tem no Minho. Que lucra v. exc.ª com fazer tornar Constantino, velho e quebrantado, para os trabalhos?! Lembre-se de o ter criado ao collo, de o ter visto criancinha nos seus braços, de o ter talvez amado como se ama a innocencia. Já lhe não digo que o favoreça com os sobejos da sua mesa; isso seria supplicar muito; peço-lhe, apenas, que lhe conceda a liberdade, que não instingue os rigores da justiça, que o deixe ir morrer descançado sobre umas palhas, abençoando o seu nome por que o resgatou da morte certa do desterro, podendo perdel-o. Parece-me, snr. visconde, que o seu coração vai responder-me generosamente.

— Isso não é commigo, é lá com a justiça; eu não

lhe sou parte; o que posso fazer é não me metter em mais nada, se o snr. barão fica por elle.

« Fico por elle; mas é necessario que v. exc.ª vá directamente mandar sustar o processo.

— Isso não, tenha paciencia. Haviam de cuidar que eu tinha medo ás calumnias d'esse pinga! Nada feito; a cousa ha-de andar para diante; quero andar com o meu rosto descoberto, e não admitto ninho atraz das orelhas: é o que é, e está arrumada a pendencia.

« Quer dizer que o persegue, não é assim?

— Já disse... a justiça ha-de andar direitinha; os ladrões mandam-se pela barra fóra... E sabe que mais, snr. barão? V. exc.ª se tivesse mais aquella de saber respeitar a nossa classe, não consentia que esse patife lhe fallasse, nem vinha cá pedir por elle como quem pede por uma pessoa de bem. Ora queira Deus que elle lh'a não pespegue na menina do olho... Lembre-se que elle d'antes roubava firmas, e nunca de mouro bom christão.

A estas ultimas palavras, os cabellos do barão da Penha tremiam eriçados. Os braços, até alli descahidos, fizeram convulsivamente uma curva, e os punhos cerrados estalavam como se entre os dedos lascassem corpos estranhos sob a violencia da pressão. Nos olhos lampejavam-lhe chammas, e d'este fogo que lhe crepitava de dentro vinham labaredas cristar-lhe os beiços. Dera um passo para o visconde, e o visconde recuára outro: era o instincto da vida que o movia como automato, não eram as contorsões do hospede que o assustavam.

Supremo esforço de poder sobre si proprio exerceu o barão! Foi de instantes aquella vertigem de raiva. Levou as mãos aos cabellos, e coçou a cabeça com phrenesi por longo tempo. Esfregava os olhos, e cravava os dentes no beiço inferior, dilatando as maçãs do rosto, que premia entre as mãos, querendo esconder a transfiguração do semblante.

O visconde ia reparando n'estes movimentos, sem ligar-lhe a mais remota suspeita da verdade.

« Terrivel dòr de cabeça! — murmurou o barão.

— Lá me parecia que o senhor não estava bom — disse o visconde na boa fé da sua prodigiosa estupidez — Quer ir tomar alguma cousa? Sem ceremonia; manda-se fazer uma gotta de chá, ou café...

« Obrigado, snr. visconde... Eu retiro-me, e recebo as suas ordens.

— Pois meu amigo, n'esse caso sinto muito não poder servil-o; mas ponha-se o senhor no meu lugar...

« Não fallemos mais d'isso. A justiça que faça o seu dever. Snr. visconde, adeus.

O barão da Penha parou no pateo, antes de sahir. Limpou o suor que lhe corria da fronte. Cravou os olhos apavorados na pedra sobre que tinha os pés, e disse de modo que o poderia ouvir quem estivesse no pateo:

« Eu precisava d'isto... »

*

XXI.

On incorpore la cholere en la cachant comme Diogenes dict à Demosthenes, lequel de peur d'estre apperceu dans une taverne se reculoit au dedans : « Tant plus tu te recules arriere tant plus tu y entres. »

M. DE MONTAIGNE (*Essais.*)

Estou indeciso se darei aqui uma indigesta estopada ao leitor, historiando-lhe a revolução miliciana de 1851. Se eu soubesse que a posteridade me indemnisava das pragas dos contemporaneos, arcava com o tedio da minha geração. E eu creio que as porvindouras eras viriam aqui beber as aguas puras da historia coeva, enojadas dos enxurros em que vai alagado o jornalismo.

De hoje a cem annos, que documentos contemporaneos elucidarão o historiador? A gazeta de certo, não; a legislação, menos; o drama e o romance sociaes algu-

ma cousa, em quanto os costumes se alliam ás instituições civis; mas a politica propriamente dita, tacanha e suja como a fazem, essa, só o romance, embora salôbro e fastiento, a póde transmittir aos evos com tal qual cunho de verdade.

É, por isso, que me não sei bem decidir se o contar aqui a parte comica, ao menos, da nossa ultima revolução regeneratriz, seria legado que o seculo XXI me tomaria em desconto de muita frivola miuçalha do mundo-patarata, deixadas ahi para attestar a passagem d'um homem, que teve o infortunio de nascer cem annos antes.

A nesga politica vinha a pêlo, encabeçada na historia da influencia que o barão da Penha grangeou sobre o ministerio moribundo.

A despeito de ambições de gloria, pouparei o publico. Aqui lhe faço o sacrificio de rasgar vinte tiras, onde, exhauridos os heroismos, descia a explicar-lhe como se póde ser, n'esta terra, Coriollano e Fabricio, furando a atmosphera com dez grosas de foguetes de lagrimas, e apresentando ás assembleas tribunicias o « deve-e-ha-de-haver » das girandolas, para deshonra do fogueteiro agiota.

. . . .

Ó liberdade da imprensa! santa te chamam alguns devotos, e eu adoro-te como martyr, infernada n'este potro dos teus supplicios, chamado *conveniencias sociaes!* Para que vim eu ao mundo antes da hora do teu resgate, se a Providencia me não deu isenção e valor

para te salvar dos enxovalhos que recebes no atrio dos barões, por onde alcaiotes torpes te arrastam, ó «liberdade» da imprensa!

Ó deusa esfarrapada que... Leva rumor! Vamos ao conto.

O barão da Penha, como vimos, sahiu de casa do visconde com o sangue convertido em fel.

Entrou no gabinete d'um ministro, e demorou-se ahi uma hora. Sahiu sombrio como entrára; mas lá no interno havia motivo para desanuviar-se.

A publica-fórma do processo em que Constantino de Abreu e Lima fòra sentenciado vinte e seis annos antes, entrou, n'esse dia, em casa do ministro. Seis dias depois o processo original entrára tambem, e sahia d'um fogão em faulas, que o barão da Penha sacudia de si com as pontas dos dedos. Ao oitavo dia o ministerio-publico respondia que não se provavam as suspeitas, e respondia ás instancias do visconde que fosse elle parte na accusação. O visconde excedeu os limites da prudencia no gabinete do ministro, e despediram-no como quem despedia o antigo Antonio José. Ao mesmo tempo lavrava-se ordem de soltura para Constantino de Abreu e Lima.

Ainda ha materia para maiores assombros. O chefe do estado agraciava Constantino de Abreu e Lima com o perdão da pena comminada pela Relação do Porto. Esta graça foi passada da mão do ministro para a do barão da Penha; mas o que da mão do barão da Penha passou para a do ministro, infere-se de duas palavras, que elle soltou, ao rodar a chave d'uma gaveta:

« Cara vingança! »

E o visconde de Villa-Secca? Experimentou o quarto ataque de gotta, e deu serios cuidados a Maria do Rosario. Visitaram-no os numerosos amigos, e o barão da Penha entre elles. Nenhum se informava mais a miudo das melhoras do visconde. Até aos medicos ia elle inquirir com ancioso interesse a situação do seu nobre amigo, exultando sinceramente com os bons auspicios da cura.

Restaurou-se o visconde; mas a millionesima parte d'alma, que morava n'aquelle corpo, ficou desatremada. Atormentavam-no figurações nocturnas. Saltava em cuecas fóra da cama, e a viscondessa, de habitos menores, ia arrastando o chinelo, com a lamparina em punho, após seu marido, através das salas. O visionario punha a orelha á porta que abria para o patamar, e chamava os criados, se o rumor da rua reboava no espaçoso pateo.

A figura de Farinho era o seu demonio, noite e dia. Ninguem subia a escada sem ser reconhecido previamente através d'um pequeno zimborio aberto no tôpo.

Este estado era insustentavel. O visconde, apesar de sua mulher, resolveu sahir de Lisboa temporariamente para o Porto. O barão approvou a resolução, promettendo visital-o no seu passeio ao Minho. A intimidade estava restabelecida, por que Antonio José julgava dever ao barão a suspirada paz em que o deixára Constantino, posto que nunca mais entre os dous titulares se travasse conversação a respeito de tal homem.

Partiu o visconde para o Porto. Os jornaes da loca-

lidade annunciaram a chegada do desejado ornamento da sociedade portuense, sentindo que motivos de pouca saude obrigassem s. exc.ª a procurar nos sadios ares patrios a convalescença que do coração lhe desejavam os ditos jornaes.

Ao mesmo tempo, porém, os mesmos jornaes, e alguns de Lisboa publicavam o seguinte annuncio:

Alberto Corrêa de Faria, morador em S. Pedro do Sul, precisa saber se existem herdeiros do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima, fallecido na cidade do Porto em 1825. *Caso existam, pede o annunciante que se declarem para interesse seu d'elles.*

O barão da Penha víra este annuncio ao mesmo tempo que D. Leonor Soares remettia a seu filho a cópia do annuncio, recommendando-lhe que escrevesse ao annunciante.

Roberto Soares perguntou ao barão se devia ir a S. Pedro do Sul. O barão foi de parecer que se annunciasse como neto de Jeronymo de Abreu e Lima ao annunciante, e esperasse resposta.

Alberto Corrêa de Faria respondeu dizendo-lhe que se habilitasse herdeiro de seu avô para receber cinco contos de reis, que lhe eram restituidos. A habilitação era difficil em quanto Roberto não apresentasse certidão d'obito de seu pai.

O barão desencarregou-o de todos os cuidados, tomando a seu cargo a habilitação. Uma tarde foi elle ao convento, e disse a Isaura que sahia de Lisboa por alguns dias. Entregou-a aos cuidados de Roberto, dizendo

a ambos que a presença d'um pai era dispensavel a dous irmãos que se queriam tanto. Isaura chorou, e Roberto maravilhou-se de resolução tão improvisa.

O annunciante de S. Pedro do Sul foi visitado por um individuo que se dizia procurador do neto de Jeronymo de Abreu e Lima. Encarregado de saber que restituição era essa de cinco contos de reis, pedia esclarecimentos ao restituidor ou quem as suas vezes fazia para assim o communicar ao seu constituinte.

O homem de S. Pedro do Sul disse ser herdeiro e testamenteiro de um seu tio antigo juiz de fóra da comarca de Villa Real; que á hora da morte seu tio lhe entregára uma carta, pedindo-lhe o cumprimento rigoroso do que n'ella lhe pedia, para que a sua alma se não perdesse.

O barão da Penha, na qualidade de procurador bastante do legatario, pediu que se legalisasse a carta testamentaria, sellando-a no governo civil. O testamenteiro replicou negando-se á publicidade d'um escandalo, visto que se promptificava a cumprir o consciencioso legado, menos porém a manchar, sem necessidade, a reputação de seu tio. O barão redarguiu pedindo, ao menos, uma cópia d'essa carta. Foi-lhe concedida, com promessa de a não publicar. Perguntou o procurador se elle testamenteiro zelava tanto o renome do juiz de fóra morto como a reputação do ladrão vivo, indicado na carta. Respondeu o sobrinho do testador que desejaria vêr punido o ladrão que tentou a probidade de seu tio. O procurador despediu-se, authorisando o herdeiro, por uma de-

claração, a empregar os cinco contos de reis em estabelecimentos de caridade. Essa declaração era assignada assim: *Por Constantino de Abreu e Lima, o seu procurador bastante: Barão da Penha.*

Alberto Corrêa quando surgiu da estupefacção em que o deixava a assignatura, já não viu o signatario da concisa renuncia de cinco contos de reis.

Que ridentes sensações são essas que varreram as sombras do semblante do barão? Que radiação d'alma alegre lhe reflecte no olhar inquieto? Que peso de ferro se ergueu de sobre o peito d'aquelle homem, que tão desafogado respira agora? Que valor incalculavel deve ser o d'esse papel que inebria o espirito d'um homem, cuja felicidade era impossivel sem uma vingança? Por ventura será esse papel o instrumento providencial da punição? estará escripta n'elle a sentença da morte moral de Antonio José?

Ha-de saber-se isso, quando fôr tempo.

XXII.

.... Cuidado novo que lhe enchia o peito de novas alegrias.

F. D'ALVARES DO ORIENTE (*Lusitania Transformada.*)

...Chacun des deux est pour l'autre un type de perfection, une apparition celeste venant répendre sur sa vie en jour tout nouveau, la plus belle moitié de lui-meme, ou plutôt le véritable foyer de son existence.

DICTIONAIRE DES SCIENCES PHILOSOPHIQUES (*Amour.*)

Esta Isaura é perfeita de mais para romance.

Um pouco de vicio, d'esse vicio adoravel das mulheres, chamado galanteio, garridice, logração, ou, no vasconço das salas, « coquettismo » fertilisa a imaginação do romancista analysador, critico, philosophico, moralista, e, mais que tudo isso, engraçado.

A mulher do romance quer-se aparada pelo molde vulgar d'aquellas que fazem o relevo da boa sociedade.

Tem immensa graça a mulher que joga o amor como

uma partida de wisth: faz rir toda a gente, menos os parceiros.

A monotonia é fastidiosa até na virtude. Um capitulo de romance cheio de encarecimentos á candidez, á puridade, ao amor angelico de uma virgem, agrada. Dous capitulos, batidos na mesma safra, toleram-se. Tres, impacientam. Quatro, atediam, e desacreditam o escriptor.

Dêem-nos a innocencia com todos os seus perfumes; mas, se nos querem variar o interesse do conto, façam que a innocente resvale das flôres para os espinhos, até nos apiedar com as suas penas. Nós, os leitores, queremos ter odio a alguem, se não esfriamos. O ente odioso deve ser um seductor, um descarado, um cynico, um verdugo que ha-de ser punido no ultimo capitulo, ao mesmo tempo que a victima, rodeada de seraphins canoros, entra na bemaventurança, onde ninguem quer entrar, « se lhe é preciso, cá em baixo, primeiramente, *vêr as estrellas,* » como diz um velho escriptor.

Isaura está no caso das predestinadas para um até dous capitulos sómente. É uma d'essas perfeições espirituaes, postas em altura onde se não libra o voejar da phantasia. Um joalheiro observa uma pedra preciosa, uniforme, sem falha, semelhante a si mesma em todas as facetas da circumferencia, vê-a, admira-a, aprecia-a estimativamente; mas não a descreve: « é perfeita » diz elle; e porque é perfeita? « porque é perfeita. »

Ora, ha mulheres assim irreprehensiveis como as pedras inestimaveis. São excellentes para tudo que é reflexo do céo n'este valle de lagrimas, menos para o ro-

mance que ha-de reflectir de vez em quando os clarões do reino escuro, — o qual sendo de lume não sei realmente porque é escuro, note-se de passagem. Lastimo-me por não poder adulterar a verdade d'esta historia, collocando Isaura a pique em dous ou tres naufragios, para, ao cabo de muita angustia, a levar ao porto de salvamento, com grande jubilo das almas enternecidas.

Navega em mar bonança o coração da pallida virgem. O seu amor ancêa, mas não de susto nem incerteza. Nem sequer em sonhos a desconfiança a intimida. Adormece nos anhelos de acordar para um dia feliz como o dia que passou. Soffre saltos no seio, calor subito nas faces, sente-os, quando se lhe annuncia Roberto Soares; expansiva alegria, jubilos infantis, experimenta-os quando se lhe annuncia o barão da Penha, melancolia funda, oppressão de lagrimas, doem-lhe quando a imagem de Bernardo da Veiga lhe assombra os contentamentos do novo espirito insurgente n'ella. Amor, amisade, e saudade, são as tres sensações da sua vida.

E o amor do poeta? É o primeiro amor, porque é o primeiro que elle sente enlaçado com o respeito e com a amisade. Não é o amor cego do fanatismo, é o amor luminoso, o de penetrante vista, que descortina os dotes todos da mulher querida.

Ha um senso intimo, um arbitrio da alma que descrimina a singela verdade da fulgurosa idolatria: esse mata-o a paixão, enlouquece-o a vertigem, exautora-o o capricho. Não é esse o amor de Roberto Soares.

Se o visseis ao pé d'ella, imaginal-o-ieis um irmão

Diziam-se palavras de intimo amor; mas tão candidas se depuravam nos labios d'elle que nem o amor paternal as inventou mais carinhosas.

Isaura sabia que era aquelle o senhor de sua alma, e scismava como sua māi pôde ser infeliz tendo quem assim lhe governasse os sentimentos, e os desejos. Entremettiam-se instantes de tristeza no seu scismar; queria ter alguem que lhe adivinhasse o segredo; mas dizel-o ella, a quem, se de si propria o queria esconder, para que o magoado presentimento lhe não descolorisse as dulcissimas visões?

Alguem devia merecer-lhe a confiança d'esse segredo, logo que elle se accusasse em lagrimas: era o seu amigo, o seu pai, o barão da Penha.

E assim succedeu.

Encontrou-a taciturna e concentrada um dia.

« Isaura não é feliz... — disse-lhe elle.

— Sou feliz; mais do que mereço; tenho um bemfeitor no céo a pedir por mim ao Senhor, e outro na terra, enchendo-me de beneficios e extremos de pai.

« Tem mais alguem — tornou o barão com meigo sorriso — Tem... O coração não a accusa de ser injusta com alguem?... Accusa, accusa... Quem assim córa tem culpas, e confessa. Isaura tem ainda, além d'um pai no céo, e outro na terra, um irmão, não tem?

— Tenho; é um irmão querido... conheço que é muito meu amigo...

« É; e agora scisma elle n'uma idéa constante. Diz que não quer sua irmã mais tempo no convento; que a

deseja mais perto do seu coração; quer sentir mais intimamente a união das duas almas para toda a vida... Não lhe disse elle isto?!

—Não, senhor...—murmurou ella, incendida em rubor baixando os olhos.

«Não!? Quer vêr que o pobre moço tem medo de que a sua querida irmã lhe não aceite o offerecimento da alma para toda a vida!... Se é isto, o nosso Roberto é homem de pouca fé, e merece, por isso, ser castigado.

—Castigado!... porquê?

«Porque está a vêr que eu tenciono ir estar algum tempo no Porto, que não posso aqui deixar minha filha em Lisboa, e que, se a levo commigo, de certo a furto aos olhos d'elle...

—Pois elle não vai comnosco?—disse com vehemencia Isaura.

«Não póde ir... Roberto é-me necessario em Lisboa, e talvez sáia de Portugal a negocios meus.

Isaura empallideceu. O barão fitou-lhe a luneta através das grades, e viu rebentarem duas lagrimas que ella, sem rebuço, embebeu no lenço.

«Porque chora, minha filha?—tornou o barão enternecido.

—Tenho saudades d'elle...—soluçou Isaura.

«Pois então, minha filha, eu não a deixo chorar. As saudades são espinhos crueis n'um coração tão bom como o de Isaura, e mau pai seria eu se lh'os não arran-

casse. Vamos remediar isto... Roberto ha-de ir comnosco. Está ainda chorando?

—Já não choro, não...—disse ella erguendo a face risonha.

« Mas olhe, minha filha; o amor de irmão que dá a Roberto é um amor que lhe enche o coração? Por outras palavras: crê que uma mulher possa ambicionar uma entre as affeições d'esta vida, mais intensa, mais forte que a de Isaura a Roberto?...

—Parece-me impossivel...

« Uma esposa será mais amiga de seu esposo que a minha filha é de Roberto?

Reaccendeu-se mais vivo o pejo em Isaura, e embargou-se-lhe a voz ao arquejar descompassado.

O barão viu tudo, conheceu tudo. Ergueu-se, e, já com as luvas vestidas, disse:

« Minha filha, nós partimos dentro de quinze dias. Os meus dous filhos vão commigo; eu é que lhes chamo filhos; mas elles entre si hão-de chamar-se esposos.

E sahiu.

Isaura ficou longo tempo na grade. Não ria nem chorava. Era um d'esses extasis de embriagante goso que se afiguram sonhos, e, só depois de convertida em evidencia a surpreza, a alma entende e julga.

Na tarde d'esse dia, Roberto Soares, alheio ao dialogo que se dera de manhã, visitou Isaura, mas, contra o costume, esperou-a longo tempo. Já admirado da delonga ia repetir a chamada, quando Isaura chegou, mais

acanhada que nunca, estranha como se o visse pela primeira vez.

« Não sei que lhe noto hoje, minha amiga! — disse Roberto — Parece que está constrangida!

Esta admiração maravilhou Isaura. Não podia ella entender o estranhar de Soares. Parecia-lhe desnatural achal-a elle mudada, tendo-se operado tamanha mudança nos sentimentos d'ella. Dizia-lhe tambem o coração que Roberto devia manifestar pejo de a fitar, porque o contemplar uma amiga simples devia ser differente do contemplar uma amiga, em vesperas de ser esposa.

Soares instava pela explicação do olhar timido, do sorriso indefinivel, do pejo extraordinario que lhe via; e Isaura, não podendo combinar estas perguntas tão naturaes com o seu alvoroço d'ella, afoutou-se a dizer:

— Fallou de tarde com o snr. barão?

« Não fallei: elle hoje disse-me que jantava fóra, e só nos veriamos á noite.

— Elle esteve hoje cá... — tornou Isaura, a tremer de adiantar alguma palavra que a obrigasse a repetir o dialogo com o barão.

« Esteve?... Disse-me hontem que tencionava aqui vir hoje. Fallou-lhe no projecto de ir ao Porto?

— Quem...

« Elle.

— Ir elle ao Porto?

« Sim, e nós talvez.

— Nós?!...

« Disse-me que minha irmã ia ser hospeda de minha mãi. Disse-lh'o tambem?

— A mim?... não me disse isso.

« É admiravel... pois nem lhe deu alguma idéa de sahir d'aqui?

— Deu...— murmurou ella, cada vez mais confusa.

Roberto Soares comprehendeu por aquelle monossylabo a significação de tudo. Respirando com difficuldade, fitando-a com aquelle espasmo de olhos que perscrutam um segredo nos olhos estranhos, o poeta balbuciou:

« Diga-me tudo o que se passou, minha amiga. O coração não me engana. Isto que eu sinto é uma alegria que não póde ser falsa. Que foi?... o barão disse-lhe... Esconde os olhos de mim?... mais uma prova de que a minha suspeita se realisa...

Isaura encarou-o de relance, sorrindo; mas, se elle a visse ao pé, não saberia explicar o mimoso tremor que a vibrava toda. Pela primeira vez, Roberto estendeu o braço através do espaço interposto ás grades, e pediu a mão de Isaura com terno enthusiasmo.

Houve um instante de hesitação; mas a instancia de Soares venceu. Deram-se as mãos, e, longo tempo silenciosos, nem ella pôde encaral-o assim, nem elle teve uma palavra só.

Isaura, ao ouvir o signal de fechar-se o portão do mosteiro, teve uma agradavel sensação. É que o excesso de prazer a opprimia. O coração tambem se embriaga com as intemperanças da sua espiritual ambrosia, e

experimenta turbações oppressoras. A soledade e o descanço aquietam os sobresaltos, e levam o espirito ao remanso d'um goso mais sereno.

Ao despedirem-se, Roberto disse a Isaura:

— És minha, não és, Isaura? Por Deus, não me deixes duvidar um instante de que as nossas almas são só uma n'esta vida... Não são, Isaura?... responde.

« São... — respondeu ella, quando a escuridade não deixava já vêr a chamma que tal monossylabo lhe accendeu no rosto.

Soares entrou no quarto do barão, e quasi lhe ajoelhou aos pés.

« Isso que é?! — disse o barão, sustendo-o entre os braços.

— É agradecer ao pai uma felicidade que só de joelhos se agradece.

« Mas um pai é obrigado natural e religiosamente a fazer a felicidade d'um filho... Se eu lhe dou este nome, é por que me imponho obrigações de pai, e por isso não tem que me agradecer, Roberto.

— Oh senhor! eu sou um homem tão feliz! devo-lhe tudo! a minha familia tão feliz tambem! Esta alegria que se estende a todos os meus! A quem se deve tudo isto, se não ao meu bemfeitor?

« Está bom... — atalhou o barão, fazendo-o sentar — Esse incendio de gratidão foi ateado pelo incendio do amor, acho eu. Vem de estar com Isaura, e ella disse-lhe...

— Nada me disse; fui eu que suspeitei a verdade no acanhamento d'ella...

« Sabe, porém, que ella o ama como se quer ser amado d'uma esposa?

— Não m'o disse; mas eu adivinho-a.

« É preciso, pois, pedir o consentimento de sua mãi.

— Ella consente, posso assegural-o a v. exc.ª

« Tambem eu o asseguro a Roberto: mas quer-se o consentimento de sua mãi.

— Basta dizer-lhe eu que o nosso protector consentiu...

« Diga-lhe isso, se quizer; diga-lhe até que sou eu o casamenteiro, por que já não sirvo para mais nada; todavia, quer-se que ella abençoe a união de seu filho... E tão certo estou do assentimento de sua mãi que me constituo procurador sem procuração para em nome d'ella offerecer á sua noiva estas joias.

Era uma caixa de velludo escarlate com pulseiras, gargantilha, e alfinete de diamantes.

Quem teve mais formoso sonho do que a vida real de Roberto Soares?

O desvalido pretendente que, tres mezes antes, deixára no Porto a lutar com a indigencia uma pobre familia, julgava-se além da baliza posta á felicidade n'este mundo.

Homem de coração, educado na pobreza e na paciencia religiosa, e agora tão favorecido do céo, orou, orou de mãos erguidas, fechado no seu quarto, oração com fé e devoção que nunca sentíra na desgraça.

XXIII.

> Il eût fallu être stupide pour ne pas concevoir tout cela.
> J. J. Rousseau (*N. Heloise.*)

Vai grande trastejar e reboliço e alegria em casa de D. Leonor Soares. Por entre os cortinados do seu leito, a mãi de Roberto dá ordens a criados e criadas que vão e vem d'um para outro andar, em quanto D. Helena, não menos atarefada, se entrega toda ao esmero de mobilar um aposento para os noivos, e outro para o barão. Jorge Ribeiro, tateando os objectos, dá tambem o seu parecer, e discute a má collocação do bufete, da preguiceira, do tremó, do tapete, e vence sempre porque ninguem se atreve a contrariar o cego, que parece louco de contentamento.

Sabido é, pois, que se espera Roberto Soares e sua mulher, e, com elles, o barão da Penha.

Já partiram para os *Carvalhos* duas carruagens, que devem recebel-os. Já os jornaes do Porto, quasi todos amigos do poeta, seu collaborador gratuito alguns annos, annunciaram que o distincto litterato se matrimoniára com uma rica herdeira de Cascaes, pupilla do honrado capitalista o exc.^mo^ barão da Penha; e acrescentavam que tanto os noivos como o exc.^mo^ barão tinham sahido de Lisboa por terra a fim de visitarem a mãi e tios do noivo, residentes no Porto.

Alguns membros da aristocracia mercieira resolveram entre si fazer uma espera ao barão, já como membro respeitavel da classe, já como accionista distincto do banco de Portugal, e outras companhias capitalistas, que dispensam as formulas da apresentação n'uma sociedade onde a fama do dinheiro vem adiante pregoando as qualidades do forasteiro.

Os viajeiros acharam-se, pois, rodeados, ao apearem da caleça, de dez ou doze homens de chapéo na mão, cabeceando zumbaias a D. Isaura, apertando brutalmente a mão cortez do capitalista, e felicitando Soares pelo seu regresso ao Porto.

O barão voltou-se para Roberto, e disse:

« Ó meu amigo, tem a bondade de me dizer os nomes d'estes cavalheiros que tão urbanamente se apressam a dar-nos provas de amisade e consideração?

Soares relanceou um olhar desdenhoso por todos, e respondeu:

— Não tenho a honra de conhecer estes cavalheiros.

« Isso é possivel! — tornou o barão — pois o snr. Soares não é portuense como estes cavalheiros, que se me afiguram dos mais grados da terra?!

— Eu sou do Porto; mas não era da roda d'estes senhores até ao momento em que v. exc.ª me conheceu.

« Ah! isso agora é outro caso — redarguiu o barão, em quanto os seus collegas, corridos, pareciam querer esconder-se uns atraz dos outros — Em fim, meus amaveis cavalheiros — acrescentou elle abraçando os dous mais convisinhos — como vamos para o Porto faremos conhecimento com o vagar que não temos agora, por que se faz tarde, e a senhora de Roberto Soares vai anciosa por descanço.

Os titulares regougaram um borborinho de cumprimentos, e entraram nas suas carruagens, dous a dous, discutindo entre si se Roberto, no que disse, quiz ou não mangar d'elles. O barão da Penha, porém, antes de entrar na sege, que lhe vinha destinada, censurou a Roberto o uso de ironias, em quanto elle lh'o não concedesse. « As relações d'estes homens convem-me e preciso-as » disse o barão.

Era noite quando pararam as carruagens á porta de D. Leonor Soares. Os cavalheiros do prestito despediram-se. Os noivos encontraram no pateo uma mulher que os recebeu nos braços: era D. Helena; e ao lado d'essa mulher estava um cego, com os braços estendidos, pedindo ao snr. barão da Penha que se chegasse ao pobre cego que o não podia procurar.

Onde estava, porém, o barão que não corria aos braços do venerando cego?

Viram-no encostado ao cunhal do pateo, com a mão na fronte, apoiado todo sobre o hombro que o sustinha. Roberto e Isaura correram a elle, e simultaneamente o abraçaram.

« Que tem? » — bradaram ambos.

— Um ligeiro incommodo — murmurou elle com a fronte orvalhada de suor frio e a face de lagrimas — Isto passa já... Quero abraçar seu tio... ha-de ser o cego que me ha-de guiar ao meu quarto, e ámanhã farei os meus comprimentos a esta senhora, e a sua mãi, Roberto.

Jorge Ribeiro andava já palpando os corpos das pessoas, e, chamado pelo som da voz, abraçava o barão no momento em que elle o chamava.

— Aqui está o cego — exclamou elle — ajoelhando aos pés do seu bemfeitor.

« Por quem é! — exclamou o barão, erguendo-o.

— Não me tire este prazer... Ajoelha-se a Deus, e aos que praticam na terra a misericordia divina. Deixe-me, senhor, desafogar assim a minha gratidão, que chega a ser dôr, quando se não póde mostrar.

O velho teimava em estar ajoelhado; o barão, porém, curvando-se até chegar o rosto ao d'elle, redarguiu:

« Havemos de ter muito tempo de nos agradecermos reciprocamente a felicidade que nos dermos, meu amigo. Subamos, que deve estar anciosa por vêr seus filhos a snr.ª D. Leonor.

Subiram até ao primeiro andar.

O barão continuou, fallando a Helena:

« Tem v. exc.ª a bondade de mandar-me conduzir ao quarto que me está destinado?!

— Pois deveras se recolhe já?! — atalhou D. Helena — minha irmã fica triste por não o vêr. Se ella não estivesse entrevada, viria ella, coitadinha...

« Roberto desculpa-me a sua mãi, sim? Amanhã nos veremos todos. Eu aceito logo uma chavena de chá; é o meu costume inalteravel.

— O meu pai está doente? — disse Isaura lagrimosa abraçando-o com ternura de filha.

« Não, não, menina.

— Veja lá... eu não consinto que tenha outra enfermeira; se me não chamar, fico desconfiando que se não deu bem commigo em Cascaes.

« Vá, vá, minha querida, vá abraçar sua mãi.

— Por aqui — disse o cego, conduzindo o barão a uma sala decentemente mobilada — Os hospedes são os que designam o aposento do dono da casa!... é bem original isto, snr. barão!... Quer v. exc.ª ficar sosinho?

« Sim, meu amigo, quero ficar sosinho. Vá sentir, já que não póde vêr, como se abraçam sua cunhada e os dous filhos que lhe vem trazer dias de alegria.

Sahia o velho, e entrava Roberto prevenindo o barão de que sua mãi se estava vestindo, e viria entre os braços de seus filhos, visital-o.

— Obste a isso! — exclamou agitado, o barão.

« Não é possivel: diz que lhe matam a sua felicida-

de, se não vier. É Isaura que a está vestindo. Receba-a, meu amigo, dê-lhe esse prazer, que é a maior esmola que lhe faz!...

Soares, abraçando o barão, não viu a mudança, que se fez na physionomia d'elle. Tomando o silencio como consentimento, ia sahir apressado, quando o barão lhe disse:

—Espere... Que venha sua mãi, e Isaura, e seus tios... e...

«E eu?!

—Tambem... espere... estou doudo!...—dizia elle apertando a fronte entre as mãos—Ninguem mais ha-de aqui entrar, ouviu? Ninguem mais, absolutamente ninguem mais...

«Quem mais ha-de vir?!—atalhou Roberto, confuso de semelhante recommendação, e sahiu.

O barão lançou-se, extenuado, sobre uma cadeira. Arfavam-lhe o seio e as fontes. Tomavam-no tremores de sezão. Com as mãos de neve acalmava os estos afogueados da testa. Erguia-se; fazia accelerados passeios na sala, e prostrava-se de novo. Tirava haustos de ar com violencia do peito offegante. Não ha commoção de terror que alvoroce tanto o machinismo da vida! A alegria faz isto!?

«Vou vêl-a!»—murmurava elle, quando Helena appareceu á entrada da sala com uma luz, dando a mão a Jorge Ribeiro que trazia outro castiçal.

O barão deu um passo para elles, e viu Leonor abraçada aos pescoços de Isaura e Roberto. Fugiu do

ponto onde as luzes projectavam maior clarão, para o mais escuro da sala.

—Onde está o meu bemfeitor?—disse a mãi de Roberto—Só elle podia fazer de mim o que fez Jesus Christo ao paralytico. Onde está o pai providencial de meu filho?

«O pai de teu filho, Leonor, aqui o tens!—exclamou o barão, comprimindo-a ao seio, e sossobrando até ajoelhar.

Chegamos, leitores, a uma situação das que torturam o temerario que tenta descrevêl-as. Eu não sei como se ha-de pintar este grupo. Vejo-o na tela da imaginação. Pude chorar de enthusiasmo quando me figuravam esta scena em poucas palavras, mas essas poucas palavras, ditas por uma d'essas seis pessoas, perdi-as da memoria.

Sei que Leonor, comprimida nos braços do barão, soltou um grito estridente. Afastou-lhe os cabellos da testa, tateou-lhe vertiginosamente as feições, como se estivesse afastando o capuz da mortalha de seu marido resuscitado. Sei que soltou um novo grito, quando o barão proferiu segunda vez o nome d'ella; esse segundo grito, porém, tinha sons distinctos, foi uma palavra: Constantino! e desfalleceu nos braços do homem succumbido, que pediu lh'a tomassem d'elles.

Mas, em redor do barão, ha quatro pessoas, ainda.

Como hei-de eu fazer sentir a estupefacção de Roberto Soares? Se o comparo ao demente enlevado nos arrobos d'uma phantasia desvairada, faço um mau con-

fronto, por que não dou a menor idéa do estado moral do filho de Leonor. E Isaura? Está ao pé do barão com as mãos erguidas, mas não sabe por que ergue as mãos. Helena, com a irmã nos braços, tem os olhos pasmados no barão, e não sabe o que pensa nem o que vê. O cego esse, que só vê á luz da alma as sensações do ouvido, é o unico que solta uma exclamação, e essa exclamação acorda todos os outros do torpor:

« De joelhos, de joelhos! — exclamou elle — Foi como a faisca electrica. Ajoelharam todos: o barão, porém, se orava, era com os labios collados á mão de Leonor. Osculo de fogo devia ser esse, ou muito da alma a oração muda que filtrou a vida até ao coração de Leonor.

Leonor estremece, abre os olhos, e afasta d'elles as sombras da incerteza, como no espertar d'um sonho.

« Sou eu, Leonor! — disse o barão — é teu marido, minha querida martyr! Aqui está comnosco o nosso filho Roberto; nossa irmã Helena, o nosso Jorge! e este anjo de todos nós, a nossa Isaura. Abraça-nos a todos, minha querida Leonor, abraça-nos! Vinde aqui, meus filhos. Roberto! Isaura! — exclamava elle ajuntando-os a Leonor no mesmo abraço — devieis ter conhecido em mim o coração d'um infeliz, e depois, tu, Roberto, devêras ter adivinhado o coração d'um pai!

Roberto chorava-lhe no seio sem poder articular uma palavra. Isaura, lavada em lagrimas, estava de joelhos ao pé de Leonor. Esta...

Não bradeis agora « milagre! » leitores. Se duvidaes

de mim, ide á sciencia, e ella me vingará de vossa falta de fé.

Leonor fez um esforço para abraçar seu marido, e sentiu-se em pé.

« Deixai-me, deixai-me, não me segureis! — exclamou ella.

E desampararam-na.

Constantino estava a dous passos d'ella, impellido por um abraço convulsivo do cego; Leonor deu esses dous passos sem amparar-se! Eram os primeiros passos que dera em dez annos de esperanças desvanecidas.

« Meu Deus! — bradou ella — isto é possivel! Eu ando, Virgem Santissima, eu tenho força para me suster em pé!... Jesus, que eu não posso já com o peso da felicidade!

Agora, leitores, depois d'este lance, se eu não achar um escriptor esmoler que me continue este capitulo, deixo-o aqui ficar.

Nunca senti tanto como agora a minha pobreza.

Se algum de vós não poder com a imaginação supprir a minha defficiencia, peça a alguem que lhe traduza a epigraphe d'este capitulo.

XXIV.

Sa langue est un fer chaud ; dans ses veines brûlées
Serpentent des fleuves de fiel.

ANDRÉ CHÉNIER.

A magnifica scena, ligeiramente bosquejada no anterior capitulo, não transpirou fóra d'aquella sala.

O barão da Penha, — recordem-se — prevenira Roberto Soares de que não entrasse alli alguem mais que elle e sua familia. Com a mente fita n'esta cautela, ainda no conflicto de abraços e exclamações, fôra elle fechar a porta, e mais d'uma vez pedíra a Leonor, e aos outros que abafassem a expansão quanto podessem, por que não queria que algum criado fosse levar a noticia de que o barão da Penha era Constantino de Abreu e Li-

ma. Ninguem o contrariou n'esta vontade; mas a timida Leonor, cuidando que semelhante precaução lhe agourava a perda da felicidade que a enlouquecia, rogava de mãos erguidas a seu marido lhe desvanecesse o medo de o perder de novo.

« Não me perdereis jámais; sou vosso para sempre — disse o barão — ter-me-eis sempre comvosco, mulher, filhos, e irmãos; deixai-me, porém, esconder de todo o mundo, menos de vós, o meu verdadeiro nome. Basta que saibaes que ha uma causa forçosa para isto. Que nos custa o segredo? Sou vosso, aqui me tendes e tereis sempre. Descobrir-me, meus amigos, era renunciar á esperança de ser mais feliz do que sou. Não me peçam explicações; esperem, e a ventura completa virá para todos nós, porque ha ainda aqui um desgraçado, e esse sou eu.

— Tu! — exclamou Leonor — e poderei eu ser feliz se tu me dizes que o não és?!

« Vinte e seis annos de soffrimento, Leonor — redarguiu Constantino — depositam no fundo do coração veneno que só póde ser desentranhado pela satisfação de uma vingança mais necessaria hoje á minha vida que o ar, que a consolação de vos ter, que o repouso no seio d'uma familia reapparecida milagrosamente em redor de mim. Não vos aterre este rancor, nem temaes que elle me desvaire até desagradecer a Deus esta prosperidade inesperada. Não, meus amigos. Uma vingança nobre e justa é aceita á Providencia.

Jorge Ribeiro discorreu christãmente ácerca da vin-

gança, e com tanta unção o fez que o barão já não curava mais que de esquivar-se á eloquencia d'elle tão singela como persuasiva. Qual, porém, fosse a victima d'esse odio não o sabia ninguem.

Em uma rua da freguezia de Cedofeita havia uma velha casa onde morára e morrera o desembargador Jeronymo de Abreu e Lima. Ao proprietario d'ella foi um dia proposta a compra por um preço superior á louvação. O proprietario vendeu a casa a um tal Bento Pereira Farinho, e o barão da Penha, de noite, entrou n'ella com o comprador, e delineou-lhe as obras de reedificação no todo, excepto no muro onde estava aberto um falso. Essa parede devia ficar intacta formando um dos quatro lados de uma vasta sala de jantar.

Dias depois principiaram as obras, e progrediram com admiravel rapidez. Dizia-se geralmente que o dono das obras era um brazileiro, residente no Rio, que empregára os seus capitaes em predios no Porto. Ninguem viu alli Roberto Soares ou o barão da Penha. O comprador depositára n'uma casa commercial dinheiros que eram de mez a mez reforçados, e sahíra do Porto.

E aqui tem cabimento saber-se que Bento Pereira Farinho, de passagem para uma villa de Traz-os-Montes, onde o barão da Penha o fizera collocar escrivão de direito, recebera ordem de fazer a compra do predio, e retirar-se logo para que o visconde de Villa-Sècca o não encontrasse.

Apesar da desconfiança, que se engendrára em Antonio José, desde que o barão se mostrára protector do

Constantino, preso em Lisboa, o visconde visitou-o, e foi acolhido com mais affabilidade que nunca. Trocaram-se visitas, e a viscondessa travou relações com as senhoras em cuja casa se achava hospedado o barão, a titulo de parente.

Leonor não conhecia Antonio José, e acolhia-o com respeito, e até com amisade, por que seu marido nunca lhe dissera meia palavra suspeita a respeito de tal homem. Antonio José não tinha a menor reminiscencia das feições de Leonor, que vira algumas vezes. Roberto Soares ignorava todos os successos de Lisboa, e, se alguma das suas novas relações acolhia com agrado, a mais bemquista era o visconde de Villa-Secca. Dir-se-ia que entre estas duas familias existia a mais intima alliança de velha amisade.

Decorreram assim seis mezes.

O barão da Penha disse um dia ao visconde que acabava de comprar uma linda casa, acabada de fresco, na rua de ***, e, antes das suas viagens ao Oriente, tencionava offerecel-a aos seus parentes, como lembrança da desvelada hospedagem que lhe deram. O nome da rua fez mossa na cortiça moral do visconde, mas a impressão foi de momentos. Convidado a ir vêl-a, reconheceu o local, notou a seu modo, a coincidencia ; mas a epiderme rugosa d'aquella physionomia, só amovivel ao susto de ser roubado, não transluziu nada.

Antonio José fôra uma vez ladrão ; tivera a astucia de enriquecer-se ; não tinha outra habilidade ; mas, se querem que eu lhe conceda a transcendencia d'essa.

transijo, com tanto que me deixem julgal-o tão estupido que nem velhaco era. É o mais que posso dizer; por que a velhacaria está sendo para os ricaços d'esta geração asquerosa a indemnidade da estupidez.

A familia de Roberto Soares mudou para a casa nova. O visconde de Villa-Secca familiarisou-se com o local para onde viera cincoenta annos antes descalço, e assoldadado para carretar agua, e d'onde sahíra vinte e sete annos antes com o cofre roubado do escondríjo. A reconstrucção que se dera ao edificio desde os alicerces não lhe espertava imagem alguma da antiga casa.

O barão da Penha disse uma vez, na presença de vinte pessoas, suas habituaes visitas, que era chegada a época da sua projectada viagem ao Oriente, e desejava despedir-se dos seus amigos n'um jantar, para o qual os convidava.

No dia assignalado ás quatro horas da tarde estava no salão de Roberto Soares a nata da melhor sociedade militante do Porto. Avultavam quatro barões, dous viscondes, e o resto eram apenas commendadores. O mais medrado em cabedal e authoridade era o visconde de Villa-Secca que, ainda na vespera, recebera parabens pela nova graça d'uma commenda com que o chefe da nação reconhecida lhe enxornava o nobre peito.

Soaram, pois, as quatro horas, e o barão, com mostras de contrariado, disse que faltava alli um convidado, seu intimo amigo da America, chegado a Portugal dias antes.

E acrescentou:

« Magoa-me esta falta por que era esta a mais opportuna occasião de eu apresentar a v. exc.as um cavalheiro digno, a todos os respeitos, da amisade com que me honram. Paciencia; outra vez será... Deve ser muito imperiosa a causa que me faz sentir a mim a falta d'elle, e a v. exc.as o ensejo de conhecerem um capitalista de dinheiro e virtudes. Vamos para a mesa.

Passaram para a sala do jantar. Estavam todos em redor da mesa, em pé, esperando que o barão designasse ás tres senhoras da casa os cavalheiros immediatos.

O barão ia sentar-se, quando um criado se apresentou com uma salva de prata e uma carta.

« Deve ser a escusa do meu amigo — disse o barão; mas a carta é volumosa. Se dão licença, abro.

— Pois não! — disseram os convidados, conservando-se em pé como o barão. Este abriu a carta, leu mentalmente as primeiras linhas, e fez um signal de espanto, deixando cahir sobre a mesa uma folha de papel dobrada em oitavo.

— A apostar que está doente o seu amigo! — disse o visconde de Villa-Secca com toda a afouteza da sua grosseria. O barão continuou a leitura, sem responder de leve á interrogação do hospede.

Isaura e Leonor tinham os olhos da face, e os mais penetrantes da alma, fitos no rosto do barão. Viram-no enrubecer subitamente, e assustaram-se. Viram-lhe o tremor nervoso dos labios, e vaticinaram desgraça. Viram, em fim, no olhar scintillante e profundo do barão, alguma cousa sinistra das que só se manifestam ás pessoas

que pensam em nós, que vivem em nossa alma, que folgam ou soffrem sob a influencia magnetica de nossas sensações.

« Que será, meu Deus? — interrogou Isaura com os olhos os não menos attentos de Roberto.

— V. exc.ª recebeu uma nova que o está incommodando muito! — disse Roberto.

« Que é? por que empallideces assim? — exclamou Leonor, aproximando-se do marido, esquecida de que estava na presença de vinte pessoas que deviam reparar n'aquelle *tu* familiar.

O barão da Penha não respondia. Hirto, duro, immovel como estatua, parecia medir com os olhos fascinados um abysmo. O assombro com que todos os olhares convergiam n'elle augmentava a terribilidade do quadro. Fazia medo aquelle silencio. Como o rumor da lava subterranea a partir a crusta, ouvia-se o respirar estertoroso do barão; era o referver do sangue nas valvulas arquejantes do coração.

Por fim, quando a anciedade de Isaura, de Helena, e de Leonor desafogava em lagrimas silenciosas o barão, com voz tremida e debil, fallou assim:

« Devo explicar esta angustia que me embarga a palavra, e me fez parar a vida por minutos. O meu amigo escreve-me uma carta, dando a razão por que não vem ao meu jantar. É uma razão que eu deverei aceitar como um insulto, se todos os cavalheiros presentes erguerem um brado de indignação contra o calumniador que semelhante carta escreve. Eu leio: « *Meu amigo.*

Sinto amargamente não concorrer ao seu jantar; e sinto-o mais por vossê que por mim. Eu não concorro a jantares onde tenha de dirigir-me a convivas cuja mão infamada não apertaria sem asco de mim proprio. Como homem delicado, forçar-me-ia a ser urbano com todos os cavalheiros reunidos sob as telhas d'uma casa amiga; mas o sacrificio seria enorme, e eu, por amor de mim proprio, devo poupar-me a um desgosto, que poderia transpirar por alguma inconveniencia das que a mais precavida fleuma não abafa. Meu caro amigo, tu tens á tua mesa um ladrão. Se o aceitas como digno de tua convivencia, lastimo-te, por que desceste miseravelmente. Se o não conheces, e o admittes, indico-t'o, para que o repillas de ti, ou mais não chames homens honestos onde o ladrão estiver. »

O barão declinou da carta um olhar terrivel sobre os vinte commensaes. Era geral a estupefacção. Ninguem soltava o grito indignado da honra ferida: não por que alli não estivesse consciencia pura — digamol-o de boa fé — mas por que a surpreza, o aturdimento devia produzir aquelle effeito. De repente rebentaram simultaneas algumas exclamações:

— Saiba-se quem é!

— Isso é uma calumnia infame!

— É uma offensa a v. exc.ª!

— Aqui não ha ladrões!

— Seja chamado esse homem para apontar d'entre nós o ladrão.

« Esperem, senhores — atalhou o barão — Eu não li o ultimo periodo da carta.

E leu:

« *Se esta carta fosse lida na presença dos teus amigos, e algum d'elles, bastante brioso de seus creditos, exigisse de mim a franca designação do infamado, responder-lhe-ia com a cópia do documento incluso n'esta carta.* »

Calaram-se as respirações por instantes; depois, a mesma perplexidade, o mesmo alarido de vozes simultaneas de ha pouco:

— Leia, leia, snr. barão!

— Saibamos quem é!

— Exijo que se leia esse papel.

— E eu tambem.

— Offende-se a minha honra com a demora.

— E a minha.

— Diz muito bem, e a minha.. — bradou o visconde de Villa-Secca batendo um murro estrondoso na mesa.

O barão fitou-o d'um modo indizivel, e ergueu de sobre a mesa o papel dobrado em oitavo. Ao abril-o, Isaura correu impetuosamente ao pé do barão, e exclamou, ajoelhada:

— Meu pai da minha alma, não leia esse papel... não leia pelas chagas de Christo!

Leonor, Helena, e o cego, e Roberto agruparam-se ao pé do barão. Este lançando a todos e a cada um os

olhos de revez, ao mesmo tempo que levantava Isaura, murmurou seccamente:

« Retirem-se para onde estavam. »

Obedeceram, excepto Isaura, que não sahiu de ao pé d'elle.

« Ouçam, pois, senhores:

« *Meu sobrinho caro. Escrevo-te esta carta com a certeza de que a minha morte está proxima, e o Juiz Supremo sentado no throno da eterna justiça para me julgar.*

Tu queres a salvação de um tio que te quiz como pai, e como a filho te lega o fructo do trabalho de seus avós, o fructo do seu trabalho, e só te não lega o que possue roubado, para que essa mão-cheia de dinheiro te não envenene o que licitamente é teu.

Era eu juiz de fóra em Villa-Real quando recebi ordem do regedor das justiças do Porto para fazer uma visita domiciliaria a um homem de Gallafura, suspeito de haver feito no Porto um consideravel roubo ao desembargador Jeronymo de Abreu e Lima na vespera do fallecimento d'este.

D. Leonor gemeu um agudo ai. Helena, e Jorge Ribeiro estremeceram, comprehendendo o desfecho d'aquelle conflicto, sem poderem conjecturar qual entre tantos fosse o ladrão. Roberto Soares, mais vexado que attonito, não ousava fixar os olhos em alguem. O visconde de Villa-Secca, fincado na borda da mesa com os pulsos communicava o seu tremor á cadeira a que encostava as pernas.

O barão proseguiu:

« *Fui a Gallafura, e surprehendi na cama o homem suspeito. Abri uma arca, remexi o enxergão, e nada encontrei. Dei-lhe voz de preso, e o homem lançou-se-me aos pés chorando como chora um innocente; mas, exhauridas as lagrimas, disse-me, a sós commigo, que me dava cinco contos de reis e o deixasse.*

« *Eu pratiquei a infamia de aceitar os cinco contos de reis, por que as consideraveis perdas no jogo me tinham obbliterado a alma. Deixei-o, sem querer saber a quanto avultava o roubo; disse ao regedor das justiças que o suspeito ladrão era um homem honrado, que vivia do seu trabalho honesto; em fim, meu sobrinho, vendi a minha alma por cinco contos de reis, e nunca a resgatei porque a vergonha de me delatar, mais ainda que a cubiça, abafava em mim o grito do remorso.*

« *Restitue, meu amigo, restitue os cinco contos de reis aos herdeiros do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima. Eu sei que esse homem tinha um filho cujos crimes forçados pela pobreza o fizeram degradar para Cabo-Verde ha vinte e tantos annos. Talvez que esse condemnado exista, ou filhos, ou viuva. Procura-os, e restitue esse dinheiro que póde ir enxugar muitas lagrimas, e matar muita fome. Se ninguem existir d'essa familia, dá esse dinheiro á Misericordia, para que a alma de teu tio encontre na presença de Deus o allivio que deres n'este mundo aos desgraçados.* »

Calou-se o barão. Olhou, encontrou o olhar ancioso de todos, menos o do visconde. A cara d'este era a

d'um cadaver avermelhada pelo clarão d'uma tocha. O queixo de baixo dependia-lhe como relaxado das articulações pela morte. Falhou-lhe o vigor das pernas convulsivas, e sentou-se, com a cabeça acabrunhada para o seio.

Os hospedes surgiram do atordoamento, bradando com tanta mais vehemencia quanto estavam certos de que o seu caso não era aquelle:

— Pois bem! agora diga-se qual de nós deu cinco contos de reis a esse juiz de fóra!

— Justamente.

— Vamos! snr. barão! depressa!

— Já!

— Immediatamente!

— Appareça o ladrão!

O barão ergueu o papel que pousára na mesa, e continuou:

« D'aqui em diante sou obrigado a lêr por que m'o exige a honra de cada um dos meus amigos.

— É verdade! — bradaram muitas vozes.

« Pois escutem, senhores:

« Agora, meu sobrinho, se te interessa conhecer a sociedade em que te deixo, se queres vêr como o dinheiro roubado luz nas trevas d'onde foge espavorida a honra, se queres vêr como um ladrão se eleva ao fastigio da consideração e das honras nobiliarias, dir-te-hei que o ladrão, criado do desembargador Jeronymo de Abreu e Lima, é actualmente um dos homens necessarios n'este paiz, um dos capitalistas chamados a curarem as chagas

do thesouro publico, um dos que o jornalismo portuguez apresenta como exemplar de probidade, é finalmente...

« Digo, senhores?

— Diga, diga, — exclamaram dezenove convidados.

— Não, não, por piedade! — bradaram Leonor, Isaura, e Jorge Ribeiro.

« A vossa negativa, senhoras — disse o barão — é generosa e caritativa; mas a reputação d'estes cavalheiros não póde sacrificar-se a sentimentos de piedade. A compunção que deixa equivoca a honra não póde ser grata a Deus. Attendei, pois, senhores: Este ladrão era então Antonio José, e é hoje o visconde de Villa-Secca!

Houve um ruidoso movimento de cadeiras, uma agitação subita de todas as figuras, uma rapida evolução de cabeças para o visconde. Nem uma palavra, porém, nem uma exclamação fugiu das bôcas entre-abertas. Havia uma face cheia de lagrimas; era a de Isaura. Estava uma mulher desmaiada nos braços d'outra; era Leonor nos braços de Helena. Havia um homem de mãos erguidas, encostado á parede; era o cego Jorge Ribeiro, que pedia a Deus o remedio do desgraçado visconde.

Este... como se ha-de descrever este? Imaginai-o sósinho a um lado da mesa, por que todos fugiram agrupando-se nas extremidades. Quer erguer-se da cadeira como um somnambulo arrastado pelo fio magnetico, mas recahe prostrado e convulso. O seu pensamento deve ser fugir, por que tres vezes revolve nas orbitas a pupilla baça para o lado da porta: ao quarto esforço, vê ao pé

de si o barão da Penha, que lhe trava do braço, e o faz erguer, e obriga a dar tres passos para a parede, quasi arrastado. O barão afasta uma cadeira de espalda, tira por um botão de metal entalhado na parede, e destapa um vão profundo de alguns palmos.

« Antonio José — diz elle — entra alli dentro, e vê se reconheces alli os teus vestigios, ladrão! Foi d'alli que levantaste um cofre onde ia fechado o teu diploma de visconde. Diz a estes cavalheiros que sensações tiveste quando sahiste d'alli com o patrimonio de Constantino, que a justiça de Portugal mandou morrer nos presidios de Africa. Entra, Antonio José, entra no recinto d'onde sahiste rico, honrado, e titular! »

Antonio José, impellido por um empuxão, foi bater com a cara á entrada do falso. O barão ia empurral-o com o pé para o interior, quando Isaura se interpoz de joelhos, exclamando:

— Tenha misericordia, meu pai! Seja a imagem da justiça divina!

« Misericordia! — bradou o barão — não enxovalhe essa palavra, minha filha. Esse homem que ahi está fez de mim um ladrão.

— Que diz, senhor!? — atalhou ella.

« Esse homem não me deixou um bocadinho de pão do meu patrimonio. Eu tive fome, e minha mulher teve fome, fome e deshonra, a deshonra do pobre, que é o ser mais vil da creação. Forçado pela fome, delinqui, vendi-me aos que a roubaram, minha filha, fui eu o que fiz annullar o testamento de seu pai, Isaura; fui eu o

que fiz as lagrimas e as fomes de sua mãi; fui eu o que a puz á mercê da caridade d'um amigo que por sua morte a deixaria rodeada dos abysmos abertos em redor d'uma mulher pobre e innocente. Que hei-de eu fazer ao homem que me cravou no coração tantos espinhos de remorso? Como hei-de eu dizer as lagrimas que este malvado me tem feito chorar? Quantas vidas precisa ter este infame para me pagar a deshonra da minha?

Leonor, tornando a si, viera ajoelhar-se ao lado de Isaura. Jorge Ribeiro, conduzido pela mão de Roberto ao pé do barão, abraçára-o com phrenesi, humedecendo-lhe o rosto com as suas lagrimas.

« Agora é o cego que pede — disse elle com um tom de voz que apiedava os mais indignados — É o cego que pede em nome de vinte e seis annos de angustias de Leonor. Essa pobre mulher deve de estar morta, por que eu não a ouço supplicar. Onde estás, Leonor, que não ajoelhas aos pés de teu marido? Helena, vem aqui chorar commigo; Roberto, abraça os joelhos de teu pai, e diz á tua esposa que lhe falle a linguagem d'uma santa. Constantino, olha que Deus vê as vinganças dos homens, e pune aquellas que se anticipam á justiça divina. Constantino, eu receio que te caiam na consciencia como ferro fundido as minhas lagrimas, se as não attenderes. Perdôa, Constantino, perdôa! Diz-me onde está o desgraçado, meu Roberto! Sou eu, quero ser eu que o leve d'aqui...

E Jorge Ribeiro, guiado pelo sobrinho, deu a mão ao visconde, e atravessou com elle a sala. Ouvia-se o

soluçar das mulheres, e alguns circumstantes não escondiam as lagrimas compassivas. O barão, enleado nos braços de Leonor e Isaura, parecia estranho á sahida do visconde. Passados alguns segundos de espasmo, o barão ergue a fronte, respira como se espertasse d'um pesadelo, descerra dos labios descorados um sorriso que se irradia em contentamento por toda a face, aliza-se-lhe a fronte, cobram suave expressão os olhos, e diz com jovialidade:

« Meus amigos! aqui lhes apresento minha mulher, a irmã de minha mulher, casada com esse santo que pôde mais que eu; aqui teem meu filho, e a esposa de meu filho. Resta-me apresentar-me a mim. Quando precisei passar desconhecido na sociedade, comprei uma mascara, e consegui que me chamassem barão. Agora, meus amigos, desafivelo a mascara, rejeito-a com tedio, e a vós me offereço e recommendo como Constantino de Abreu e Lima...

Os hospedes, atordoados com tantas commoções, não gaguejavam sequer um lugar-commum. O barão proseguiu:

« A carta do meu amigo não reza de mais algum ladrão na nossa pequena sociedade. Se entendem em sua consciencia que ella está limpa de peçonha, queiram sentar-se. Os suspeitosos podem sahir, se lhes aprouver.

Sentou-se o barão, e sentaram-se todos. O jantar correu triste; mas, não obstante, os hospedes provaram que as commoções do espirito não prejudicam os direitos inalienaveis do estomago. Comeram bem.

EPILOGO.

O visconde de Villa-Secca sahiu do Porto, dias depois d'aquelle banquete onde o seu quinhão foi de peçonha, que, mais tarde, se lhe converteu nos intestinos em inflammação aguda. Soccorreu-se á philosophia do cynismo alvar, esgotou os recursos todos da medicina dos grandes miseraveis, mas nunca mais teve uma hora de descanço. A primeira distracção, que procurou, foi a das vindimas, nas suas quintas do Alto-Douro. Por lá esteve mez e meio, ralado de tristeza lenta, assalteado de sustos, aterrado por sonhos, intractavel, colerico, rabugento, repugnante á propria viscondessa que o desamparou, e volveu para os banhos de S. João da Foz.

Das quintas vindimadas partiu para Lisboa o viscon-

de de Villa-Secca. Ahi, os mesmos sobresaltos, os mesmos sustos, e a frequencia dos ataques de gotta, que o pozeram na espinha. Os filhos, que viajavam, escreveram-lhe então de um carcere de Londres, onde estavam presos por dividas, que absorviam um terço dos seus haveres. Esta nova infausta foi um ferro em brasa sobre a ulcera que lhe comia o peito. Faltava-lhe a suprema das angustias, a que devia dar-lhe o derradeiro repellão para o cemiterio dos Prazeres. Chegou por fim, com a certeza de que os bens do casal eram delapidados em favor de um casquilho da alta sociedade, que podéra conquistar o coração sexagenario de sua mulher. Romperam-se os diques da colera represada: Antonio José gritou, ululou, raivou, bramiu. Maria do Rosario ameaçou-o com o hospital de Rilhafoles.

Não houve que vêr. O visconde morreu hydrophobo, deixando á medicina a vangloria de ter succumbido a um terrivel typho.

Teve quatro necrologios o visconde. O primeiro dizia: « bom pai, bom esposo, bom amigo, e bom cidadão. » O segundo: « bom cidadão, bom amigo, bom esposo, e bom pai. » O terceiro: « bom esposo, bom cidadão, bom pai, e bom amigo. » O quarto: « bom cidadão, bom amigo, bom pai, e bom esposo. »

D. Maria do Rosario deu aos filhos o patrimonio que lhes pertencia, e levantou-se com cabedal sufficiente para manter os regalos do coração, que são carissimos aos sessenta annos. Vive ainda Maria do Rosario, e promette longa vida, por que, ainda ha pouco, os cabellos se lhe

tingiram pela quarta vez d'um negro de azeviche, que faz a inveja das mais opulentas tranças dos vinte annos.

Constantino de Abreu e Lima, com sua familia, sahiram do Porto para uma quinta nas visinhanças de Barcellos, um anno depois do tragico festim. Roberto Soares, e Isaura levaram Jorge Ribeiro a Londres para o fiarem dos celebres oculistas, que lhe restituiram a vista. O bom velho esteve a ensandecer de contentamento, nos braços dos sobrinhos. Logo que o alvoroço da alegria serenou, Jorge pediu que o trouxessem a seu cunhado, por que se arreceiava de morrer antes de vêl-o.

Hoje, 16 de Abril de 1858, a ditosa familia vive, acrescentada já por tres pimpolhos que completam as delicias da casa: são os tres filhos de Isaura, que andam de collo para collo, e aos quatro venturosos velhos afigura-se-lhes que o vento lh'os leva.

Falta dizer que Bento Pereira Farinho é escrivão de direito n'um dos melhores julgados do reino, e vem, tôdos os annos, beijar a mão de Constantino, a quem se não peja de chamar seu bemfeitor.

Não se pôde averiguar o destino que tiveram algumas pessoas, cuja importancia n'esta chronica não merece a pena de ser esquadrinhada.

O romancista, amigo do defunto Guilherme do Amaral, e de Roberto Soares, esse está ainda no rio de Janeiro arcando com a difficuldade de accumular cabedaes com que comprar um preto — sua derradeira aspiração.

FIM.